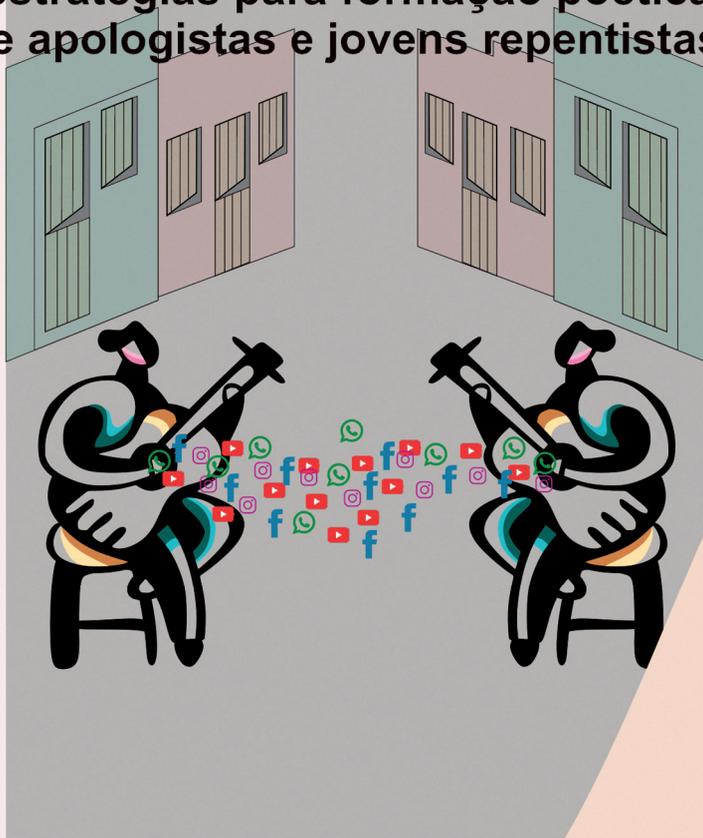


CANTORIA DE REPENTE NA CONTEMPORANEIDADE:

seus poetas em performance e memórias;
estratégias para formação poética
de apologistas e jovens repentistas.



Marcelo Vieira da Nóbrega

**Cantoria de repente na
contemporaneidade:
seus poetas em performance e memórias;
estratégias para formação poética de
apologistas e jovens repentistas**

Marcelo Vieira da Nóbrega

**Cantoria de repente na
contemporaneidade:
seus poetas em performance e memórias;
estratégias para formação poética de
apologistas e jovens repentistas**

Copyright © Marcelo Vieira da Nóbrega

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor.

Marcelo Vieira da Nóbrega

Cantoria de repente na contemporaneidade: seus poetas em performance e memórias; estratégias para formação poética de apologistas e jovens repentistas. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. 215p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-0337-9 [Impresso]

978-65-265-0336-2 [Digital]

1. Cantoria de viola. 2. Contemporaneidade. 3. Poetas. 4. Performance. I. Título.

CDD – 370

Capa: Petricor Design

Imagem da capa: Marlon Torres

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2023

PRÁ PENSAR...

A distância temporal que nos separa do passado não é um intervalo morto, mas sim uma transmissão geradora de sentido. Antes de ser um depósito inerte a tradição é uma operação que só se compreende dialeticamente no intercâmbio entre o passado interpretado e o presente interpretante.
(RICOUER, 1997, p. 379)

“De geração em geração, mudando de lábios, persiste a voz evocadora, ressuscitando o que não deve morrer no esquecimento”
(CASCUDO, 1984, p. 152).

*Pelas redes sociais
Só se fala em cantoria
Já tem verso improvisado
No WhatsApp todo dia
E isso é a ciência
Trazendo luz à poesia.
(Sextilha do jovem cantador
Sérgio Ricardo em Festival de
Cantadores na cidade de
Buenos Aires (PE), no dia
18/08/2018)*

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, matutos sertanejos e visionários na arte de educar.

À profa. Dra. Beliza Áurea de Arruda Mello (in memoriam), pelas duras, doces e eternas lições de vida, humildade, sabedoria e discernimento acadêmico.

Ao grupo de WhatsApp *Clube do Repente*, pelo aprendizado e o despertar da minha pequena substância poética, bem como pelas enormes lições na arte de estudar os principais gêneros que movem a cantoria de viola.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me mostrou, através do meu Catolicismo Sertanejo, que filho de pobre também tem voz e vez.

A meus pais, pelas lições de ética e correção de vida empreendidas em meio à dura existência sertaneja.

A minha esposa Ana Zulema e aos nossos frutos, Aninha, Marcelinha e Letoca, pela compreensão, paciência, parceria e amor devotados.

À profa. Dra. Maria Ignez Novais Ayala, pela colaboração competente e prestimosa nos ensinamentos, lições e orientações acadêmicas.

Aos muitos repentistas e poetas-apologistas colaboradores desta obra, pelas dicas e ensinamentos.

A Xico Nóbrega, meu irmão, jornalista cultural e pesquisador de Luiz Gonzaga, pelas valiosas contribuições.

A Marlon Torres, repentista e designer gráfico, pela arte da capa deste livro.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	15
PALAVRAS INICIAIS	19
INTRODUÇÃO	25
I. DOS “PAÍSES MONITORADOS/ POR SATÉLITES ESPIÕES” AO “CALOR DA CRIAÇÃO/ TÁ NO PARTO DA SEMENTE”: E A CANTORIA DE REPENTESE RENOVA	33
1.1 Primeiro confronto: Felipe Pereira e José Albino (Faixas etárias A x A). <i>Marcas do poder de Deus: do parto da semente, passando pelo sorriso da criança e culminando com a inspiração do repentista</i>	43
1.2 Segundo confronto: Felipe Pereira e Raimundo Caetano (Faixas etárias A x D): <i>“da corrida armamentista mundial aos crimes cibernéticos</i>	48
1.3 Terceiro confronto: Evaldo Filho e André Rodrigues (Faixas etárias A x A): <i>Da ação do gavião na captura do pinto, passando pela morada das abelhas e culminando com o lamento do idoso”</i>	54
1.4 Quarto confronto: Raulino Silva e Valdir Teles (Faixas etárias B x D). Das antigas <i>“máquinas de respeito”</i> que <i>“jogavam versos para o povo”</i> às <i>“novas árvores do repente”</i> : tradição e renovação necessárias na cantoria de viola	59
1.5 Quinto confronto: Raulino Silva e Raimundo Caetano (Faixas etárias B x D): <i>“tiro do cofre do meu juízo passes de inspiração”, da “mata que muda de pele”, da “cabra que dá banho no filho” até a “memória da Nintendo”</i>	72

1.6	Análise dos resultados decorrentes de tais confrontos	78
II.	A MEMÓRIA NA CANTORIA DE VIOLA	87
2.1	Cantoria na Fazenda: dos causos com Santino Luiz, Pinto do Monteiro ao abecedário	100
2.2	“De Manoel Xudu a Edmilson Ferreira”: A.B.C de memórias que fundem dramas familiares, seca, religião, cultura de massa, conjuntura política e fome	106
III.	O IMPROVISO DE VIOLA EM UM BRASIL POLÍTICO-PARTIDÁRIO: TEMAS PALPITANTES	119
3.1	Contexto político	119
3.2	Análise dos confrontos investigados	121
a)	EV03: Sextilha em Desafio	121
b)	EV09 (Mote em Dez: “A viola é o símbolo oficial/ Da bandeira imortal da cantoria”)	134
c)	EV10 (Sextilha: “Homenagem aos novos repentistas” no FENOGGER - Festival da Nova Geração do Repente - edição 2018.)	135
d)	EV11 (Sextilhas: “O que eu quero para o Brasil” e EV12 (Mote em Sete: “Não consigo confiar/ Na justiça brasileira”)	137
e)	EV13 (Mote em Dez: “Abra os olhos, Brasil, Chegou a hora/ De mudar os destinos da nação”)	142
IV.	CLUBE DO REPENTE, ONDE “A MEMÓRIA REDIZ A TRADIÇÃO/ VAI BUSCAR NO PRÉTERITO SUA ESSÊNCIA”	151
4.1	O Clube do Repente: composição, finalidades, dinâmica interna de funcionamento e temas prediletos	153
4.2	Produção poética de Apologistas e repentistas no grupo de WhatsApp Clube Do Repente: bases teóricas, resultados e discussões	158

4.3 A terra, o ser, a morte e a vida: temas prediletos abordados no <i>Clube do Repente</i>	163
4.4 “ <i>Lá no mato o gorjeio do concriz/ é a música da vida lhe chamando</i> ”: a poesia no <i>Clube do Repente</i> mediada pelos <i>emoticons</i>	172
CONCLUSÃO	199
PALAVRAS FINAIS	207
REFERÊNCIAS	209
SOBRE O AUTOR	215

PREFÁCIO

Viva a cantoria viva!
Cantoria de viola, dinâmica como sempre!
Uma pesquisa responsável!
Sinto-me representado por esta pesquisa!

É com muita alegria que recebo mais uma produção acadêmica sobre a cantoria de repente. Mas não se trata de uma produção qualquer ou apenas mais uma. Trata-se de uma pesquisa consistente, atualizada e imprescindível aos meios poético e acadêmico, desenvolvida pelo professor Marcelo Vieira da Nóbrega, tendo por título *A CANTORIA DE VIOLA NA CONTEMPORANEIDADE: SEUS POETAS EM PERFORMANCE E MEMÓRIAS; ESTRATÉGIAS PARA FORMAÇÃO POÉTICA DE APOLOGISTAS E REPENTISTAS*, sob orientação das professoras Dra. Beliza Áurea de Arruda Mello e Dra. Maria Ignês Novais Ayala.

É o tipo de produção cujo título resume de forma inequívoca o conteúdo apresentado. Marcelo escolhe a contemporaneidade como marco temporal da sua tese, lincando, naturalmente, a produção poética contemporânea ao legado conceitual e estrutural desta tradição multissecular e às perspectivas futuras para formação de novos repentistas e apologistas.

O recorte contemporâneo incrementa o desafio do pesquisador porque abre um leque de possibilidades infinitas tanto para o levantamento do corpus quanto para o seu esmiuçamento. Embora qualquer método de recolha e análise de dados requiera delimitações, a pesquisa de campo, por seu caráter exploratório, tende a trazer dados novos, contribuições que vão além de um olhar dessemelhante sobre dados já analisados.

Cada olhar diverso sobre o mesmo objeto consegue encontrar ângulos diferentes, particularidades jamais vistas; e quando se trata

da cantoria de repente, que está em constante movência e infinitos processos de ressignificação, temos a cada apresentação catalogada um olhar diferente sobre um objeto diferente, dada a sua dinâmica peculiar. Isso traz como resultado novas abordagens, atualizações consideráveis, impressões únicas. A possibilidade de plantar novas dúvidas, cultivar novos questionamentos e colher novas respostas é certamente o combustível que impulsiona o nosso ilustre pesquisador a fazer um recorte contemporâneo para o seu estudo.

Ciente de que na cantoria coexistem poetas de todas as idades e no afã de tornar mais didática a análise dos dados recolhidos – algo bastante comum na trajetória de um professor – Marcelo categoriza os cantadores em quatro faixas etárias (A, B, C e D). Essa subdivisão nos ajuda a compreender com mais clareza as transformações por que passa a cantoria na medida em que vão surgindo novas gerações de repentistas, conduzindo na bagagem o que herdamos do passado e o que constroem para o futuro, considerando todos os processos que influenciam as posturas coletivas e individuais nos mais variados contextos. O contato entre as gerações, as convergências e divergências e a relação com o público são pontos sensíveis oportunamente debatidos e analisados neste trabalho, graças ao levantamento de um banco de dados robusto, a bagagem preexistente do pesquisador e o seu compromisso com o objeto de estudo.

Já no segundo parágrafo dos esclarecimentos metodológicos o autor refuta “qualquer argumento oportunista” de uso do *Clube do Repente* – principal meio de coleta dos dados da pesquisa – apenas para esse fim. Isso porque ao fazermos uma revisão bibliográfica veremos que não são poucos os pesquisadores que se aproximaram de determinadas manifestações artísticas – cantoria de repente, por exemplo – com fins específicos de recolha de material, sem qualquer vínculo prévio e/ou, principalmente, posterior. Esse tipo de postura oportunista foi abordado por mim no discurso de formatura proferido no dia 07 abril de 2009, no teatro da Universidade Federal de Pernambuco, o qual concluí com um poema cuja estrofe final traz a seguinte crítica:

*Inda constatamos na universidade
conservadorismo, problema de cotas,
teses defendidas apenas por notas
e um muro entre ela e a sociedade,
a escola pública com necessidade
de infraestrutura, de bons professores,
novos aparatos, melhores gestores;
se nós somos frutos desses ambientes
e estamos na lista dos sobreviventes,
então, companheiros, somos vencedores! (grifo nosso)*

É pautado em postura coerente e reconhecendo o protagonismo dos sujeitos da sua tese que o autor torna ativas as vozes que compõem esse universo poético, registra momentos marcantes e capta ocorrências que fatalmente se perderiam no horizonte da efemeridade da voz. Esse caráter efêmero é o que Zumthor (1997, p. 264) chama de “instabilidade radical do poema”. Para o autor suíço, “o discurso poético oral é muito menos durável do que pensávamos ainda há pouco: seu dinamismo dissimula a fragilidade dos seus elementos linguísticos, vocais, gestuais”. Considerando que “a escrita é a fala transferida” (BENVENISTE, 2012, p. 50), perpetuar o eco dessas vozes através de registros acadêmicos – embora tantos outros se perpetuem na memória coletiva – é de fundamental importância para a história da cantoria de repente, uma maneira de fotografar textualmente, e em determinado recorte temporal, essa manifestação cuja irrepetibilidade da performance é característica inquestionável.

Há, porém, estruturas fixas basilares habilmente utilizadas por esses artífices da palavra cantada. A rima gráfico-sonora e o metro poético figuram entre as principais. A forma, no entanto, não interfere sobremaneira no conteúdo. Tais compartimentos pré-fixados e convenções sonoras pactuadas ao longo dos tempos abrem-se à inserção de atualizações linguísticas constantes. Essa adequação à linguagem dos novos tempos, expressão recorrente nas falas de jovens repentistas entrevistados, recebe um olhar especial do nosso

pesquisador até nos critérios avaliativos que desenvolve para análise dos improvisos em pés de parede e festivais.

Na condição de poeta apologista o autor traça estratégias de avaliação que podem ser adotadas pelas comissões julgadoras como aperfeiçoamento dos critérios já existentes. Marcelo analisa as performances que compõem seu corpus pela exploração às temáticas propostas, quantificando e avaliando os termos relativos a cada tema desenvolvido pelos repentistas. Para o critério qualitativo, sempre mais complexo, direciona o olhar à reação das plateias, que sempre tiveram a prerrogativa da aprovação ou da reprovação, pois “a interação com o público vivo pode interferir ativamente na estabilidade verbal” (ONG, 1998, p. 80) e, portanto, modificar critérios preestabelecidos.

Se “a prática poética se situa no prolongamento de um esforço primordial para emancipar a linguagem (ZUMTHOR, 2000, p. 57) é função acadêmica registrar os fenômenos que permeiam essa prática. Partindo dessa visão atualizada, dando protagonismo a repentistas e apologistas, este trabalho vai além da formalidade acadêmica, das regras da ABNT e de determinada quantidade de citações ou páginas. Tais parâmetros são importantes, mas não bastam. Os acervos das universidades já estão abarrotados de trabalhos assim. O que faz a diferença é o compromisso do pesquisador com a sua pesquisa, característica explícita deste trabalho.

Portanto, como repentista profissional sinto-me representado pela tese do professor Marcelo Vieira da Nóbrega.

Edmilson Ferreira.

Repentista profissional e doutorando em Literatura pela UFPE, com ênfase na cantoria de repente

PALAVRAS INICIAIS

Esta obra se destina a muitas mãos.

Em primeiro lugar, por se tratar de uma arte tradicionalmente popular – a do repente de viola –, dedico-a à grande nuvem de apologistas que não só apreciam a cantoria de repente, mas também aos “fiéis e anônimos mecenas”, através das muitas formas de bandejas tanto as presenciais como as virtuais, situação esta que ocorre em tempos de pés-de-parede virtuais, motivados pelo isolamento social fruto da pandemia. É com satisfação que submeto esta obra a esta população de apreciadores e ‘críticos’ da arte do repente, historicamente quase sempre invisíveis.

Em segundo lugar, muito contribuirá também para os novos apologistas no conhecimento dos processos que regem a dinâmica da arte do repente: os processos de renovação, seus repentistas, principais temas explorados na contemporaneidade, estrutura e funcionamento dos principais eventos, bem como as modalidades de cantoria mais trabalhadas, com as respectivas estruturas formais que as legitimam.

Em uma terceira dimensão justificadora, compreendo que a obra deve ser de grande valia para os estudiosos do tema na academia, em primeiro lugar porque dá o devido protagonismo científico a uma arte histórica e culturalmente tida como de borda. Percebo, neste sentido, que esta obra pode contribuir para preencher o grande vácuo, ainda presente hoje, que existe entre a produção do saber na academia e a sua funcionalidade no social.

A arte do repente, enquanto manifestação artística quase sempre não legitimada pelo chamado cânone poético tradicional, se tem a sua nascente e ressignificação no meio povo, precisa ter sua voz ecoada para espaços de pesquisa cujos efeitos ressoem a este mesmo povo, a quem a academia deve prestar contas.

É, portanto, nesta perspectiva que vislumbro a contribuição desta obra, fruto de tese de doutoramento UFPB/PROLING em 2020: poder

contribuir, à luz do saber científico, para que a cantoria de repente assuma, enquanto arte do povo, seu devido protagonismo.

Por outro lado, a obra se apresenta como de grande valia aos leitores em geral. A minha experiência com repentistas e apologistas diretamente envolvidos com a cantoria de repente me permitiu, a partir de um cuidadoso trabalho de coleta, seleção, sistematização e análise dos dados, poder afirmar que passei a ver esta arte de dentro para fora, isto é, dos seus bastidores para os palcos; daquilo que quase sempre acontece à margem das plateias, quer sejam nas modalidades pés-de-parede, quer nos festivais. Tudo isso só foi possível graças à rede de amigos apologistas e repentistas que conquistei, situação que me permitiu melhor me aproximar desse espaço e poder coletar com melhor precisão os dados que subsidiaram esta obra.

Investigo a inserção e projeção da cantoria de repente nas novas mídias sociais comandadas pelas diferentes plataformas de mídia, em especial no *WhatsApp*, considerando-se a grande quantidade de grupos criados, embora enfoque apenas as interações ocorridas no *Clube do Repente*, grupo de *WhatsApp* do qual faço parte ainda hoje, produzindo religiosamente meus versos.

Esta obra divide-se em 05 capítulos. A seguir resumo em poucas linhas cada um deles.

Na introdução, após contextualizar o tema e os objetivos da obra, abordo o contexto de surgimento da cantoria de repente no Brasil, com efeito, no Nordeste brasileiro, com ênfase nos primeiros registros da arte do repente na cidade de Teixeira (PB), seus primeiros repentistas e gêneros desenvolvidos. Em seguida, detalho, através de uma rápida linha do tempo, acerca da importância da cidade de Campina Grande (PB) no cenário de convergência e expansão da cantoria de repente, momento em que trato sobre a realização dos primeiros festivais, iniciados no final dos anos 40, em algumas capitais e cidades-polo do Nordeste, e cujo ápice ocorre nos anos 70, com a realização, em Campina Grande dos grandes festivais de repentistas, entre os anos de 74 e 77.

No Capítulo 01 investigo a produção poética de repentistas, ocorrida, em sua maioria, no ano de 2018, parte destes profissionais também participantes do grupo de WhatsApp *Clube do Repente*. Para tal obedeço aos seguintes passos: a) Categorizo os repentistas envolvidos nas peijas em quatro faixas etárias distintas: (A < 30 anos; B, entre 30 e 45 anos; C, entre 45 e 60 anos; e D > 60 anos); b) Investigo os comportamentos performáticos dos repentistas envolvidos, considerando os confrontos de cada um deles tanto com os de sua faixa etária como os ocorridos com outros de faixas etárias distintas, com ênfase na análise, sobretudo, da capacidade de atualização dos envolvidos em temas gerais abordados no universo da cantoria de repente.

No capítulo 02, dedicado especialmente à importante temática da memória na cantoria de repente, analiso as estratégias utilizadas por promoventes e repentistas para manterem aceso o fio da memória na cantoria de viola. Memórias, quase sempre perpetuadas pela tradição oral, “causos”, depoimentos, histórias e folclóricos relatos, envolvendo repentistas e/ou apologistas da arte do repente. Para tal, selecionei dois eventos de cantorias: um pé-de-parede ocorrido na Fazenda Deserto, município de Campina Grande (PB), entre os repentistas Zé Viola e Erasmo Ferreira, ocorrido em agosto de 2018, e uma cantoria em homenagem aos 20 anos de carreira do repentista Raulino Silva, ocorrida nas dependências do Restaurante Bessa Grill, em outubro de 2019, momento em que este repentista duplou com os seguintes repentistas: Biu Dionísio, Edmilson Ferreira, Valdir Telles, Acrízio de França e Sebastião Dias.

No capítulo 03, investigo as estratégias de repentistas, durante os desafios, para lidarem com a temática da política partidária. A partir da gravação de seis eventos distintos de cantoria, analiso de que forma este tema foi tratado por repentistas de diferentes faixas etárias, considerando-se que a maioria do *corpus* foi coletado em circunstâncias político-partidárias que coincidiram com o período pré-eletivo às eleições de 2018, com polarizações políticas explícitas que, de uma forma ou de outra, se refrataram nas suas produções.

Julgo bastante relevantes as notas de rodapé utilizadas neste capítulo, algumas relativamente longas. Considero importante trazer à memória do leitor os inúmeros escândalos políticos mencionados pelos repentistas, bem como os nomes das personagens envolvidas. Ao justificar a um dos repentistas envolvidos a minha intenção de dedicar um capítulo desta obra às inserções de temas da política, ouvi dele a seguinte recomendação: “Complete com seu texto o que os nossos versos não puderam dizer”. Espero que este capítulo possa contribuir para abrir os olhos do (e)leitor de memória mais descuidada.

No capítulo 04 investigo a produção poética, predominantemente de apologistas, ocorrida no grupo de WhatsApp *Clube do Repente*, momento em que analiso, a partir da minha experiência enquanto membro participante e apologista da cantoria de viola. Neste capítulo priorizo: estudar a dinâmica das relações estabelecidas neste espaço; analisar a produção poética de apologistas e repentistas, com ênfase nos gêneros e temáticas abordados na cantoria de repente; categorizar os diferentes tipos de *emoticons* utilizados nas interações, bem como os efeitos decorrentes de seus usos nestas situações de enunciativas.

Subdivido este capítulo nas cinco seções a seguir discriminadas: a) A cantoria de viola, as mídias sociais e os novos paradigmas: a minha entrada no Clube do Repente; b) O *Clube do Repente*: composição, finalidades, dinâmica interna de funcionamento e assuntos predominantes; c) Produção poética de apologistas e repentistas no grupo de WhatsApp *Clube do Repente*: resultados e discussões; d) Modalidades de cantoria abordadas no *Clube do Repente*; e) os *emoticons* no *WhatsApp*: sentimentos, (im)expressões, opiniões e inquietações de mundo que vão costurando a poesia no *Clube do Repente*.

Por fim, na conclusão analiso as perspectivas que se delineiam para a arte do repente, no momento em que, à luz do diagnóstico traçado, proponho algumas possibilidades concretas para incluir e/ou projetar cada vez mais a cantoria de repente em um cenário que lhe permita tutelar o seu verdadeiro protagonismo de arte do povo.

INTRODUÇÃO

De início, desejo esclarecer que escuto e/ou vejo cantoria de repente semanalmente. Apaixonei-me pelos versos improvisados. Antes, durante e após este período de pandemia, sou fã de um pé-de-parede, quer seja fisicamente, quer por meio das novas mídias sociais (instagram, youtube, facebook, etc).

Para justificar tal paixão, destaco 02 naturezas de influências. A primeira me leva diretamente à longínqua memória de infância, iniciada em 1974, quando assistia às performances do repentista e cancionista Eliseu Ventania (1924-1998)¹, que rotineiramente, nos sábados, cantava nas feiras do Mercado Público de Assu (RN) lendo, vendendo seus folhetos e improvisando versos. Esta cena me levou aos programas diários de cantoria de repente, que ouvia, entre os anos de 1974 e 1975, transmitidos pelas emissoras Rádio Rural de Mossoró (AM – 990 Khz), Rádio Rural de Caicó (AM – 830 Khz). Por fim, a leitura *Romance do Pavão Misterioso* que a minha professora de Língua portuguesa fez no 6º ano do Ensino Fundamental (antiga 7ª Série), no ano de 1977.

O interesse se consolidou no final dos anos 90, quando passei a assistir assiduamente aos festivais de repentistas realizados nas dependências do Teatro Municipal Severino Cabral, na cidade de Campina Grande (PB).

A cantoria de repente atravessa um momento ímpar na sua história, na medida em que invadiu os diferentes espaços de mídia eletrônica - através da expansão, via internet, do rádio e dos inúmeros recursos de áudio, vídeos e imagem – fato que lhe

¹ Cantador, notabilizado no mundo da cantoria como o Rei da Canção. Nasceu no Sítio Jacu, município de Martins (RN). Cantou ao lado de repentistas como: João Liberalino, Adonias Ferreira, Raimundo Mourão, Bentivi Neto, Patativa, Chico Traíra, dentre outros. Viveu a maior parte do tempo em Mossoró (RN). Cegou aos 60 anos. Recentemente, foi homenageado, emprestando seu nome ao complexo cultural Estação das Artes, em nesta cidade.

permitiu ampliar cada vez mais a condição peculiar de arte popular, com ênfase na publicização, promoção e mediação de eventos de cantoria bem como incentivo e formação de novos poetas e apologistas da arte do repente.

Por fim, a audição diária de programas de cantoria de viola, na cidade de Campina Grande (PB), em especial o *Universo dos Versos*, no ar há 15 anos, pela atual Rádio Caturité (FM – 104.1), e apresentado pelo poeta declamador e promovente de cantoria Iponax Vila Nova.

Hoje, crescente e abundante é o banco de memórias de eventos de cantoria de que dispomos em diferentes plataformas na internet, de áudios e vídeos disponibilizados nos diferentes suportes de mídias nas redes sociais (Facebook, Youtube, Instagram e blogs de diferentes repentistas) espalhados pelo Nordeste afora. Tais plataformas, além de suportes a esta grande memória, passaram a publicizar uma grande quantidade eventos de cantoria de repente, através de folders diversos, sobretudo a partir dos anos de 2010.

Por fim, o desejo motivado por necessidades acadêmicas. A partir de tais motivações, delimitei seis justificativas, a seguir discriminadas: a) O interesse em dar o protagonismo merecido às poéticas ligadas à voz e ao corpo no currículo dos cursos de Letras da Universidade Estadual da Paraíba; b) Necessidade de criação de cursos de extensão e/ou oficinas de poesia popular nas escolas públicas e privadas do Ensino Fundamental, por onde transitei por mais de 20 anos na função de professor de Linguagens; c) O desejo de contribuir, a partir da pesquisa científica desenvolvida na academia, para uma melhor organização e crescimento da cantoria de repente no eixo geográfico estudado.

Como não se pode transformar paixão em amor sem o regalo do conhecer, do experienciar, eu precisava de um ponto de partida, e este ocorre em 21 de dezembro de 2017, momento em que fui convidado a participar do grupo de WhatsApp *Clube do Repente*²,

² Fundado em 2015 pelo promovente de cantoria Iponax Vila Nova, compõe-se atualmente de 115 participantes, sendo 25 cantadores em atividade.

motivado, de início, pelos seguintes objetivos: conhecer e interagir melhor como o universo e bastidores da cantoria de viola, mais precisamente com os apologistas e repentistas; aprender as técnicas de escrita das modalidades mais utilizadas na cantoria de repente, bem como a dinâmica de funcionamento desta arte na contemporaneidade; e construir uma rede de colaboradores que pudessem melhor me subsidiar na coleta de dados para produção de tese acadêmica.

O *Clube do Repente*, como uma das muitas mídias de que dispõem os repentistas e apologistas para discutir e publicizar as questões próprias da sua profissão, se tornou, pedagogicamente, uma eficiente escola de aprendizes de novos apologistas na produção dos principais gêneros da cantoria de repente.

Nestas circunstâncias, minha atitude inicial foi ouvir, ler e aprender com os mais experientes as regras básicas de formulação das estrofes (sextilhas, décimas as mais comuns produzidas no grupo), marcadas fundamentalmente pelos três quesitos fundantes do cânone que rege a tradição de formatação das estrofes: rima³, métrica⁴ e oração⁵.

³ Julga-se a capacidade do cantador de estabelecer as rimas finais dentro da modalidade estudada. No caso dos congressos e pés-de-parede, de acordo com os seguintes esquemas: (Sextilhas: ABCBDB; Décimas: ABBAACDDC).

⁴ Corresponde à contagem das sílabas poéticas. (Sextilhas: 06 versos de 07 sílabas poéticas cada, com 3ª e 7ª sílabas tônicas; Décimas: 10 versos de 07 e 10 sílabas poéticas, respectivamente, Mote em Sete e Mote em Dez (Martelo, ou décima livre), com sílabas tônicas distribuídas da seguinte forma: Nos Mote em Sete: 3ª e 7ª; Nas Décimas: 3ª, 6ª e 10ª. Nos bastidores da cantoria tem se tornado comum a presença de cantadores que normalmente desmetrificam. Por questões de respeito à preservação das faces de tais profissionais – e por este fato não ter interesse para a pesquisa – os nomes serão preservados.

⁵ Considerado um dos quesitos mais importantes no universo da cantoria, refere-se à capacidade que tem o cantador de trazer os repertórios de conhecimentos (de mundo, empírico (popular), enciclopédico, teológico, filosófico etc) durante a sua performance. Tem a ver com a capacidade que tem o repentista de iniciar, dar continuidade e encerrar o assunto. Nos bastidores da cantoria o que se sempre se ouve são expressões do tipo: “todos têm a obrigação de rimar e metrificar. Quero ver é trazer o assunto”; “Conhece-se o bom cantador pela capacidade de puxar o

Em um segundo momento, iniciei a produção tímida de glosas e sextilhas, com a colaboração, às vezes nem sempre discreta, dos apologistas mais experientes.

Enquanto espaço que congrega repentistas e apologistas, o *Clube do Repente* passou a exercer pra mim grande importância, tanto enquanto fórum aberto de discussões acerca de questões próprias da cantoria de repente e seus profissionais, como suporte eficaz de divulgação de calendário de eventos.

Confesso que muito aprendi. Muitas e variadas foram as estratégias metodológicas de aproximação e interação com os repentistas, quase sempre bem-sucedidas. Passei sistematicamente a acompanhar eventos de cantoria, gravá-los, manter constantes contatos com estes profissionais, interagir no grupo de WhatsApp, receber alguns deles em minha residência, partilhar seus dramas, ouvir suas queixas, apreensões, aspirações, fofocas de bastidores da cantoria, causos pitorescos e desabaços frente às decepções e dissabores que a atividade da arte do repente eventualmente lhes proporciona.

Procurei me afastar de duas tentações que povoam os estudos das tradições orais que, para mim, são nocivas, reducionistas e, com efeito, têm relegado tais estudos, cada vez mais, à condição de margem e, no dizer de Batista (1997, p. 09), com seus poetas “caluniados e adulterados a valer”: o folclorismo e o apelo ao exótico, expressão esta de Ayala (2003).

Refuto o caráter folclorista na medida em que compreendo a cantoria de repente como arte presente, viva, em constante diálogo com o mundo, porta-voz dos anseios do povo e, com efeito, cultura de resistência, e não como resíduo do passado que tem sobrevivido

assunto”; ou “quem canta fora do assunto não é cantador”. Presume-se, a partir de tais constatações, que rima e métrica estariam associadas a componentes linguísticos da expressão poética e, portanto, critérios da superfície textual; e o assunto, a componentes semântico-conceituais. Em conversas reservadas com alguns cantadores, dentre eles Antônio Lisboa, referência, no imaginário da cantoria, de grande talento e conhecimento, ele defende que haja – na comissão julgadora – um profissional específico pra julgar apenas esse critério.

e que precisa ser registrado nos anais da academia ou de qualquer outro meio científico ou não. Compreendo que minha experiência com repentistas e apologistas, vivenciada tanto no *Clube do Repente*, como nas longas conversas travadas durante as muitas viagens para acompanhamento e gravação de eventos de cantoria, transcendeu à simples transcrição de dados e registros fotográficos. Sem me afastar da condição crítica de pesquisador, procurei me aproximar ao máximo - tanto nas descrições dos inúmeros eventos gravados em campo, quanto dos *scrap's* das conversas ocorridas no *Clube* – do lado mais indizível, oculto, que povoa a dinâmica da arte do repente, o dos bastidores. Optei, por exemplo, em acompanhar os festivais de repente a partir da condição de um apologista de bastidores, ou seja, tentando captar dados e impressões dos repentistas desde os camarins, momentos antes e após as apresentações das duplas. Nestes, pude captar informações valiosas que rondam o universo da cantoria, quase sempre obscuras quando o pesquisador se limita aos registros meramente audiovisuais. Para tal, a cadeia de interação com repentistas, promoventes e apologistas foi crucial na coleta dos dados: não só as entrevistas, mas também a oitiva de suas alegrias, impressões, aspirações, silêncios e até frustrações e desabafos pelo insucesso financeiro da bandeja na noite (em caso de pé-de-parede) e/ou a 'injustiça' no julgamento da comissão (quando se tratava de festival). Se os protagonistas são os repentistas procurei, nas coletas de dados, não me esquecer desta condição.

Ilustração 01 – Foto: pesquisador com apologistas amigos em evento de pé-de-parede. Restaurante Vila Antiga, Campina Grande (PB), 2019.



Fonte: Arquivo pessoal.

Portanto, durante a coleta dos dados 02 desafios passaram a fazer parte da minha rotina: a preocupação com o necessário distanciamento crítico entre pesquisador e colaboradores, crucial para a eficácia e credibilidade dos dados coletados, e a busca do que Geertz (1989, p. 15) chama descrição densa. Percebi que a rede de amigos colaboradores (repentistas e apologistas) que construí foi determinante para atingir alguns resultados que julgo satisfatórios. Quando há amizade, há respeito, tolerância, sinceridade e, com efeito, estabelecimento de limites. Estes valores para mim foram fundamentais para a salutar e equilibrada aproximação com tais profissionais do repente, pressupostos basilares para a pesquisa de tese de doutoramento que resultou nesta obra.

Com tais providências teórico-metodológicas, tomadas durante a coleta dos dados para a pesquisa, espero não ter obscurecido as visões de mundo dos verdadeiros sujeitos, os repentistas e apologistas. Compreendo que a proximidade crítico-interpretativa do pesquisador com seus colaboradores, com base

nas estratégias por ele utilizadas, é diretamente proporcional à eficácia e lisura dos resultados obtidos.

Procurei, fundamentalmente, ouvir suas vozes, quase sempre na condição de aprendiz no grupo. Entretanto, tentando equilibrar minhas subjetividades com a busca dos necessários tratamento e rigor analíticos.

Busquei sempre uma *narrativa sincera*, expressão de Taine, reproduzida por Euclides da Cunha na Nota Preliminar de *Os Sertões*:⁶ naquilo que pude, conservei o desenho dos acontecimentos, mas não mudei as suas cores; tentei retratar os fatos, entretanto sem desfigurar a sua alma.

Enquanto membro do *Clube do Repente*, pude imergir, pelo menos nesta condição, nas discussões e produção poética que nele foram suscitadas, sempre com o objetivo de compreender o que Ayala (2003, p. 105-106) chama de “camadas mais ocultas daquilo que está sendo analisado”.

Portanto, a complexa compreensão e tradução dos fenômenos que ocorrem nas relações que envolvem as culturas das vozes exige, ainda segundo esta pesquisadora, uma entrega total de “sentidos e emoções não policiadas” (Op. cit. p. 106). Assim, a única precaução da qual me revesti foi policiar-me contra o exotismo, postura metodológica que vislumbra as culturas populares apenas com olhar folclórico, limitado a uma visão estreita, anticientífica e anacrônica.

Para a coleta dos dados, lancei mão dos procedimentos a seguir discriminados.

Inicialmente, meu ingresso no grupo de WhatsApp intitulado *Clube do Repente*, no dia 22/12/2017, através de convite do seu coordenador Iponax Vila Nova, mediado pelo apologista Rangel Júnior.

Em seguida, cataloguei os eventos de cantoria de repente (festivais e pés-de-parede), possíveis de catalogação, realizados

⁶ Cf. CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. (*Campanha de Canudos*). Texto integral. 6ª reimpressão. São Paulo: Martin Claret, 2013 (p. 20).

entre 22/12/2017 e 21/05/2018 na região que denominei de Pentágono da Cantoria de repente, compreendido entre os estados de Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco. Através de notícias veiculadas, por meio de folders e anúncios, no *Clube do Repente*, nos eventos dos quais participei, em programas de rádio, no Facebook (que hospedam muitas extensões de programas de rádio que transmitem cantoria), em blogs pessoais de repentistas ou até mesmo através de notícias que circulavam entre os próprios repentistas. Tracei como objetivo para esta primeira etapa investigar a incidência dos eventos, bem como a natureza das formas de publicização destes no *locus* selecionado.

Em um terceiro momento, cataloguei as produções poéticas – proposição e desenvolvimento de motes e de sextilhas - no lapso temporal acima, de apologistas e repentistas participantes do *Clube do Repente* com o objetivo de investigar a natureza dos temas tratados.

Em seguida, parti para a etapa propriamente de campo, através do acompanhamento de repentistas e apologistas para inúmeros eventos de cantoria de repente, realizados tanto em cidades da Paraíba, como de Pernambuco, processo sempre acompanhado de observação direta, conversas informais, entrevistas, além da gravação, transcrição e análise de 13 eventos de cantoria de repente (pés-de-parede e festivais), que denomino de *Memórias de Cantoria*, ocorridos entre janeiro e agosto de 2018.

A partir desta coleta de dados, em uma etapa seguinte, delimito a análise para os diferentes confrontos envolvendo 08 duplas e 12 repentistas, distribuídos de acordo com as seguintes faixas etárias: A (< 30 anos); B (Entre 30 e 45 anos); C (Entre 46 e 60 anos); e D (> 60 anos) com o objetivo de investigar as performances de cada um deles, quando dupla com repentistas de mesma ou de diferentes faixas etárias.

Por fim, transcrevi, na íntegra, todas as produções poéticas de apologistas e repentistas ocorridas no *Clube do Repente*, entre os dias 19 e 23/02/2018, com análise delimitada às performances dos dois motes mais glosados, respectivamente, nos dias 21 e 23/02/2018.

Objetivei analisar os comportamentos, linguagens, produções poéticas de repentistas e apologistas, bem como as diferentes formas de utilização dos múltiplos recursos de que dispõe a mídia do WhatsApp enquanto suporte de interação entre repentistas e apologistas participantes do *Clube do Repente*.

Devo esclarecer que na coleta de dados em campo, seja nas gravações ou nas entrevistas, mantive-me, na medida do possível, fiel aos originais. Enquanto transcrição de texto popular de base oral, a fidelidade às nuances marcadas pelo fenômeno da oralidade é pressuposto fundante não só para esta obra, mas para quem assim deseje se aprofundar a partir dela.

Muitas foram as leituras que contribuíram para esta proposta. Inicialmente, o conceito de cantoria de repente, proposto por Ayala (1988), continua atual. Os estudos de Candido (2006) são importantes para tratar da tríade indissociável de relações, no fazer poético, entre autor (repentista) – obra – e público (ouvinte e/ou apologista), sem a qual não há cantoria. Finnegan (1975; 2005) e Zumthor (1993; 2005; 2010; 2014) contribuem para as compreensões de performance e vocalidade, conceitos fundamentais para as poéticas do oral. Canclini (2008) foi decisivo para quebra de antigos e danosos paradigmas que consolidavam o mito do exotismo e folclorismo clássico típicos nos estudos da cultura popular e suas diversas perspectivas adotadas na Europa do séc. XVIII e seguintes. Por sua vez, para o conceito de literatura popular e suas inúmeras variações, lancei mão dos olhares de Finnegan (2016), Calvet (2016), Schipper (2016), Ayala (1997; 1998; 2003; 2010; 2015), Terra (1980), Arantes (1982). Benveniste (1989; 2014), Bakhtin/Voloshinov (2006) e Zumthor (2014) são fundamentais para as perspectivas de enunciação e dialogismo.

Para categorizar a mídia do WhatsApp enquanto inserido na chamada cibercultura, lancei mão dos conceitos de cibercultura, mídia eletrônica, bem como outros correlatos, de Rudiger (2011), Levy (1999), Santaella (2003), Castells (1995; 1999; 2000; 2002; 2004). Já para as compreensões de tradição recorri a Ricoeur (1997).

Por fim, para as perspectivas de memória e seus desdobramentos recorri aos conceitos de Benjamin (1987), Halbwachs (1990) e Bosi. (1994; 2003).

I
DOS “PAÍSES MONITORADOS/ POR SATÉLITES ESPIÕES”
AO “CALOR DA CRIAÇÃO/ TÁ NO PARTO DA SEMENTE”:
E A CANTORIA DE REPENTE SE RENOVA

Helânio cantando bem
Serra de São Pedro acima
Tem Felipe de Natal
Tem Gabriel de Campina
Prá dar continuidade
À cultura nordestina.
(Repentista Raulino Silva)
Eu vi nos telejornais
A greve dos carreteiros
Contra o aumento do gás
Contra os impostos grosseiros
E a mão dos seus políticos
No bolso dos brasileiros.
(Repentista Felipe Pereira)

De início, como já afirmei antes, adoto a nomenclatura *Jovem Repentista* aos profissionais colaboradores das duas primeiras faixas etárias já delimitadas, quais sejam: A < 30 anos (Marcelane Araújo, Helânio Moreira, Felipe Pereira, José Albino, Jairo Silva, Jeferson Silva, Adailton Costa, André Rodrigues, Marlon Torres e Evaldo Filho); e B, entre 30 e 45 anos (João Lídio, Raulino Silva, Acrízio de França, Sérgio Ricardo, Erasmo Ferreira e Luciano Leonel).

Os jovens repentistas, faixa etária bastante expressiva, correspondendo a 44% do total dos colaboradores, representam um potencial promissor para os quadros da cantoria de repente no futuro.

Com efeito, alguns dados chamam atenção. Metade dos colaboradores entrevistados foram influenciados e/ou ouviram cantoria pela primeira vez por meio do rádio. Hoje, inegável é a importância desta mídia para a projeção da cantoria na

contemporaneidade, mesmo que hibridizada em diferentes plataformas de mídia social.

Os demais colaboradores sofreram influência de familiares, que eram, ora apologistas, repentistas ou cordelistas. Os depoimentos de Helânio Moreira, Felipe Pereira e João Lídio, na sequência, ratificam a importância do rádio enquanto instrumento de divulgação da arte do repente, mesmo na contemporaneidade:

Na verdade, o interesse pela cantoria vem desde eu criança. Aí... com meu pai... eu ouvia um programa que tem na rádio Serrana, em Araruna. Que na época que eu comecei a ouvir ele era denominado *Poesia, Verso e Viola*. Hoje mudou: o título é *Isso é Nordeste*, mas é o mesmo programa. Então meu pai era um ouvinte fiel desse programa e eu cresci ouvindo ele gostar da poesia, dos repentistas e eu também adquiri o mesmo gosto. (Helânio Moreira).

Era um sábado de manhã, e eu ligado muito no rádio, escutei um programa chamado *O Nordeste, a Sanfona e a Viola*, em Natal, apresentado por Jomar Dantas, radialista conhecido. Comecei gostando. Tocava forró, os repentistas. Até então não conhecia, comecei a gostar, comecei a frequentar o estúdio onde o programa era apresentado, comecei a gostar do programa e depois de umas duas ou três semanas escutando, sendo ouvinte assíduo da programação, ele divulgou uma cantoria com Sebastião da Silva e Zé Cardoso. E aí eu convidei minha mãe e minha vó prá que elas fossem comigo assistir à cantoria. Então, esse foi meu primeiro contato. A cantoria era dentro de um projeto chamado Sexta do Repente, projeto do Governo do Estado, coordenado por Amâncio Sobrinho, que é um aboiador de grande importância na área de organização de projetos de cantoria em Natal. (Felipe Pereira).

Rapaz, comecei ouvindo um programa em Caruaru. Eu tinha de 12 prá 13 anos. Naquele tempo era o auge do programa na rádio Liberdade em Caruaru. Ivanildo Villanova, Raimundo Caetano... Acho que João Lourenço já estava na época. E estava passando exatamente Ivanildo Vila Nova e Raimundo Caetano. Desse dia em diante eu comecei ouvindo e acompanhando e pesquisando, e buscando outros... Outros programas. Até que chegou o tempo, de cantar, acho com 18, 19... (João Lídio).

Os depoimentos acima apenas ratificam - para esta geração de repentistas, nascida ouvindo rádio, entre o limiar dos anos 70 até aproximadamente a metade dos anos 90 – o que os estudos de Ayala

(1988) já demonstravam, a partir dos anos 70: a importância desta mídia enquanto espaço privilegiado de divulgação da cantoria de repente e, sobretudo, de mídia pessoal destes profissionais, responsável pela interação direta entre repentistas e público.

Com a peculiar capacidade de driblar as inúmeras adversidades que lhes são impostas, os repentistas historicamente se moveram nos diferentes suportes de mídia – hoje invadindo as ‘lives’ de programações de emissoras de rádio nas redes sociais, através da velha “compra de horário no rádio” já tratada por Ayala (1988, p. 31) – superando as dificuldades e promovendo a cantoria. Neste sentido, assim se referiu esta pensadora:

Os repentistas se situam no limite entre culturas e se relacionam com as diferentes esferas culturais: com a indústria cultural (rádio, disco e, às vezes, televisão) e com as instituições oficiais, outro agente poderoso de controle, que sob o pretexto de ‘amparar’, ‘preservar’, ‘reconhecer’ a cultura popular, muitas vezes a falseia e domestica. (AYALA, 1988, p. 33).

Especialistas em tirar proveito político, e com efeito econômico, em quase todas as instâncias de poder nas quais se envolvem, os repentistas conseguem manter certa linha de independência frente a tais agentes de controle – quer seja Estado ou iniciativa privada – resistindo, sob as mais diversas formas, às pressões dos agentes controladores, quase sempre os mais poderosos, e transitando com certa liberdade nos diferentes suportes e instâncias do poder organizado.

Nesta perspectiva, duas iniciativas recentes merecem destaque especial, ambas através da iniciativa do promovedor Iponax Vila Nova. A primeira a garantia, junto ao Poder Público Municipal, da reinclusão, na programação do São João de Campina Grande (PB)⁷, edição de 2020, de apresentações de violeiros e emboladores de coco. A segunda, a realização do projeto intitulado *De repente no Partage*⁸, apresentações semanais de repentistas, nas terças-feiras,

⁷ Notícia veiculada no dia 16/07/2019 e disponível em: >www.campinagrande.pb.gov.br<. Data da consulta: 23/07/2019.

⁸ Disponível em: >partagecampina.com.br<. Data da consulta: 25/07/2019.

entre os dias 11 de junho e 02 de julho de 2019, nas dependências da Praça de Alimentação deste shopping, na cidade de Campina Grande (PB), com transmissão, via Facebook, e com direito – através de telão instalado no local – a pedidos online de motes e assuntos para sextilhas.

Os demais colaboradores alegam, em seus depoimentos, que as influências de familiares, do cordel e de referências de repentistas contribuíram para que eles ingressassem na profissão. O repentista Raulino Silva, por exemplo, atribui o seu ingresso, aos 17 anos, na profissão, por força da influência do seu avô:

Meu avô gosta muito de cantoria e foi quem me apresentou os primeiros discos: Diniz Vitorino, com Manoel Xudu, com Ivanildo Vila Nova, Zé Faustino, o pai de Ivanildo, grandes repentistas. Mas... Assim... Eu nunca gostei de cantoria, não! Comecei a gostar mais perto dos 17 anos... despertar prá cantoria...Adquiri o gosto de cantoria.

Já Acrízio de França e Marcelane Araújo atribuem o gosto pelo repente às influências dos familiares, todos repentistas e/ou cordelistas. O primeiro, residindo atualmente na cidade de Catolé do Rocha (PB), alega a forte ascendência poética de seus familiares, que se destacaram no cordel:

Esse gosto pela cantoria vem porque minha família todinha praticamente, de 100 por cento, eu acho, que uns 98 por cento, da família é poética. Então, Belarmino de França, que... meus ancestrais, então... além de um grande repentista, foi um dos maiores glosador... e... e... e isso me ajudou muito. Os meninos... como todo mundo da minha família canta repente, faz versos, uns com os outros, eles faziam brincando e eu fazia também. E quando eu fazia, eles diziam: “rapaz, você é diferenciado”. Aí eu dizia: “Mas por quê?”. ‘Porque sua voz é melhor. É melhor e ritmada., uma voz diferenciada, um vocabulário diferenciado, porque naquela época eu já tinha aquela moda de ler um... um folheto de *Pedrinho e Julinha*, *Cancão de Fogo*, *O Reino da Pedra Fina* prá meu pai, né? Eu já tinha uma certa voz, eu já tocava violão, né?

Por fim, a repentista Marcelane Araújo, de apenas 20 anos, espelha-se no seu pai, Chaguinha da Viola, com quem dupla, atuando na região de Esperantina, Picos, Teresina, e outras cidades do Piauí.

Os relatos acima corroboram o que Ayala (1988, p. 103-105) já investigara acerca do processo de formação do repentista. Os depoimentos dos repentistas Sebastião da Silva⁹ e Severino Feitosa,¹⁰ coletados pela pesquisadora, apontam para quatro passos iniciais, influenciadores na formação dos profissionais da viola: “a) audição e leitura de folhetos; audição de cantorias; b) aceitação e estímulo de familiares e da comunidade; c) instrução dos mais experientes na construção da poesia; e d) convívio com repentistas”.

Ao serem questionados acerca da importância da memória na produção de seus improvisos, alguns pontos de vista defendidos chamam atenção. O primeiro deles refere-se à forte influência que os motivos sertanejos exercem na produção de seus improvisos, não obstante alguns repentistas serem de origem urbana. Enquanto lastro de referência para a produção poética, o Sertão consolida-se, no cânone da cantoria de repente, como uma base criadora, legitimada, por exemplo, no depoimento do jovem repentista Helânio Moreira, de origem rural: “*Sim. Você tem que ter uma base, né? Para seus trabalhos você tem que ter uma base. Então, você se baseando em fatos passados... Você só tem futuro se tiver passado*”. Enquanto oxigênio da tradição, na perspectiva de Ricoeur, a memória reclama ser revisitada – através da reanálise dos espaços de experiências (E.E) passadas – para que construamos um horizonte de expectativa (H.E) que não se perca na eterna utopia. Sem este exercício mata-se a tradição, porque se encurta tal distância entre um passado, que deve ser inconcluso e incerto, e um futuro cujas perspectivas possam minimamente ser vislumbradas, sobretudo na tarefa de pensar cientificamente as culturas populares, dentre as quais enquadrámos o sistema de cantoria de repente, cuja gênese, expressão artística e perspectivas de

⁹ Cantador paraibano, nascido em 1944, na cidade Pilõezinhos. Residindo atualmente na cidade de Caicó (RN), se recupera de grave enfermidade.

¹⁰ Cantador nascido em Santa Terezinha (PE), em 1948. Atualmente reside em Campina Grande (PB) onde apresenta um programa diário de cantoria e viola (das 05h às 06h), de segunda a sexta-feira, na Rádio Campina Grande FM – 93.1.

sobrevivência dependem fundamentalmente da força da memória. E esta parece estar, no imaginário do repentista, muito arraigada no Sertão. Este fato é bastante presente no depoimento do repentista Felipe Pereira, que dupla com Helânio Moreira:

Pois é. Eu sempre dizia assim em festivais com Helânio, ou outros repentistas: “Ó, se o assunto for Sertão, você pode partir” (‘Partir’ aqui entendido como iniciar a estrofe). A gente viajando perde a dificuldade de cantar Sertão. Mas não é com a mesma facilidade de quem trabalhou na roça. De quem tem a família toda trabalhando na roça. Por exemplo, Helânio, até os dezoito anos de idade trabalhava na roça. Ele plantava, cuidava de bois... até um dia desses vendia boi. Tinha me falado que tinha vendido um boi. Então, a gente sabe que ele aquela história ligada à cantoria, né? A parte do Sertão, a parte rural, né? E quando cai o assunto o trabalhador rural, você acha que é mais fácil alguém falar do assunto alguém que até os dezoito anos trabalhava na roça ou um menino que gostava de *animis*, de desenhos, falar sobre o trabalhador rural? A gente vai falar por cima... O trabalhador rural sofre isso..., mas o outro vai dizendo... Tem como colocar poesia a mais no assunto devido ao conhecimento que tem, né?

O caráter pragmático, reconhecido pelo repentista em “*Tem como colocar poesia a mais no assunto devido ao conhecimento que tem, né?*”, atribui grande poder à força das memórias, para muitos repentistas confundidas apenas como lembranças do passado. Admite que seu companheiro, em função de sua origem rural, pode trazer maior riqueza poética aos seus improvisos.

A participação dos repentistas no grupo de WhatsApp *Clube do Repente* obedeceu à seguinte distribuição: dos 34 repentistas participantes dos 13 eventos de cantoria memoriados, 44% (15 profissionais) pertencem ao *Clube*, de acordo com a seguinte distribuição por faixa etária: 80% destes (12 repentistas) são jovens, com idades até 45 anos; 37,5% (03 profissionais) pertencem à faixa etária C. Não há repentistas da faixa etária D participantes do *Clube*.

A intensa convergência da cantoria de repente para o estado da Paraíba, mais especificamente para a cidade de Campina Grande, contrasta com a grande escassez de profissionais naturais

deste estado. Dos 34 colaboradores, diretos¹¹ e indiretos¹², mencionados no recorte estabelecido, sete são naturais da Paraíba. Destes apenas André Rodrigues (residente em Livramento), Evaldo Filho (Sumé) e Manoel Messias (Catolé do Rocha) residem neste estado. Já os repentistas Severino Feitosa e Ivanildo Vila Nova, embora pernambucanos, reside em diferentes cidades: o primeiro em Campina Grande e o segundo em Acari (RN). Os demais se estabeleceram em diferentes cidades dos estados de Pernambuco, Piauí, Ceará e Rio Grande do Norte.

O caráter estratégico do ponto de vista geográfico e econômico da cidade de Campina Grande (PB) pode explicar o grande deslocamento de repentistas para esta região. Iniciativas como a do FENOGGER (Festival da Nova Geração do Repente), do Estado x Estado e até do FEMI (Festival das Mulheres no Improvado) trazem renovação para os quadros da cantoria de repente. Em entrevista concedida em janeiro de 2018, na cidade de Campina Grande (PB), ao tratar da importância desta renovação, bem como da força que esta cidade exerce para a divulgação da cantoria, o promotor Iponax Vila Nova assim se referiu

É bom dizer que o que eu faço hoje Ivanildo já fazia em 78, a Noite das Revelações em 78. Ele foi prá Pernambuco e fez três FENOGGER. Então, Luciano Leonel, Raulino, Acrízio, Jonas Bezerra, todos eles participaram do FENOGGER que Ivanildo promoveu. A ideia é bacana, tanto é que, em Fortaleza, depois que eu fiz um, fez um também; Sumé... então, voltando ao meu aqui, possa ser que nenhum deles tenha tido a estrutura que utilizei. Já, no Estado x Estado, fiz a mesma coisa. A diferença era nos outdoors, mas o mesmo tratamento, inclusive o mesmo cachê prá os novos. Por quê? São da

¹¹ Cantadores entrevistados e com performances gravadas: Raulino Silva, Hipólito Moura, Felipe Pereira, Zé Viola, Sebastião Dias, João Lourenço, Acrízio de França e João Lídio. Além destes, dois colaboradores entrevistados não foram incluídos nesta lista: a cantadeira Marcelane Araújo – cujas performances não foram gravadas, em função da dificuldade de locomoção até a cidade de Esperantina (PI), onde mora; e o promotor Iponax Vila Nova, cujas performances foram gravadas durante os eventos de pés-de-parede.

¹² Os demais repentistas que colaboraram apenas com as performances orais gravadas.

nova geração, precisam ser apresentados, mas já cantam... há cinco, seis anos são feras, mas precisavam de um vestibular, de um teste de fogo, hoje esse texto se chama Campina Grande. Voltou a ter aquele status dos anos 70. Campina está sendo hoje o que foi nos anos 70; Caruaru, nos anos 80; você está entendendo? Houve um hiato, eu estou só tentando me lembrar e continuar essa história. Então, no ano passado, o teatro estava bonito... não lotou do jeito que eu queria... esse ano eu vou batalhar para lotar mesmo... então, o camarim é o mesmo, o cachê é o mesmo, a comissão julgadora é a mesma, a folha prá cantar na mesma dificuldade dos feras, dos veteranos... Aí, falando da qualidade... eu conheço ... eu poderia, só prá situar, o ano passado, a gente fez com 10 repentistas, esse ano mais 10. Eu poderia trazer esse ano mais dez diferentes. Tem. Tem mais no CE, cinco ou seis; em PE tem três; PB tem quatro; PI tem menos. Está entendendo? RN muito menos. A dificuldade é essa, por conta do formato do FENOGGER, porque eu trazer um representante de cada estado. Se fosse prá trazer aleatoriamente, sem problema, mas da forma como a gente quer tem que ser um do RN, outro do PI. Do PI, no ano que vem, eu posso fazer um rodízio ainda, mas prá 2020, tem que surgir mais gente. Às vezes tem, mas você num sabe. Às vezes, assim... uma coisa encantada. 'Rapaz, apareceu um menino cantando em PE; apareceu um cantando no CE agora'. É assim de uma hora prá outra. O que a gente já tem noção tem uns 25. Mas, vamos deixar bem claro... 17, 18 anos até 25, 26 anos, entendeu? Marlon, 28, que volta esse ano. Agora, é o seguinte: O Felipe Pereira, digamos que a cantoria fosse o futebol. Eu já tinha comprado o passe de Jairo Silva, Jeferson Silva, Helânio Moreira, Felipe Pereira, Joao Lídio e Evaldo Filho (Grifos nossos).

O promovente menciona a importância de Ivanildo Vila Nova como agente impulsionador na renovação dos quadros da cantoria e um dos pioneiros na realização de grandes festivais, dentre os quais o FENOGGER. Ao discutir acerca do crescimento da cantoria em nossa cidade, relembra três grandes momentos: o primeiro deles refere-se ao que chama de *boom* da cantoria, com a grande explosão do repente nos anos 70, através da realização dos festivais em Campina Grande e região a ela polarizada, entre os anos de 74, 75 e 76, com a participação da Casa do Repentista e da Fundação Universidade Regional do Nordeste; um segundo, que denomina de 'hiato', em termos de realização de eventos, ocorrido entre os anos 80 e o início dos anos 2000, segundo ele em decorrência de ingerências político-partidárias ocorridas sobretudo na Casa do

Cantador, de Campina Grande, conforme veremos na sequência da conversa:

Então, eu cresci vendo os grandes festivais... O 'boom' da coisa, 74, 75, 76. Aí morreu nos anos 80, mas aí eu vi que a culpa num era somente, do povo da cantoria, mas de quem promovia. Atrেলou a cantoria à política, né? Então, quando o político tava bem, 'vamos fazer um grande evento', quando num tava... Diretamente ligado à Casa do Repentista, eu vou responder aí... porque era a Casa do Repentista, a Associação de Repentistas Nordestinos que fazia o Festival Nacional de Repentistas de Campinha Grande, né? Então, se se mantém naquela linha de se fazer todo ano já se estaria com quase 50. Quarenta e poucos festivais, né? Mas aí, entregaram a um determinado grupo político, né? O erro foi aí. Aí eu disse: 'mas, rapaz, Campina Grande sem nada?'. Eu disse: 'eu vou promover, eu vou promover, senão a coisa vai acabar.'. Eu não pensei primeiramente em mim, ali. 'Vou promover porque dá prá viver da coisa, e... foi difícil demais, muito difícil, muito complicado'. Mas... eu nunca desisti... Não... Não...O foco é esse... Mas... quando eu vi a turma da internet aparecendo... foi outro receio, mais prá frente uns 3... 4 anos... Deu receio... Mas aí foi o contrário... Abriu portas. Então, hoje eu tenho certeza absoluta que a cantoria, no mínimo, do jeito que ela tá hoje, nesse estilo que ela tá hoje, entendeu... ela possa ser que... Ela vai ressurgindo.

E por fim, a partir dos anos 2000 o promovente declara que se sentiu motivado a retomar o projeto de realização de eventos, momento em que, segundo ele, por força da internet, a arte do repente adquire novos ares de divulgação. É neste contexto de ascensão das mídias eletrônicas, comandadas pela expansão do rádio na internet, sob os mais diferentes matizes tecnológicos, que a cantoria de viola, a partir do início dos anos 2000, toma novo impulso. *O Clube do Repente*, na versão física, criado em 2005, potencializou-se pelo grupo de WhatsApp de mesmo nome, surgido 2015. Quando associados aos programas radiofônicos que passaram a publicizar nos perfis sociais da internet inúmeras programações de cantoria, foram de grande importância para o impulso da arte do repente a partir dos anos 2000.

Utilizei duas estratégias metodológicas para investigar as suas relações com a arte do improvisado. Nas entrevistas, avaliei as suas

impressões a partir de aspectos como: origens, memórias, influências, produção poética, interação com o público, bem como o que pensam acerca do futuro da arte do repente. Em um segundo momento, com base no procedimento metodológico que aqui denomino de *Memória de cantoria*, descrevi, por meio da observação direta em campo e gravação em mídia eletrônica,¹³ eventos distintos de cantoria, distribuídos de acordo com as seguintes modalidades: seis pés-de-parede e sete festivais. De todos os registros de gravação, em apenas 01 deles - Festival de Repentistas da Nova e da Velha Geração.

Com o objetivo de investigar, nas *Memórias de cantoria*, os temas preferidos por esta geração de repentistas, delimito a análise para 05 confrontos envolvendo 07 repentistas de diversas faixas etárias, conforme distribuição no quadro a seguir.

Quadro 01 – Confrontos entre repentistas de diferentes faixas etárias.

Dupla/Faixa etária	Modalidades	Assunto/tema	Local e data de realização
Felipe Pereira (A) x José Albino (A)	Festival/ Sextilha	<i>O poder de Deus</i>	II Fenoger. Campina Grande (PB) 14/04/2018
Felipe Pereira (A) x Raimundo Caetano (D)	Pé-de-parede/ Mote em sete	<i>A terra a qualquer momento/ Poderá ser destruída</i>	Campina Grande (PB) – 07/06/2018
Evaldo Filho (A) x André Rodrigues (A)	Festival/ Sextilhas	<i>O que eu coloco na minha poesia</i>	Fenoger 2018
Raulino Silva (B) x Raimundo Caetano (A)	Festival/ Sextilha	<i>No cofre do meu juízo</i>	Barra de Santana (PB). 25/07/2018
Raulino Silva (B) x Valdir Teles (D)	Pé-de-parede/ Sextilha	<i>A renovação da cantoria</i>	Campina Grande (PB) 04/01/2018.

Fonte: arquivo pessoal.

¹³ Telefone da tecnologia Smartfone. Marca Galaxy J7 Prime. Modelo: SM-G610M.

1.1 Primeiro confronto: Felipe Pereira e José Albino (Faixas etárias A x A). *Marcas do poder de Deus: do parto da semente, passando pelo sorriso da criança e culminando com a inspiração do repentista*

Inicialmente, transcrevo, na íntegra, as estrofes deste baião. Sextilhas.¹⁴

Assunto: *O poder de Deus*

01

José Albino:
*O poder de Deus está
Na estrela que tem brilho
No verde que tem na planta
No branco que tem no trigo
E no amor que tem a mãe
Prá educar o seu filho.*

02

Felipe Pereira:
*O poder de Deus com brilho
Está na nossa lembrança
Na nossa luta diária
No sorriso da criança
Mas todos querem ser Dele
Sua imagem e semelhança*

03

José Albino:
*O poder de Deus alcança
Onde há qualquer setor
Tá na cidade que eu moro
Capital, interior
No repentista de viola
E na vida do professor.*

04

Felipe Pereira:

07

José Albino:
*Sei que o poder tá presente
No homem sem timidez
No sertanejo sofrido
Que se queixa de escassez
No carrapato que pouasa
Caçando o lombo da rês.*

08

Felipe Pereira:
*Nos ouvidos de vocês
Que escutam nosso CD
Está na água do mar
Está nas flores do buquê
Do passarinho que voa
Sem ter angar e brevê.*

09

José Albino:
*Está até no cachê
De quem paga e auxilia
No trabalho que fazemos
Na luta do dia a dia
No repentista que defende
O valor da cantoria.*

10

Felipe Pereira:
*Em quem produz cantoria
Para o público que merece*

¹⁴ Gravação em mídia eletrônica. Tempo: 07min 10.

*O poder do Criador
Por lá enxergo também
Na chuva do meu Sertão
E no cidadão de bem
Que sabe crescer na vida
Sem fazer mal a ninguém.*

05
José Albino:
*O poder que Jesus tem
Está em toda nação
Tá no trem que passa
Bem em cima do vagão
Da mãe que amamenta o filho
E da chuva que molha o chão.*

06
Felipe Pereira:
*O calor da criação
Seu poder é eficiente
Tá na luta do roceiro
Tá no parto da semente
No Sertão que tava seco
Mas tá verde novamente.*

*No repentista que se inspira
Em festival e quermesse
Canta na linguagem simples
Que todo mundo conhece.*

11
José Albino:
*No matuto que padece
Que eu digo desde já
No Sertão do Cariri
Rio Grande e Ceará
Em todo canto que eu vejo
O poder de Deus está.*

12
Felipe Pereira:
*O poder de Deus está
Lá na maré que avança
No policial que guarda
Adulto, velho e criança
Arriscando a própria vida
Em nome da segurança.*

Embora respeitando as deixas, típicas da modalidade sextilha¹⁵, cada um dos repentistas seguiu estratégias distintas ao abordar as diferentes formas como se manifestam os poderes de Deus. Em face do grande elenco de possibilidades nas quais, segundo eles, repousam tais poderes, discrimino-as nas categorias elencadas no quadro abaixo.

¹⁵ Nesta modalidade de cantoria o cantador é obrigado a ‘pegar a deixa’, isto é, rimar primeiro verso de sua estrofe com a rima final da última palavra da estrofe anterior.

Quadro 02 - Formas de percepção dos repentistas acerca dos poderes divinos no primeiro confronto.

Categoria	Discriminação/ Estrofe
Elementos e/ou fenômenos da natureza.	No brilho da estrela; no verde da planta; no branco do trigo; (01); chuva no Sertão (04); no parto da semente, no verde do Sertão (06); no carrapato que pousa no lombo da rês (07); na água do mar; nas flores do buquê; no passarinhão que voa (08); na maré que avança (12).
Sentimentos e atitudes humanos	No amor da mãe na educação do filho (01); na lembrança; na luta diária; no sorriso da criança; (02); na vida professor (03); cidadão de bem (04); na mãe que amamenta o filho (05); na luta do roceiro (06); no homem sem timidez; no sertanejo sofrido (07); no matuto que padece (11); no policial que guarda a todos (12).
Ciência e tecnologia	Na cidade, na capital e no interior (03); no trem que passa sobre o vagão (05).
Ações artísticas.	No repentista de viola (03); na capacidade de apreciar a cantoria (08); no cachê do repentista; na capacidade valorar a cantoria (09); em quem produz a cantoria; no repentista inspirado (10).

Fonte: arquivo pessoal.

Vasto é o elenco de situações, sentimentos e cenas nos quais eles mencionam se apresentarem os poderes divinos. Chama a atenção a diversidade de impressões criadas pelos jovens repentistas. A presença de elementos ligados à natureza traz nas estrelas, nas plantas, no mar, nas flores e nos passarinhos a sua força maior. Na metáfora “*O parto da semente*” (Estrofe 06), de Felipe Pereira, quando complementada pela ação inusitada do pouso do carrapato no lombo da rês (Estrofe 07), de José Albino, dão protagonismo aos motivos sertanejos nas impressões poetizadas, assim como o branco do trigo, ou até mesmo no passarinho que voa.

A captação de tais cenas, nos improvisos, contribui para dar eficaz efeito estético ao momento. Se imaginarmos, por exemplo, o sorriso da criança, vemos a sutileza e a busca, no repente, de valorar atitudes simples, mas de grande efeito poético. Mesmo considerando-se, na estrofe 01, abaixo transcrita, a falha de rima

entre brilho, trigo e filho, o repentista consegue, no improviso, captar da cena de sua memória importantes impressões visuais e sensitivas ao unir o brilho da estrela, o verde da planta, o branco do trigo com o amor de mãe na educação do filho. Vejamos:

01

José Albino

*O poder de Deus está
Na estrela que tem brilho
No verde que tem na planta
No branco que tem no trigo
E no amor que tem a mãe
Prá educar o seu filho.*

O simbolismo do verso “*Tá no parto da semente*” quando associada “*Ao calor da criação*”, ambos na estrofe 06, amplia o sentido da palavra calor tanto relacionado à energia plena, latente, inerente ao poder do Criador, como às necessárias temperaturas para que a semente germine, quando na presença da água. Vejamos:

06

Felipe Pereira

*O calor da criação
Seu poder é eficiente
Tá na luta do roceiro
Tá no parto da semente
No Sertão que estava seco
Mas tá verde novamente.*

A presença do criador nas cidades, na ação do trem sobre o vagão contrasta com a atitude da mãe que amamenta o seu filho (Estrofe 05).

A presença, nos versos, de estruturas sintáticas predominantemente paralelísticas parece ter sido favorecida, e seguida pelos repentistas, em função das facilidades proporcionadas pelo assunto proposto. A sequência de estrofes desenvolvidas, do ponto de vista de construção sintática,

circunstancia adverbialmente os locais, ou situações, onde se encontram os poderes de Deus. Das 12 estrofes desenvolvidas, oito delas iniciaram-se com o verso síntese do assunto proposto: *O Poder de Deus*. Rigorosamente fieis ao assunto proposto, os improvisos detalham, através de enunciações adverbiais, quase sempre de lugar, onde se localizam tais poderes.

Estratégia bastante comum utilizada pelos repentistas para desenvolver suas sextilhas, a repetição do verso síntese do assunto proposto, logo no primeiro verso da estrofe, é um recurso eficaz que garante à dupla, por exemplo, não fugir do quesito oração, falha que, em uma situação de festival, pode lhe render a perda de pontos valiosos.

A estratégia de utilização de tais paralelismos sintáticos, como vimos, foi bastante utilizada, desta feita nas glosas desenvolvidos, através de décimas, no capítulo sobre a produção poética de apologistas no *Clube do Repente*.

A seguir destaco, nas estrofes 02, 03 e 04, fragmentos, dentre muitos presentes, em que tais circunstâncias adverbiais se apresentam de maneira ostensiva.

02

Felipe Pereira:
O poder de Deus com brilho
Está na nossa lembrança
Na nossa luta diária
No sorriso da criança
Mas todos querem ser Dele
Sua imagem e semelhança

04

Felipe Pereira:
O poder do Criador
Por lá enxergo também
Na chuva do meu Sertão
E no cidadão de bem
Que sabe crescer na vida
Sem fazer mal a ninguém.

03

José Albino:
O poder de Deus alcança
Onde há qualquer setor
Tá na cidade que eu moro
Capital, interior
No repentista de viola
E na vida do professor.

Vasta é a amplitude de situações e/ou circunstâncias nas quais tais poderes se apresentam, iniciadas sempre pelo marcador adverbial de lugar “em”: Vejamos: passado (na lembrança) x presente (na luta); no ambiente urbano (na cidade, na capital) x no rural (no interior); nas diferentes profissões (repentista de viola, professor); na natureza (na chuva, no sorriso da criança); e na dignidade e na ética (no cidadão de bem).

Ilustração 02 - Foto de apresentação dos repentistas no *Clube do Repente*, Campina Grande (PB). (Da esquerda para a direita): Iponax Vila Nova (apresentador), Helânio Moreira e Felipe Pereira (repentistas), 2018



Fonte: Arquivo pessoal.

1.2 Segundo confronto: Felipe Pereira e Raimundo Caetano (Faixas etárias A x D): “da corrida armamentista mundial aos crimes cibernéticos”

Transcrevo a seguir o mote desenvolvido, na íntegra.

Mote em Sete¹⁶.

Tema: *A terra a qualquer momento*

¹⁶ Gravação em mídia eletrônica. Tempo: 08 min 30

Poderá ser destruída.

01

Felipe Pereira:

*Pelos jornais que eu estou lendo
Na tevê vejo mostrar
Fica fácil notar
Que o planeta está morrendo
A geleira derretendo
A terra sendo aquecida
Sobre isso é exibida
Notícias que eu não invento
**A terra a qualquer momento
Poderá ser destruída.***

02

Raimundo Caetano:

*Países monitorados
Por satélites espíões
Invisíveis aviões
Estão em todos os lados
Aviões bem tripulados
Bombas sendo construídas
E a cada dia esquecida
A lei do desarmamento
**A terra a qualquer momento
Poderá ser destruída.***

03

Felipe Pereira:

*Eu vejo que a mídia explora
Que o mundo inteiro tomba
Explosão de homens-bomba
Matando o que Deus adora
Assaltantes toda hora
Todo dia um homicida
Ainda tem gente atrevida
A favor do armamento
**A terra a qualquer momento
Poderá ser destruída.***

05

Felipe Pereira:

*Vejo que a notícia empresta
Guerras fazem contra a paz
Estão matando demais
Só que isso Deus detesta
Estão queimando a floresta
A fauna já está despida
Tem cidade poluída
Por não ter saneamento
**A terra a qualquer momento
Poderá ser destruída.***

06

Raimundo Caetano:

*Explosão em alta escala
Pode explodir um vulcão
A sua erupção
A quase o planeta abala
Ontem lá na Guatemala
Muita gente perdeu vida
Foi tanta larva escorrida
Que o vale ficou cinzento
**A terra a qualquer momento
Poderá ser destruída.***

07

Felipe Pereira:

*Tem guerra de presidente
Que só o poder almeja
Mas não tem lei que proteja
O nosso meio ambiente
O dólar tomou a frente
Nossa paz está vendida
Mas é difícil saída
Porque o progresso é lento
A terra a qualquer momento*

04

Raimundo Caetano:
*Quem não gosta do país
Quer sufocá-lo com gás
Utiliza os mais letais
Sarim, pustarse e VX
Matando velho e guris
Em sítios e avenida
Arma nuclear vendida
Prá governo violento
**A terra a qualquer momento
Poderá ser destruída.***

08

Raimundo Caetano:
*Todo dia se repete
A violência na terra
É tanta cena de guerra
Entre decano e pivete
Até na nossa internet
Nunca estará protegida
Até que um hacker decida
Atrapalhar seu andamento
**A terra a qualquer momento
Poderá ser destruída.***

O mote “*A terra qualquer momento/ Poderá ser destruída*” foi escolhido dentre uma longa sequência de assuntos e temas desenvolvidos neste pé-de-parede, realizado no dia 07/06/2018, nas dependências do Restaurante Vila Antiga em Campina Grande (PB). Dentre as razões que motivaram minha escolha destaco: em primeiro lugar avaliar a performance do repentista Felipe ao duplar, em um pé-de-parede, com um repentista mais experimentado, tido no universo atual da cantoria como uma das maiores referências. Em segundo lugar, investigar o desempenho deste jovem repentista frente aos assuntos conjunturais atuais mais diversos.

Destaco no quadro abaixo a diversidade de temas tratados pela dupla a partir das seguintes categorias:

Quadro 03 - Categorias de temas abordados na defesa do mote no segundo confronto

Categoria temática	Exemplo/Estrofe
Tragédias ambientais e naturais	Efeito estufa e seus efeitos (01); Destruição da fauna e flora; poluição ambiental; falta de saneamento básico (05)
Corrida armamentista mundial	Monitoramento de países por satélites e aviões invisíveis (02).
Armamentismo urbano	Armamento do cidadão (03)
Armas de destruição em massa	Construção de bombas atômicas (02); gases letais (04)
Dramas sociais	Assalto; homicídio; explosão de homens-bomba (03); violência urbana (08).
Conjuntura político-econômica e seus efeitos	Supervalorização do dólar; crise na política (07)
Crimes cibernéticos	Controle dos diversos ambientes pelos hackers (08).

Fonte: arquivo pessoal.

A diversidade de temas tratados no curto desenvolvimento deste mote aponta para o grau de atualização dos repentistas: das tragédias naturais e ambientais, passando pela corrida armamentista, controle e monitoramento do espaço aéreo por parte das grandes potências mundiais, armas de destruição em massa, os dramas sociais urbanos mais graves - dentre os quais a criminalidade, armamentismo e falta de saneamento básico - e culminando com as questões político-econômicas mais emergentes, sem esquecer os atuais crimes cibernéticos.

Na abertura do mote o repentista Felipe Pereira, ao explorar os dramas ambientais mundiais decorrentes do efeito-estufa, sinaliza a seu companheiro a proposta temática que este deveria seguir.

Dois fatos chamam atenção para a importância do repertório de atualização dos repentistas. No primeiro deles, na estrofe 06, ao mencionar a erupção de um vulcão na Guatemala¹⁷, ocorrida no dia

¹⁷ Disponível em: ><https://g1.globo.com/mundo/noticia/ao-menos-10-comunidades-na-guatemala-estao-isoladas-por-conta-de-vulcao.ghtml><. Data da consulta: 18/06/2018.

06/06/2018 (há pouco menos de 24 horas da data da cantoria), o repentista Raimundo Caetano demonstra estar absolutamente atualizado. Senão vejamos:

Raimundo Caetano:
*A pressão em alta escala
Pode explodir um vulcão
A sua erupção
A quase o planeta abala
Ontem lá na Guatemala
Muita gente perdeu vida
Foi tanta larva escorrida
Que o vale ficou cinzento
**A terra a qualquer momento
Poderá ser destruída.***

No segundo episódio, o repentista Felipe Pereira, ao mencionar, na estrofe 07, o recente aumento do dólar na cotação internacional¹⁸, na semana anterior, interpõe na glosa uma habilidade inata de associar este fato ao cenário de crise por que passa o Brasil, situação que poderia decretar, também, a destruição de nosso planeta. Observemos:

Felipe Pereira:
*Tem guerra de presidente
Que só o poder almeja
Mas não tem lei que proteja
O nosso meio ambiente
O dólar tomou à frente
Nossa paz está vendida
Mas é difícil saída
Porque o progresso é lento
**A terra a qualquer momento
Poderá ser destruída.***

Ao associarem a destruição do nosso planeta não exclusivamente às questões ambientais, mas atrelando-a também a

¹⁸ Disponível em: > <https://exame.abril.com.br/mercados/dolar-cai-mais-de-2-apos-bc-reforcar-atuacao-e-volta-a-r373/><. Data da consulta: 18/06/2018.

componentes ligados a decisões, atitudes e posturas políticas, os repentistas, mais uma vez, alargam, em suas glosas, o horizonte de percepção pessoal e do público acerca de questões que emergenciam o mundo e que podem decretar o seu fim.

As alusões aos assaltos, genocídios, guerras, comércio ilegal de armas nucleares, incêndios de florestas, homens-bomba, intolerância religiosa, bem como os chamados crimes cibernéticos, reforçam a visão negativa que tais repentistas têm acerca do destino do nosso planeta. O diagnóstico realista, habilmente descrito na estrofe 02, do repentista Raimundo Caetano, por exemplo, ilustra tal estado de desencanto frente a tais questões. Observemos:

Raimundo Caetano:
Países monitorados
Por satélites espões
Invisíveis aviões
Estão em todos os lados
Aviões bem tripulados
Bombas sendo construídas
E a cada dia esquecida
A lei do desarmamento
A terra a qualquer momento
Poderá ser destruída.

Ilustração 03 – Foto (Da esquerda para direita): Rangel Júnior (apologista), Luciano Leonel (repentista), o pesquisador e Iponax Vila Nova (promovente de cantoria), após pé-de-parede na Churrascaria Rekind's - Queimadas (PB) - 2018



Fonte: (Arquivo pessoal).

1.3 Terceiro confronto: Evaldo Filho e André Rodrigues (Faixas etárias A x A): *Da ação do gavião na captura do pinto, passando pela morada das abelhas e culminando com o lamento do idoso*

Este confronto, ocorrido no FENOGGER (Festival da Nova Geração do Repente), em abril de 2018, faz parte das sextilhas iniciais, cujo assunto intitulado “*O que eu coloco na minha poesia*”, culminou com a vitória desta dupla.

A seguir transcrevemos, na íntegra, este baião:

Sextilhas. Assunto: *O que coloco na minha poesia*¹⁹

01

André Rodrigues:

Eu canto cada fartura

No chão que brota a semente

No lamento do idoso

No riso do inocente

E o pessoal de Campina

Batendo palma prá gente.

06

Evaldo Filho:

Coloco no meu baião

Maria que me assessora

O Sertão muito chovido

Do jeito que tá agora

Porque é coisa bonita

Da gente botar prá fora.

¹⁹ Gravação: Mídia eletrônica. Tempo: 4min 49.

02

Evaldo Filho:
*Coloco no meu repente
Para ganhar dez na nota
Coloco água no barreiro
Coloco rachão na grota
Coloco tanta poesia
Que é pouca gente que bota.*

03

André Rodrigues:
*Eu coloco cada nota
Na canção bem musicada
Também coloco alguns trechos
Que tem na Bíblia sagrada
Chico Rei e Paraná
Cantando Degrau da Estrada.*

04

Evaldo Filho:
*Na minha rima sagrada
Sempre boto o Criador
O dia quando amanhece
O sol quando vai se por
E a esperança que eu tenho
De ser grande repentista.*

05

André Rodrigues:
*Eu boto o cheiro da flor
E também do manjeriço
O vaqueiro de tardezinha
Ensebando o seu gibão
Para cumprir o seu contrato
Na luta com seu patrão.*

07

André Rodrigues:
*Eu boto o raio da aurora
E as abelhas do vergel
A valentia do touro
O bote da cascavel
São essas coisas mais outras
Que eu coloco em meu cordel.*

08

Evaldo Filho:
*Matuto tira o chapéu
E tem a fé que irá atendê-la
A plateia de Campina
Que brilha mais que uma estrela
Eu seria imbecil
Cantando, ir esquecê-la.*

09

André Rodrigues:
*Coloco o brilho da estrela
Que de longe é miudinha
O gavião peneirando
As asas de tardezinha
Tentando pegar um pinto
Que se afastou da galinha.*

10

Evaldo Filho:
*Boto em cada estrofe minha
O dia em que amanheço
Da galinha o poleiro
Da raposa o endereço
E as quedas das estrofes
Que papai fez no começo.*

Assunto bastante recorrente no mundo da cantoria, o baião proposto para a dupla, *O que coloco na minha poesia*, normalmente é explorado nos inícios dos pés-de-parede. A estratégia dos repentistas, para colocar poesia nos versos, não fugindo do cânone

característico da modalidade, se amplia a partir, sobretudo, dos elementos, motivos, objetos, alegrias e aspirações presentes no universo do Sertão, a partir da alegria que a presença do elemento água propicia na vida do sertanejo. No quadro abaixo sintetizo as ofertas dos repentistas no baião, a partir do assunto proposto

Quadro 04 - Discrimina os elementos ofertados na poesia pelos repentistas no terceiro confronto.

Categoria de oferta	Discriminação/ Estrofe
Elementos da natureza	Fartura no chão que brota semente (01); água no barreiro; rachão na gruta (02); o amanhecer e o pôr do sol (04); os cheiros da flor do manjeriço; o vaqueiro à tarde ensebando o gibão (05); as abelhas do vergel; a valentia do touro; o bote da cascavel (07); o brilho da estrela; o gavião se peneirando prá pegar um pinto que se afastou da galinha (09); o poleiro da galinha; o endereço da raposa (10);
Comportamentos humanos	O lamento do idoso; o riso do inocente (01).
Incentivos ao repentista e motivações para a poesia	Aplausos do público (01); muita poesia no repente (02); muita música na poesia; cancionero (03); a esperança de ser grande repentista (04); a plateia de Campina (08); as quedas das estrofes do pai de um dos repentistas (10).
Elementos religiosos	Elementos da Bíblia (03); Criador (04); Maria que garante o Sertão chovido (06).

Fonte: arquivo pessoal

Basicamente quatro são as categorias temáticas que marcam as ofertas dos repentistas, através dos improvisos, com predomínio dos motivos sertanejos. Na abertura do baião o repentista André Rodrigues, por meio da dádiva da fartura da semente, provoca seu parceiro, o qual aos poucos segue na mesma linha de ofertas: água no barreiro, o amanhecer, o pôr do sol, o poleiro da galinha e o endereço da raposa. A referência aos comportamentos humanos, através do lamento do idoso que se completa com a antítese do riso da criança, expostos na estrofe 01, apenas intercalam, na cena, as motivações dos repentistas para a produção dos improvisos, terceiro elemento categorizado. Os aplausos do público são

seguidos por Evaldo Filho nas estrofes seguintes por alguns desejos: muita poesia no repente e esperança de ser grande repentista. Por fim, mais uma vez, os repentistas mencionam, como nas duplas anteriores, a questão da religiosidade popular, por meio dos apelos da força do criador e de Maria, responsáveis por garantirem a chuva no Sertão.

A predominância de elementos inseridos no universo sertanejo, como já afirmei antes, justifica a relação fortemente arraigada que o cânone da cantoria de repente ainda mantém com as cenas, objetos e até comportamentos pertencentes a tal universo, mesmo considerando-se o fato de muitos repentistas, na verdade a maioria, serem de origem urbana e/ou estarem residindo na cidade. Neste sentido colocar todos esses elementos na poesia significa vivenciá-los com detalhes a ponto de compreendê-los, senti-los, vê-los no cotidiano para, a partir daí, transpor para o imagético do texto poético. As sutilezas, por exemplo, das cenas improvisadas nas estrofes 09 e 10 ratificam o apurado grau de percepção estética, já que são cenas, cuja observação e descrição são restritas ao universo de quem convive no Sertão. Vejamos:

09

André Rodrigues:
*Coloco o brilho da estrela
Que de longe é miudinha
O gavião peneirando
As asas de tardezinha
Tentando pegar um pinto
Que se afastou da galinha.*

10

Evaldo Filho:
*Boto em cada estrofe minha
O dia em que amanheço
Da galinha o poleiro
Da raposa o endereço
E as quedas das estrofes
Que papai fez no começo.*

O detalhamento de cenas tais como: o ritual do gavião tentando rapinar a presa ou o endereço da raposa é particularmente único. O instinto de sobrevivência da mãe galinha não permite o afastamento dos pintos. Rara seria, então, a percepção desta cena no cotidiano do Sertão, mas que não escapa aos olhos e à mente do repentista. Por sua vez, mais rara ainda seria a descrição do endereço da raposa, aos olhos do sertanejo. Trata-se de um animal arredio que hiberna misteriosamente durante, pelo menos, 06 meses, porém é percebido, no improviso, com detalhes. Na mesma perspectiva, na estrofe 10, o repentista Evaldo Filho traz à memória a sua infância, ao se recordar das quedas das estrofes de seu pai – Evaldo Severino – também repentista.

Na estrofe 04, por sua vez, mais uma vez a presença dos apelos ao divino se manifestam, quase sempre associada aos elementos da natureza, neste caso com a presença da aurora, do pôr do sol e do senso de humildade, como uma das virtudes ofertadas na poesia. Vejamos a estrofe abaixo:

04

Evaldo Filho:

*Na minha rima sagrada
Sempre boto o Criador
O dia quando amanhece
O sol quando vai se pôr
E a esperança que eu tenho
De ser grande repentista.*

Na abertura do baião a alusão ao lamento do idoso se contrapõe ao riso do inocente, um jogo de simbolismos que, juntos, completam o elenco dos ingredientes que compõem a poesia para o repentista. Senão vejamos:

01

André Rodrigues

*Eu canto cada fartura
No chão que brota a semente
No lamento do idoso*

*No riso do inocente
E o pessoal de Campina
Batendo palma prá gente.*

Ilustração 04 - Foto de apresentação de repentistas no *Clube do Repente*, 2018, em Campina Grande (PB). (Da esquerda para a direita): repentistas Evaldo filho e Luciano Leonel.



Fonte: (Arquivo pessoal).

1.4 Quarto confronto: Raulino Silva e Valdir Teles²⁰ (Faixas etárias B x D). Das antigas “máquinas de respeito” que “jogavam versos para o povo” às “novas árvores do repente”: tradição e renovação necessárias na cantoria de viola

Início esta seção com a transcrição, na íntegra, do baião inicial de um pé-de-parede realizados nas dependências do Restaurante Vila Antiga, na cidade de Campina Grande (PB), no dia 04/01/2020, como parte de encontro mensal, 122ª versão do projeto *Clube do Repente*, coordenado pelo promovedor Iponax Vila Nova.

Sextilha²¹. Assunto: *A renovação da cantoria*.

²⁰ Falecido em março de 2020, vítima de infarto.

²¹ Gravação em mídia eletrônica. Tempo: 14 min 26.

01

Raulino Silva:
*Mas tem poeta chegando
No mundo da cantoria
Prá compensar os que foram
Para outra moradia
Plantar um pé de tristeza
Onde não tinha alegria.*

02

Valdir Teles:
*Mas eu não tenho alegria
Com o poder que já fez
Quanto o poeta tivera
Cada um na sua vez
Tão entrando quatro ou cinco
Tão saindo cinco ou seis.*

03

Raulino Silva:
*Cada um tem sua vez
O tempo e a região
Todo repentista mais velho
Vai residir no caixão
Deus planta alguém mais novo
Prá substituição.*

04

Valdir Teles:
*Vem a nova geração
Que mais de um craque nasceu
Nosso João Paraibano
Faz tempo que faleceu
Louro Branco está doente
Cassiano Adoeceu.*

05

Raulino Silva:
*Biu Granjeiro morreu
Da cultura um grande aedo
Mas nasceu os irmãos Silva
Na arte do seu enredo*

23

*(Estrofe inaudível por problemas
no microfone do repentista).*

24

Valdir Teles:
*Chuvas grossas e garoas
Tem que as diferenciar
É como o novo e o velho
Na estrada de cantar
O jovem vai ficar bom
Mas ainda vai demorar.*

25

Raulino Silva:
*O mundo tem que mudar
Isso aí não é pequeno
Morreu uma árvore antiga
Mesmo botando veneno
Prá uma árvore mais nova
Brotar no mesmo terreno.*

26

Valdir Teles:
*Num é ser grande ou pequeno
É arrumar garantia
Valdones toca sanfona
É quase príncipe hoje em dia
Mas Vila não faz do jeito
Que o Rei do Baião fazia.*

27

Raulino Silva:
*Eu respeito a garantia
De Zé Pedro e Gonzagão
Mas o aparecimento
De Wesley Safadão
Arranjou muito mais público
Que Luiz, rei do Baião.*

28

Valdir Teles:

*Renovando o repente
Seguindo em frente sem medo*

06

Valdir Teles:
*Parece que é brinquedo
Na arte que a gente tem
Da seleção de 70
Não vem jogando ninguém
A seleção da viola
Tá se acabando também.*

07

Raulino Silva:
*Helânio cantando bem
Serra de São Pedro acima
Tem Felipe de Natal
Tem Gabriel de Campina
Prá dar continuidade
À cultura nordestina.*

08

Valdir Teles:
*Não vou ficar em Campina
Medindo quem é tal e qual
Competência e tradição
Não pode sequer ser banal
Mas igual a Louro Branco
Duvido que faça igual.*

09

Raulino Silva:
*A cantoria é capaz
De tornar-se independente
Depois de Cássio vem Pinto
Vila e José Vicente
Depois dos Nonatos, eu
Depois de mim já tem gente.*

10

Valdir Teles:
Na seleção do repente

*Mas nessa comparação
Raulino não teve sorte
Eu não dou a Asa Branca
Que é meu hino e meu esporte
Nas músicas de Safadão
Até na hora da morte.*

29

Raulino Silva:
*E que quem não teve sorte
Foi você no seu repente
Não fiz a comparação
Desse jeito no ambiente
Não disse que era melhor
Eu disse que tem mais gente.*

30

Valdir Teles:
*Mas eu não falei de gente
Não lembrei de quantidade
Eu tô comparando só
O jovem com alta idade
Eu não falei da quantia
Eu falei da qualidade.*

31

Raulino Silva:
*Agradeço em qualidade
A juventude que é minha
Deixe os meninos crescerem
Onde cada um caminha
Que você está puxando
Brasa prá sua sardinha.*

32

Valdir Teles:
*Não falei da vida minha
E nem fiz comparação
Falei dos que estão saindo
Como os que chegando estão
Eu tenho é que respeitar
Os gênios da produção.*

*Tem muita gente crescendo
Depois de um vai na conta
Se vê um outro crescendo
Mas são os melhores craques
Que estão desaparecendo.*

11

Raulino Silva:
*Rafael Neto crescendo
Não vai se tornar brincado
Quem escuta Evaldo Filho
Não guarda do verso segredo
Dá prá ver que a cantoria
Não vai se acabar tão cedo.*

12

Valdir Teles:
*Parece até um brincado
Um de ida outro de vinda
Vila Nova já está velho
A marca do tempo brinda
Os novos têm poesia,
Mas fama não têm ainda.*

13

Raulino Silva:
*Eu sei que o tempo nos brinda
Com qualquer um compromisso
Igual a Dedé, pensei,
Ninguém falta ao serviço
Depois de Dedé eu penso
Não tem mais quem fale isso.*

14

Valdir Teles:
*Quem gosta desse serviço
Do jeito que eu me comovo
Quem escutou Louro Branco
Jogando versos no povo
Vai demorar conformar-se
Ouvindo um vate mais novo.*

33

Raulino Silva:
*O que faz os antigos são
Eu vivo reconhecendo
Dizer pro repentista novo
Que os jovens não tão crescendo
É como pisar em cima
Duma flor que está nascendo.*

34

Valdir Teles:
*Isso eu não estou querendo
A isso não lhe seguir
Apenas lembrei de Pinto
E você está no Piauí
Pois foi na sombra dos velhos
Que você chegou aqui.*

35

Raulino Silva:
*Mas não foi isso que eu vi
Achei um pouco agressivo
Pinto já morreu faz tempo
Não tem mais objetivo
Quem está vivo só pode
Escutar quem está vivo.*

36

Valdir Teles:
*É o meu objetivo
Por isso eu lhe aconselho
Vou lendo na mesma bíblia
Vou lendo no mesmo evangelho
Sem valorizar o novo
Sem discriminar o velho.*

37

Raulino Silva:
*Não há novo sem o velho
Eu guardo em minha memória
Dos mais antigos não vou*

15

Raulino Silva:
*Os Rodrigues para o povo
Eu acho que estão ficando
Zé Albino do Rio Grande
Também vai improvisando
Pode falar quem escute
Mas quem cante tem sobrando.*

16

Valdir Teles:
*Sei que tem gente cantando
Mas ainda falta o conceito
Quem escutou Vila Nova
Uma máquina de respeito
Não vai achar que um garoto
Vai fazer do mesmo jeito.*

17

Raulino Silva:
*Isso é falta de respeito
Não admito esses planos
Um menino que só canta
Há um ano entre os humanos
Não se iguala a uma história
Com mais de 50 anos.*

18

Valdir Teles:
*É de todo ser humano
Poder nascer prá crescer
Mas a fama ninguém traz
No momento de nascer
E o pedestal da fama
A gente tem que fazer.*

19

Raulino Silva:
*Quando eu me pus a crescer
Minha vontade era tanta
Mas os colegas diziam
Esse menino não canta*

*Destruir a trajetória
Mas luto pelo direito
Do jovem fazer história.*

38

Valdir Teles:
*Cada um tem sua história
Eu já fui jovem também
Pelos caminhos dos jovens
Sei que muita gente vem
Mas num valorizo um
Tomando o que o outro tem.*

39

Raulino Silva:
*A cantoria vai bem
De público, fama e dinheiro
Se a plateia gostasse
Só de Pinto de Monteiro
Há muito tempo teria
Se acabado o violeiro.*

40

Valdir Teles:
*Que é isso meu companheiro
Deixe Feitosa e Lino
Sebastião e Ivanildo
Zé Cardoso e Severino
Valdir Teles e Zé Cardoso
E Moacir Laurentino.*

41

Raulino Silva:
*Eu inspirei no destino
Nos vates de antigamente
Mas eu quero dar mais força
Prá Gabriel ir prá frente
Só assim eu asseguro
O futuro do repente.*

42

Valdir Teles:

*Tem fraqueza na poesia
Que a todos desencanta.*

20

Valdir Teles:
*Eu ouvi sua garganta
Lá perto do seu chalé
Uma festa com Geraldo
Que você chegou a pé
Eu ouvi a primeira vez
Já saí botando fé.*

21

Raulino Silva:
*Sei que Jairo Silva é
Poeta espetacular
O irmão dele é que canta
Bonito em qualquer lugar
Por isso é que a cantoria
Tá longe de se acabar.*

22

Valdir Teles:
*Sei que não vai se acabar
Tem mais de um vate engenhoso
Mas no nível de Antônio França
De Ivanildo e Zé Cardoso
São muitos ingredientes
Prá repentista ser famoso.*

*Repentista atualmente
Vou ajudar a crescer
Se eu puder vou dar a mão
E ajudar desenvolver
Mas os que me ajudaram
Vou morrer sem esquecer.*

43

Raulino Silva:
*A arte me dá prazer
E a nota é acima de 100
Não vou retirar a fama
Da arte de seu ninguém
Mas vou tentar dar um pouco
À pessoa que não tem.*

A peleja expõe as posições dos repentistas acerca do processo de renovação por que passa a cantoria na contemporaneidade.

A intensa produtividade de 2,96 sextilhas/min para a dupla mostrou que cada repentista produziu, aproximadamente, 1,5 sextilhas a cada 30 segundos. Embora reconheçamos um complexo conjunto de variáveis subjetivas que implicam na quantidade (e, com efeito, na qualidade do improviso), os dados acima apontam para o grau de afinidade da dupla. Pelo fato de cantar há algum tempo lhe possibilita maior sincronismo e perfeição no resultado obtido.

As estrofes 03, 25 e 33, a seguir, de Raulino Silva, expõem nas metáforas o seu pensar acerca processo de renovação por que passa a cantoria hoje:

03

Raulino Silva:

*Cada um tem sua vez
O tempo e a região
Todo repentista mais velho
Vai residir no caixão
Deus planta alguém mais novo
Prá substituição.*

25

Raulino Silva:

*O mundo tem que mudar
Isso aí não é pequeno
Morreu uma árvore antiga
Mesmo botando veneno
Prá uma árvore mais nova
Brotar no mesmo terreno.*

33

Raulino Silva:

*O que faz os antigos então
Eu vivo reconhecendo
Dizer pro repentista novo
Que os jovens não estão crescendo
É como pisar em cima
Duma flor que tá nascendo*

Ao expor a ideia da morte, necessária à renovação do repente, nas metáforas “*Deus planta alguém mais novo/ Prá substituição*”, ou “*Morreu uma árvore antiga/ Mesmo botando veneno/ Prá uma árvore mais nova/ Brotar no mesmo terreno*” o repentista Raulino explicita a sua posição: sem um locus temporal, associado à ação divina que age no poeta – provavelmente responsável pelo dom de improvisar, na visão deles – não haveria renovação na cantoria.

Embora reconheça a força da tradição que carrega os “*antigos*”, (Estrofe 33), o poeta, ao responder uma provocação de seu

oponente, traz à realidade o irreversível crescimento de uma geração de repentistas, responsável, de acordo com os dados que aqui levanto, pela grande renovação por que passa a cantoria na contemporaneidade. Para ele, desconhecer tal crescimento seria “*pisar na flor*” que cresce a cada dia. A referência aos jovens repentistas Helânio Moreira (RN), Gabriel (PB) e Felipe Pereira (RN) (Estrofe 07); Os Nonatos (PB e CE) (Estrofe 09); Rafael Neto (SE) e Evaldo Filho (PB) (Estrofe 11); José Albino (RN) e os Rodrigues (PB) (Estrofe 15); Jairo Silva (PI) (Estrofe 21) ilustra tal renovação.

No quadro abaixo quantifico os registros de repentistas, vivos e mortos, mencionados na peleja, bem como os recursos estilísticos mais significativos utilizados nos improvisos.

Quadro 05 - Repentistas vivos e falecidos mencionados no quarto confronto com os recursos estilísticos mais significativos.

Repentistas mencionados por cada repentista				Exemplo de efeito estilístico mais marcante/Estrofe	
Raulino Silva		Valdir Teles		Raulino Silva	Valdir Teles
Vivos	Mortos	Vivos	Mortos		
15	03	06	06	<i>Plantar um pé de tristeza</i> <i>Onde não tinha alegria (01);</i> <i>Morreu uma árvore antiga</i> <i>Mesmo botando veneno</i> <i>Prá uma árvore mais nova</i> <i>Brotar no mesmo terreno (25);</i> <i>Dizer pro repentista novo</i> <i>Que os jovens não tão crescendo</i> <i>É como pisar em cima</i>	<i>Parece até um brinquedo</i> <i>Um de ida outro de vinda</i> <i>Vila Nova já está velho</i> <i>A marca do tempo brinda</i> <i>Os novos têm poesia,</i> <i>Mas fama não têm ainda (12);</i> <i>Quem escutou Vila Nova</i> <i>Uma máquina de respeito (16);</i> <i>Vou lendo na mesma bíblia</i> <i>Vou lendo no mesmo evangelho</i>

				<i>Duma flor que está nascendo (33); Não há novo sem o velho Eu guardo em minha memória Dos mais antigos não vou Destruir a trajetória Mas luto pelo direito Do jovem fazer história (37)</i>	<i>Sem valorizar o novo Sem discriminar o velho (36);</i>
--	--	--	--	---	---

Fonte: Arquivo pessoal.

Por outro lado, na estrofe abaixo, embora percebamos também, por parte do repentista Valdir Teles, a tese da necessária renovação da cantoria, a referência nominal a “Cássio”, “Pinto”, “Vila”, “Zé Vicente”, “Os Nonatos” e ele próprio – mas a não referência, durante todo o baião a nenhum dos jovens repentistas (citação feita apenas por Raulino Silva) - pode sugerir certa resistência a tal renovação ou, pelo menos, eventuais ressalvas a tal processo. Os dois últimos versos podem confirmar tal hipótese: em “*Depois dos Nonatos, eu/ Depois de mim, já tem gente*” o pronome pessoal “Eu”, que prepara a queda da estrofe, centraliza ação e se sobrepõe, semanticamente, ao substantivo genérico “gente”.

Por outro lado, nos versos “*A cantoria é capaz/ De tornar-se independente*”, a ideia de independência da cantoria não necessariamente é sinônimo de renovação. Vejamos a estrofe:

09

Valdir Teles:

A cantoria é capaz

De tornar-se independente

Depois de Cássio vem Pinto

Vila e José Vicente

Depois dos Nonatos, eu

Depois de mim já tem gente.

Considerado no universo da cantoria como um dos maiores repentistas de todos os tempos – comparando-se qualitativamente, no quesito repente, lado a lado com Pinto de Monteiro e Dinis Vitorino – o cearense Louro Branco, falecido aos 72 anos, em janeiro de 2018, é citado por Valdir Teles como imortal. A presença do mito construído – para além de metaforizar o estereótipo de perfeição a ser seguido – pode, estrategicamente, no discurso de Valdir Teles, ofuscar o surgimento de novos repentistas. Os versos finais “*Vai demorar conformar-se! Ouvindo um vate mais novo*” podem confirmar tal constatação.

Por outro lado, de uma peleja entre a luta pelo reconhecimento da renovação da cantoria – através dos versos de Raulino Silva – e a resposta meio que saudosista da reverência aos “*imortais, vivos e mortos*” da arte do repente, o baião se transforma em um desfile de estrofes cujo jogo de metáforas enriquece os improvisos substancialmente. As alusões do repentista Valdir Teles, na estrofe 40, a Sebastião²², Lino²³, Feitosa²⁴, Zé Cardoso²⁵, Severino²⁶, Valdir

²² Não fica claro, se o cantor se refere a Sebastiao Dias, nascido em 1949, e natural de Ouro Branco (RN). Atualmente prefeito de Tabira (PE) – ainda em atividade – ou a Sebastião da Silva, Vice-campeão e Campeão, respectivamente, nos Congressos de Cantadores de Campina Grande (PB), de 1975 e 1976. Nascido em 1945 e natural de Pilõezinhos (PB), atualmente se encontra enfermo.

²³ Lino Pedra Azul de Lima. (1907-1962) “Cantador de nomeada” (Esta expressão, transcrita do verbete sobre este cantor, do Dicionário Biobibliográfico de Poetas Populares, de Sobrinho (1990), não foi reconhecida pelo cantor Edmilson Ferreira, que canta há 30 anos). Nascido em Monteiro (PB), considerado de grande qualidade no improviso, foi Inspiração para o dramaturgo Ariano Suassuna Criar – no romance A Pedra do Reino – a personagem Lino Pedra Verde.

²⁴ Severino Nunes Feitosa. É natural de Santa Terezinha (Pe), nascido em 1948 e participou do segundo Congresso de Cantadores em Campina Grande (PB). Ainda em Atividade.

²⁵ José Cardoso da Silva. Nascido em 19/03/1951 é natural de Encanto (RN). Atualmente vive no Ceará, onde apresenta um programa de viola em Limoeiro do Norte. (CE)

²⁶ Severino Ferreira. Nascido em 1951, na cidade de Touros (RN) e falecido em 25/10/1997, vítima de desastre automobilístico, na BR 412, Paraíba, após participar da abertura do Congresso de Cantadores em Campina Grande (PB). É considerado um dos grandes em tratar dos temas sertanejos.

Teles (aqui o repentista se cita) e Moacir²⁷ como uma seleção de repente, cujos “*craques estão desaparecendo*” (Estrofe 10) se alinham, na estrofe 16, quando este repentista referencia Ivanildo Vila Nova como o não menos intrigante qualificativo “*máquina de respeito*”. Ainda, na estrofe 14, transcrita abaixo, o repentista Valdir Teles, ao homenagear o grande repentista Louro Branco²⁸, complementa a força metafórica que se impôs nos improvisos. Vejamos:

14

Valdir Teles:

*Quem gosta desse serviço
Do jeito que eu me comovo
Quem escutou Louro Branco
Jogando versos no povo
Vai demorar conformar-se
Ouvindo um vate mais novo.*

Ao mesmo tempo em que joga dúvidas na tese da renovação da cantoria, pelo menos a curto prazo, este repentista – em “*Quem escutou Louro Branco/ Jogando versos no povo*” – rememora na metáfora “*jogar versos no povo*” a ação de jogar a semente da poesia no solo da existência e, parece, esperando que ela frutifique, alude ao ato de jogar a semente na terra sertaneja. Tal campo semântico se completa, com efeito, ao ato de “*Plantar um pé de tristeza*” (estrofe 01). Portanto, neste contexto, os verbos “jogar”, “plantar”, “nascer” e “crescer” (Estrofe 18); “*chuvas grossas*” e “*garoas*” (Estrofe 24); “*árvore nova*” e “*árvore antiga*” (Estrofe 25) compõem um vasto elenco de ações semanticamente atreladas ao universo sertanejo.

Na fusão semântica da palavra “*seleção*”, nas expressões “*Seleção de 70*” (Estrofe 06), “*Seleção do repente*” (Estrofe 10), o repentista Raimundo Caetano traz à tona a memória dos jogadores

²⁷ Moacir Laurentino. Ainda em Atividade, nasceu em 13/02/1945, na cidade de Paulista (PB).

²⁸ Francisco Maia de Queiroz. Poeta, repentista e compositor, nasceu em 02/09/1943 na Vila Feiticeiro no município de Jaguaribe – CE, e faleceu em 17/01/2018. Considerado no imaginário da cantoria como um dos maiores repentistas de todos os tempos.

da Copa do mundo de 1970, e amplia seu sentido para os craques do repente desta época como os símbolos imortais a serem reverenciados, alguns elencados neste baião, muitos deles mortos: Pinto de Monteiro, João Paraibano, Cassiano, Severino Ferreira, José Vicente, Louro Branco, Lino Pedra Azul, Antônio França, estes todos mortos; Ivanildo Vila Nova, Geraldo Amâncio, Zé Cardoso, Severino Feitosa e Moacir Laurentino, ainda em atividade. Na visão do repentista Valdir Teles, a grande seleção do repente, cujo porta-voz seria a “*máquina de respeito*” (estrofe 16), alusão ao repentista Ivanildo Vila Nova.

Por outro lado, na evolução da peleja, provocações de ambos os lados são comuns. O discurso do repentista Valdir Teles, ao fundir a tese da construção e consolidação da fama e do *status* com a de um certo descrédito em relação ao potencial qualitativo da nova geração, abre um flanco argumentativo na discussão marcado pelas dualidades tradição x renovação; e qualidade x quantidade. Nas alusões a ícones, tais como Luiz Gonzaga e Valdones²⁹, quando associadas a Safadão³⁰, os repentistas põem em cena a discussão, na contemporaneidade, da massificação dos diversos estilos musicais e poéticos, sempre com a intenção de contrapor e/ou questionar o

²⁹ Waldonys José Torres de Menezes. Grande acordeonista e cantor do gênero Forró. Nasceu em 14/09/1972, em Fortaleza, CE. Tem dentre seus ídolos, o próprio Luiz Gonzaga.

³⁰ Wesley Oliveira da Silva, cearense de Fortaleza e nascido no dia 06/09/1988. É cantor, produtor musical e empresário brasileiro. Começou a carreira em 2003 liderando a banda Garota Safada e, a partir de 2007, ganhou notoriedade na região nordeste, e logo passou a ter projeção nacional, se apresentando em todas as regiões do Brasil. Na banda, lançou sete álbuns de áudio e dois álbuns de vídeo, trazendo *singles* conhecidos como "Tentativas Em Vão", "Disco Voador" e "Vai Esperar". Em 2015, lançou o seu primeiro álbum solo, *Ao Vivo em Brasília*, certificado disco de platina duplo pela vendagem de mais de 160 mil cópias, colocando o *single* "Camarote" entre as mais tocadas do país. Na carreira solo, lançou músicas de grande sucesso como "Coração Machucado", "Meu Coração Deu Pt", "*Ninguém É de Ferro*" e "*Ar Condicionado no 15*", e colaborou com vários artistas gerando grandes êxitos como "*Aquele 1%*" e "*Você Partiu Meu Coração*", entre outros. Em 2017, lançou o álbum *WS In Miami Beach*, gravado em Miami Beach.

gosto das massas quando o assunto é arte, da qual a música seria a sua maior porta-voz.

Ao afirmar que Safadão consegue juntar mais público que Luiz Gonzaga, o repentista Raulino consolida a sua tese de que quantidade não seria qualidade. As estrofes abaixo ilustram este momento da discussão:

26

Valdir Teles:

*Num é ser grande ou pequeno
É arrumar garantia
Valdones toca sanfona
É quase príncipe hoje em dia
Mas Vila não faz do jeito
Que o Rei do Baião fazia.*

27

Raulino Silva:

*Eu respeito a garantia
De Zé Pedro e Gonzagão
Mas o aparecimento
De Wesley Safadão
Arranjou muito mais público
Que Luiz, rei do Baião.*

28

Valdir Teles:

*Mas nessa comparação
Raulino não teve sorte
Eu não dou a Asa Branca
Que é meu hino e meu esporte
Nas músicas de Safadão
Até na hora da morte.*

29

Raulino Silva:

*E que quem não teve sorte
Foi você no seu repente
Não fiz a comparação
Desse jeito no ambiente
Não disse que era melhor
Eu disse que tem mais gente.*

30

Valdir Teles:

*Mas eu não falei de gente
Não lembrei de quantidade
Eu tô comparando só
O jovem com alta idade
Eu não falei da quantia
Eu falei da qualidade.*

Ilustração 05 – Fôlder de cantoria na modalidade pé-de-parede. Coxixola (PB). 2018.



Fonte: (Arquivo pessoal).

1.5 Quinto confronto: Raulino Silva e Raimundo Caetano (Faixas etárias B x D): “tiro do cofre do meu juízo passes de inspiração”, da “mata que muda de pele”, da “cabra que dá banho no filho” até a “memória da Nintendo”

Início esta seção com a transcrição, na íntegra, do baião intitulado *No cofre do meu juízo* defendido pela dupla Raulino Silva e Raimundo Caetano, em Festival de Repentistas, realizado no dia 18/07/2018, na cidade de Barra de Santana (PB), em comemoração às festividades de sua padroeira.

Sextilhas iniciais³¹. Assunto: *No Cofre do meu juízo*.

01

Raimundo Caetano:

Eu vou dizer o que tem

No cofre do meu juízo

Tem passes de inspiração

09

Raimundo Caetano:

Tem um riacho correndo

Rosa soltando perfume

Marido atrás de namoro

³¹ Gravado em mídia eletrônica. Tempo: 06 min 12

*Tem baião de improviso
Deus quando deseja bota
Eu tiro quando preciso.*

02

Raulino Silva:
*Tem a chuva de granizo
E do bêbado tem a vitória
Um pouco de Matemática
Um bocado de História
Eu tenho muito onde guarde
No meu cartão de memória.*

03

Raimundo Caetano:
*Tem um pouco de ilusória
Tem os sustos do medroso
Tem o riso de criança
Tem história de Trancoso
Como um presente de Deus
Que Ele é todo poderoso.*

04

Raulino Silva:
*O Sertão maravilhoso
Que antigamente eu vivia
O orvalho meio frio
De manhã só caía
E minha mãe me dando a benção
Que humildemente eu pedia.*

05

Raimundo Caetano:
*Tem choro, tem nostalgia
Mas tem momento contente
Tem borboletas nas flores
Tem rios botando enchente
Tem um bocado de coisas
No cofre da minha mente.*

06

Raulino Silva:

*Mulher cortando ciúme
Tem floresta eletrizada
Formada de vagalume.*

10

Raulino Silva:
*Da rosa tem o perfume
Milagre do Pai eterno
O bicho correndo solto
A mata mudando pele
Serra soltando fumaça
No período do inverno.*

11

Raimundo Caetano:
*As graças do Pai eterno
Dá muita religião
Uma mãe dando conselho
Um pai passando carão
Mas é ainda em casa
A melhor educação.*

12

Raulino Silva:
*Tem fogueira de São João
No nosso Nordeste inteiro
Dois padrinhos escolhidos
Entre político e vaqueiro
Vem um prá pedir a benção
Outro prá pedir dinheiro.*

13

Raimundo Caetano:
*Tem trabalho de vaqueiro
Ordenhando vacaria
Homem com a mão na massa
Trabalhando em padaria
E uma troca de improviso
Num baião de cantoria.*

14

Raulino Silva:

*Tem as linhas do repente
A solidão de uma seta
A palavra de uma bíblia
A história de um profeta
Que tudo é grande, mas sai
Da cabeça de um poeta.*

07

Raimundo Caetano:
*Tem os gritos de um atleta
Jogando na seleção
Os discursos de um político
Mais as preces de um sermão
Prá vir jogando nas oíças
Prá bater no coração.*

08

Raulino Silva:
*O vaqueiro com o gibão
E o pobre se maldizendo
Uma foto da Kodak
A memória da Nintendo
Nada se passa no mundo
Sem que eu esteja sabendo.*

*Bacia de melancia
Que alguém abriu com facão
A cabeça de um boi
Bem na ponta de um mourão
O couro que serve de cinto
Numa seca no Sertão.*

15

Raimundo Caetano:
*Tem a festa de São João
Prá gente rir e dançar
E até Barra de Santana
Constava como um lugar
O berço e a passarela
Da cultura popular.*

16

Raulino Silva:
*Tem um chocalho a tocar
Para juntar o rebanho
Tem guri levando coice
Dum jegue desse tamanho
E a cabra lambendo o filho
Como quem tá dando banho.*

Em função da vasta quantidade de elementos “retirados do cofre da juízo desta dupla”, - além das categorias propostas no quadro 19 – novos foram acrescentados, e discriminados no quadro a seguir, fato que aponta para a constatação de que esta dupla apresenta maior repertório de improviso, conforme mostrado a seguir.

Quadro 06 - Elementos ofertados na poesia pelos repentistas no quinto confronto.

Categoria de elementos	Discriminação/ Estrofe
Elementos da natureza	Chuva de granizo (02); o Sertão; o orvalho frio (04); borboletas; flores; rios (05); o vaqueiro com o gibão (08); riacho correndo; rosa soltando perfume; floresta eletrizada de vagalumes (09); perfume da rosa; bicho que corre solto; mata que muda a pele; serra que solta fumaça no período de inverno (10); fogueira na festa de São João

	(12 e 16); trabalho de vaqueiro (13); bacia de melancia; cabeça de boi na ponta do mourão; cinto de couro de boi (14); chocalho prá juntar rebanho; guri levando coice de jegue; cabra lambendo o filho como se estivesse dando banho (16).
De repente o repente	Passes de inspiração; baião de improviso (01); história de bêbado (02); ilusão e susto de medroso (03); riso de criança; história de Trancoso (03); o repente; a solidão de uma seta (06); troca de improvisos (13).
Ciências e tecnologia	Matemática; História (02); foto da Kodak; memória da Nintendo (08).
Comportamentos humanos	A benção da mãe (04); choro da criança; nostalgia (05);
Elementos religiosos	Deus e Suas graças (03 e 11); a palavra da Bíblia; a história do profeta (06); as preces do sermão (07); milagre divino (10).
Política	Os discursos do político (07).
Esporte	Os gritos do atleta jogando na seleção (07);
Cotidiano	Pobre se maldizendo (08); marido namorando; mulher com ciúmes (09); conselhos de mãe; carão de pais (11); trabalhador na padaria (13).

Fonte: arquivo pessoal.

Das oito categorias de temas propostos que detalharam o assunto deste baião, a grande maioria dos improvisos abordou, mais uma vez, assuntos ligados ao universo do Sertão, grande parte de autoria do repentista Raulino Silva, que também se destacou nos assuntos ligados à Ciência e Tecnologia. Nas demais categorias, muitas são as inserções do repentista Raimundo Caetano.

Algumas cenas inusitadas, com requintes de detalhes, trazidas à memória dos repentistas, chamam atenção neste baião, tais como as descritas nas estrofes 09, 10 e 14, abaixo transcritas, nas quais importantes são as impressões e metáforas recorrentes que fundem sinesteticamente olfato e visão, como nos versos “*Rosa soltando perfume*” e “*Tem floresta eletrizada/ Formada de vagalume*” (Estrofe 09), “*O bicho correndo solto/ A mata mudando a pele/ Serra soltando fumaça/ No período de inverno*” (Estrofe 10) e “*Bacia de melancia/ Que alguém abriu com facão/ A cabeça de um boi/ Bem na ponta de um mourão*” (Estrofe 14). A inusitada percepção de, no improviso, sentir (ou descrever) a

rosa soltando perfume, ou uma floresta eletrizada de vagalumes exige esteticamente escolhas e repercussões semânticas peculiares. Da mesma forma, como que marcada por simbolismo totêmico, a presença da cabeça de um boi na ponta de um mourão é uma visão ímpar no improviso porque traz a memória precisa do que de fato ocorre no Sertão. Vejamos tais cenas nas estrofes seguintes:

09

Raimundo Caetano:
Tem um riacho correndo
Rosa soltando perfume
Marido atrás de namoro
Mulher cortando ciúme
Tem floresta eletrizada
Formada de vagalume.

10

Raulino Silva:
Da rosa tem o perfume
Milagre do Pai eterno
O bicho correndo solto
A mata mudando a pele
Serra soltando fumaça
No período do inverno.

14

Raulino Silva:
Bacia de melancia
Que alguém abriu com facão
A cabeça de um boi
Bem na ponta de um mourão
O couro que serve de cinto
Numa seca no Sertão.

Por sua vez, nas estrofes 01, 02, 05 e 12, abaixo transcritas, os repentistas alternam, nos improvisos, elementos que bem o justificam. Logo na estrofe inicial Raimundo Caetano, através do trocadilho com os verbos “botar” e “tirar”, atribui a Deus a força do seu improviso, segundo ele nascido de “passes de inspiração”

colocados pelo Criador e retirados pelo repentista quando assim o desejar. Na mesma tônica, na estrofe 05, a presença das expressões “*choro*” e “*momento contente*” se completam com borboletas e rios na constituição do elenco de sentimentos que compõem os improvisos.

Por outro lado, na estrofe 02, o repentista Raulino Silva - ao se aproveitar da presença inoportuna de um insistente bêbado que teimava em chamar a atenção dos repentistas desde o início do baião – improvisa a cena, agregando à estrofe novos elementos, de temáticas e naturezas absolutamente distintas: a chuva de granizo e as ciências humanas, tais como a Matemática e a História.

Por fim, na estrofe 12, captando a tradição de apadrinhamento que povoa o imaginário da relação entre fé, religião e rituais da igreja católica, no Nordeste brasileiro, Raulino Silva habilmente se utiliza das expressões “*pedir a benção*” e “*pedir dinheiro*” para retratar a situação nos seus versos. Vejamos as estrofes:

01

Raimundo Caetano:

Eu vou dizer o que tem

No cofre do meu juízo

Tem passes de inspiração

Tem baião de improviso

Deus quando deseja bota

Eu tiro quando preciso.

05

Raimundo Caetano:

Tem choro, tem nostalgia

Mas tem momento contente

Tem borboletas nas flores

Tem rios botando enchente

Tem um bocado de coisas

No cofre da minha mente.

02

Raulino Silva:

Tem a chuva de granizo

E do bêbado tem a história

Um pouco de Matemática

Um bocado de História

Eu tenho muito onde guarde

No meu cartão de memória.

12

Raulino Silva:

Fogueira de São João

No nosso Nordeste inteiro

Dois padrinhos escolhidos

Entre político e vaqueiro

Vem um prá pedir a benção

Outro prá pedir dinheiro.

1.6 Análise dos resultados decorrentes de tais confrontos

Para melhor avaliar os resultados obtidos, em termos de qualidade da produção poética, nos confrontos investigados, levei em conta os critérios de julgamento, propostos por Ayala (1988, p. 114-115), no capítulo intitulado *Bagagem do repentista*, quais sejam: 1º) Preparação para o repente; 2º) Capacidade de compor os versos; 3º) Domínio da técnica de composição dos diversos gêneros do improviso; 4º) Conhecimento das diversas toadas de viola; 5º) Acúmulo de conhecimento; 6º) Capacidade de interpretação de canções próprias ou alheias.

Fundi os critérios acima mencionados com a classificação costumeiramente que circunda que circunda no universo da cantoria - repentista, cantador e poeta improvisador – e formulei as seguintes categorias: 1o) capacidade de compor versos de improviso, ou de repente; 2o) acúmulo (bagagem) de conhecimentos; e 3o) poesia, isto é, a manipulação estética, o uso de sutilezas e/ou recursos metafóricos no improviso, ou, como dizem os repentistas, o poder de “jogar poesia nos versos”.

Os confrontos dos jovens repentistas tanto entre si, quanto com faixas etárias distintas - considerando-se as circunstâncias nas quais aconteceram, bem como os três critérios de julgamento adotados para qualificar esta produção – apontam para algumas conclusões a seguir discriminadas.

A primeira delas refere-se ao fato de há uma tendência observada de que a categoria dos jovens repentistas, muito provavelmente em função das facilidades de acesso à informação nas redes sociais, atrelada à massificação de aquisição dos novos equipamentos tecnológicos, apresenta níveis de atualização que os qualificam a se posicionarem no mesmo patamar qualitativo dos repentistas mais experientes e famosos. Este fato leva à constatação de que, no imaginário da cantoria de viola, a fama convive lado a lado com atualização e, com efeito, com o dinheiro.

No confronto entre o jovem repentista Felipe Pereira com Raimundo Caetano (Faixa etária D) – mais precisamente no quesito acúmulo de conhecimentos (Quadro 03) – observei, nas sete

categorias temáticas que propus neste quadro, ligeira vantagem do primeiro na abordagem dos grandes dramas mundiais que poderiam decretar o fim da espécie humana, a partir do mote “*A terra a qualquer momento/ Poderá ser destruída*”. Das sete categorias temáticas de dramas, o jovem repentista mencionou as tragédias ambientais e naturais, armamentismo urbano, dramas sociais e a conjuntura político-econômica e seus efeitos; já Raimundo Caetano fez menção à corrida armamentista mundial, as armas de destruição em massa, a violência urbana e os crimes cibernéticos.

Fatos ocorridos há menos de 24 horas - caso do episódio da explosão do vulcão na Guatemala, (Estrofe 06) discorrido pelo repentista Raimundo Caetano - ou os conjunturais mais emergentes, cujas mudanças ocorrem em lapsos temporais de minutos - como a disparada do dólar (Estrofe 07) - capitalizam a informação, no novo contexto de expansão da cantoria, como mercadoria poderosa, altamente seletiva e capaz de, rapidamente, qualificar os repentistas.

A segunda constatação reafirma o fato de que o espaço Sertão como fonte de inspiração - inclusive para jovens e nativos urbanos repentistas - permanece vivo e latente no imaginário dos repentistas na atualidade. Este fato pôde ser constatado em dois confrontos distintos: o primeiro entre os repentistas Evaldo Filho e André Rodrigues, ambos da faixa etária A; e o segundo, entre o jovem repentista Raulino Silva (Faixa etária B) e Raimundo Caetano (Faixa etária D). Para ambos os confrontos o assunto proposto foi “*O que eu coloco na minha poesia*”. Excetuando-se o repentista Raimundo Caetano, os demais são essencialmente de origem urbana.

Dentre as categorias de análise de temas que levantei nas ofertas que Evaldo Filho e André Rodrigues e Raulino Silva e Raimundo Caetano improvisaram nos seus baiões - respectivamente, nos quadros 04 e 06 - destaco a intitulada *Elementos da natureza*, na qual incluo uma vasta e rica diversidade de motivos, aspectos e elementos sertanejos que inspiram na sua poesia. Metáforas, nuances, detalhes e imagens de cenas típicas de

quem efetivamente conviveu no Sertão, tais como: o gavião se peneirando prá pegar um pinto que se afastou da galinha (Estrofe 09 – Quadro 04); floresta eletrizada de vagalumes (Estrofe 09 - Quadro 06); cabeça de boi na ponta do mourão; bacia de melancia (Estrofe 14 - Quadro 06); cabra lambendo o filho como se estivesse dando banho (Estrofe 16 - Quadro 06). Aqui os repentistas ofertaram, nos improvisos, imagens carregadas de poesia. Como já afirmei, reitero a força que os motivos sertanejos exercem no imaginário poético dos repentistas.

Em outra perspectiva, os dados apontaram que os jovens apresentaram melhor desempenho quando duplaram com os da faixa etária D. O cruzamento destes confrontos ocorreu de 02 (duas) formas distintas. De início, dois diferentes jovens repentistas (Felipe Pereira – faixa etária A; e Raulino Silva – faixa etária B) com um único da faixa etária D (Raimundo Caetano); em seguida, um único jovem repentista (Raulino Silva) com dois da faixa etária D (Raimundo Caetano e Valdir Teles).

Meu objetivo consistiu, inicialmente, em investigar de que forma um mesmo profissional se comportava, em termos de desempenho, quando duplava com outros de diferentes faixas etárias e com temáticas distintas. Depois, observar o comportamento performático dos jovens quando duplaram com diferentes profissionais de uma mesma faixa etária, também com temáticas distintas.

Para o primeiro objetivo observei os confrontos de Raimundo Caetano (Faixa etária D) com Felipe Pereira e Raulino Silva, estes pertencentes à categoria de jovens repentistas; já para o segundo objetivo, observei as performances de Raulino Silva (Faixa etária B) com Raimundo Caetano e Valdir Teles (ambos da faixa etária D). O quadro a seguir discrimina tais confrontos com os respectivos assuntos e motes propostos.

Quando comparei as performances, nestas faixas etárias, percebi que os jovens apresentaram nos quesitos repente e poesia ligeira vantagem frente aos da faixa etária D.

A defesa do mote “*A terra a qualquer momento/ Poderá ser destruída*” mostrou, nos três quesitos analisados (acúmulo de conhecimentos, capacidade de improviso e poesia), vantagem de Felipe Pereira sobre Raimundo Caetano. Das sete categorias temáticas propostas, a partir da defesa do mote proposto, o repentista Felipe Pereira improvisou onze versos em quatro delas (71% do total de categorias) quantificadas conforme a distribuição a seguir: tragédias ambientais e naturais (04), armamentismo urbano (01), dramas sociais (04) e conjuntura político-econômica e seus efeitos (02).

Por sua vez, Raimundo Caetano contribuiu com 04 versos de improvisos em três categorias: Armas de destruição em massa (02), crimes cibernéticos (01) e corrida armamentista mundial (01). Julgo a vantagem tanto do ponto de vista de diversificação temática quanto de quantificação de versos produzidos.

Embora considere importante, optei em não quantificar os recursos estilísticos utilizados por cada repentista. Apenas os registrei nas respectivas descrições.

Por sua vez, o repentista Raulino Silva, quando duplou com Raimundo Caetano, apresentou nos mesmos quesitos investigados - quais sejam: capacidade de compor versos de improviso, ou de repente; acúmulo (bagagem) de conhecimentos; e poesia – sutil vantagem, sobretudo na diversificação de temas desenvolvidos à luz do assunto *No cofre do meu juízo*. Nas oito categorias de temas propostas aos repentistas – *elementos da natureza, de repente o repente, ciências e tecnologia, comportamentos humanos, elementos religiosos, política, esporte e cotidiano* – assim se distribuiu a quantificação de versos produzidos: 27 versos improvisados para Raulino Silva e 21 para Raimundo Caetano.

A reiterada rememoração das coisas do Sertão, como já afirmei antes, traz à tona a força que esta memória exerce, inclusive sobre os jovens repentistas. Na produção poética do repentista Raulino Silva, 55,5% dos versos improvisados se enquadraram na categoria *Elementos do Sertão*, o dobro da produção de Raimundo Caetano nesta mesma categoria.

Na categoria *Elementos religiosos*, também percebi ampla vantagem do repentista Raulino Silva frente a seu oponente: três versos para o primeiro e um para Raimundo Caetano.

Por outro lado, a categoria *De repente o Repente* trata do momento em que o repentista improvisa cenas inusitadas ocorridas no momento da apresentação e/ou que tratem especificamente do que aqui chamo de metaimproviso, isto é, o repentista faz poesia do próprio ato de improvisar. Nesta categoria, ampla foi a vantagem do repentista Raimundo Caetano: tratou do metaimproviso em seis versos; já Raulino Silva, em três versos, dentre os quais menciono um registro de um improviso decorrente de um inoportuno bêbado que insistia em pedir um mote, falando em tom de voz elevado e transitando pelo palco.

A diversidade de temas e de abordagens de conhecimentos explorados pela dupla, e distribuídos nas oito categorias propostas, aponta para a sua boa qualificação profissional.

Por fim, o último dos confrontos de Raulino Silva ocorreu com o repentista Valdir Teles, o segundo da faixa etária D.

A longa peleja contrapôs duas posições argumentativas antagônicas: de um lado o jovem repentista Raulino Silva, defendendo, segundo ele, a natural e necessária renovação da cantoria, momento em que – através da estratégia articulada de utilização de diferentes recursos estilísticos e de construção discursiva, bem como as lembranças de diferentes repentistas jovens – constrói sua linha de defesa do assunto; de outro, Valdir Teles, assumindo uma posição em defesa dos repentistas mais tradicionais e consolidados como ‘imortais’ no mundo cantoria – vivos e mortos - momento em que menciona longa lista, além de se utilizar também de uma série de recursos metafóricos, que aqui chamo de mais marcantes.

Os dados quantificados de registros de repentistas mencionados pela dupla, no quadro 05, apontam para as divergências de opiniões acerca do assunto proposto: enquanto Raulino Silva menciona 15 jovens repentistas em ascensão profissional, e/ou já consolidados no mercado da cantoria de viola,

Valdir Teles só cita três deles. Por outro lado, o quadro se inverte quando há referência a profissionais mortos: seis citados por Valdir Teles e três por Raulino Silva.

Por sua vez, é no confronto entre o jogo de metáforas utilizadas que tais posições antagônicas se extremam. Os versos a seguir, respectivamente, de Raulino Silva e Valdir Teles, justificam tal argumento: *“Quando Morreu uma árvore antiga/ Mesmo botando veneno/ Prá uma árvore mais nova/ Brotar no mesmo terreno”* (estrofe 25), e *“Vou lendo na mesma Bíblia/ Vou lendo no mesmo evangelho/ Sem valorizar o novo/ Sem discriminar o velho”* (estrofe 36).

Mais adiante o repentista Raulino ratifica sua posição com os seguintes versos: *“Dizer pro repentista novo/ Que os jovens não tão crescendo/ É como pisar em cima/ Duma flor que está nascendo”* (estrofe 33).

Em outra perspectiva, o repentista Valdir Teles, adstrito à fama e à tradição dos chamados ‘imortais’ da cantoria, muitos ainda vivos, assim declara: *“Os novos têm poesia/ Mas fama não têm ainda”* (estrofe 12); ou *“Quem escutou Vila Nova/ Uma máquina de respeito (estrofe 16)”*.

Entretanto, reproduzo a resposta final de Raulino Silva *“Não há novo sem o velho/ Eu guardo em minha memória/ Dos mais antigos não vou/ Destruir a trajetória/ Mas luto pelo direito/ Do jovem fazer história”* (estrofe 37) aponta para a perspectiva de manutenção da tradição, aqui entendida como organismo vivo, segundo Ricoeur (1997, p. 361), construída a partir do que ele chama de espaço de experiências múltiplas, “uma estrutura folheada que faz o passado assim acumulado escapar à mera cronologia” e que aponta, ao mesmo tempo para o que denomina horizonte de expectativa, ainda segundo o mesmo autor (op. cit. p. 361) que vislumbra o futuro, marcado pelo “desejo, a esperança e a preocupação racional” do que há de vir.

Assim, ao reconhecer que *“não há novo sem o velho”* e que não deseja *“destruir a trajetória”* dos mais velhos, este repentista salva o passado do mero registro cronológico, ao mesmo tempo em que o integra ao presente, questão valiosa para pensar a tradição. Nos versos finais desta estrofe, *“Mas luto pelo direito/ Do jovem fazer*

história”, projeta sua preocupação para o futuro da cantoria, um horizonte de expectativa iniciado sempre no presente. Nesta compreensão, Ricoeur (Op. cit. p. 361) propõe que “como a experiência, a expectativa relativa ao futuro está inscrita no presente; é o futuro-tornado-presente voltado para o ainda-não”.

Raulino Silva, ao lado de profissionais como Luciano Leonel, Acrízio de França, José Carlos do Pajeú, dentre outros, são defensores radicais do que denomina de renovação da cantoria. Para Raulino a cantoria de repente traz uma “linguagem que deve se adequar aos novos tempos”. Crítico severo da falta de atualização dos novos repentistas, condiciona os tempos novos para a arte do repente à necessária qualificação de seus protagonistas, sobretudo a nova geração de profissionais.

Este pensar de um novo tempo para a arte do repente, tão defendido por Raulino Silva, é corroborado por Ricoeur (Op. cit., p. 364) este que defende a ideia de tempo enquanto força transformadora da história. Para Ricoeur (1997, p. 364) sem uma radical mudança de relação entre o espaço de experiência (no presente) e o horizonte de expectativa (no futuro)

o presente é indecifrável. Seu sentido de novidade vem-lhe do reflexo sobre ele da claridade do futuro esperado. O presente nunca é novo, no sentido forte, senão na medida em que cremos que ele abre tempos novos.

Com efeito, ambos os repentistas – Valdir Teles com posições mais conservadoras assumidas nos seus improvisos e Raulino Silva, mais preocupado com a renovação dos quadros da cantoria – de uma forma ou de outra são afetados pelo passado e respondem, cada um ao seu modo, a importantes demandas suscitadas pela tradição: a exigência de um necessário pensar acerca da arte do repente com olhos que transitam entre o passado - marcado por incertezas, imprecisões e verdades regidas, quase sempre pela tradição oral, além de esparsos registros escritos – e o futuro, condicionado a decisões por eles tomadas, no presente, em especial em relação à necessária preparação profissional,

organização da categoria, bem como a forma como cada um lida com o que compreende como tradição.

Por outro lado, a reiterada recorrência aos registros de um seletivo grupo de profissionais, vivos ou mortos, que povoam o universo da cantoria de repente – tidos por muitos profissionais da cantoria como imortais – a mim me parece se tratar de uma característica importante da tradição oral: trazer o passado ao presente; o exemplo a ser seguido; a luz do improvisado que deve continuar brilhando.

Encerro este capítulo referenciando a trágica morte, no dia 22/03/2020, do repentista e colaborador Valdir Teles, considerado no meu ponto de vista um repentista completo, levando-se em conta os quesitos repente, poesia e repentista, considerado no meio profissional como de grande inspiração, improvisos desconcertantes e inusitados e de voz inconfundível. À luz da tradição, vai-se o homem, constrói-se mais uma memória a ser seguida.

No capítulo seguinte trato da força que a memória e suas diferentes perspectivas, bem como a tradição, exercem sobre a cantoria de viola.

Para tal, parto da descrição e análise de dois eventos de cantoria: um na modalidade pé-de-parede, realizado na Fazenda Deserto, município de Campina Grande (PB), em setembro de 2018, entre os repentistas Zé Viola e Erasmo Ferreira; e o outro uma cantoria em homenagem aos 20 anos de profissão do repentista Raulino Silva, realizada nas dependências do Restaurante Bessa Grill, na cidade de João Pessoa (PB), em julho de 2019.

Lanço mão dos conceitos de memória de Le Goff, Walter Benjamin, Changeux e Pierre Janet; os de memória coletiva de Maurice Halbwachs e Ecléa Bosi; e o de tradição de Ricoeur.

Ilustração 06 – Foto: (Da direita para esquerda): O pesquisador e o repentista Raulino Silva. Realizada após pé-de-parede na Churrascaria Rekint's – Queimadas (PB), fevereiro de 2020.



Fonte: (Arquivo pessoal).

II A MEMÓRIA NA CANTORIA DE VIOLA

*A viola seguiu todos os seus passos
Companheira de mais de trinta anos
Conheceu suas manhas e seus planos
Alegrias, prazeres e fracassos
Se algum dia cair em outros braços
Vai quebrar da primeira ao bordão
Porque as digitais da sua mão
A viola não fala, mas conhece
A viola de luto não esquece
O maior repentista do Sertão.*

(Décima do cantador Biu Dionísio em homenagem ao saudoso repentista João Paraibano)

Inicialmente, para tratar das culturas de tradição oral, das quais a cantoria de repente se insere, traço distinções conceituais importantes entre memória, lembrança e tradição. Reconheço que tais conceitos, embora complexos e nem sempre harmônicos, são atravessados por correntes teóricas as mais diversas, e precisam aqui ser aclarados. A prática de rememorar repentistas e seus versos é a substância que mantém a cantoria viva. O registro de versos, causos, cenas e histórias de vida que envolvem a arte do repente parece lhe dar nova ressignificação; trazer o passado para o presente ou, visto de outra forma, levar o presente ao passado, é condição primeira para que a cantoria se ressignifique.

Para os conceitos de memória e lembrança retomo três pensadores: Le Goff (1996); Benjamin (1987), com sua análise sobre a memória enquanto experiência, levando-se em conta a reflexão necessária acerca da tríade experiência plena, vivência e percepção, investigada pelo autor; e Halbwachs (1990) e Bósi (2003) com suas perspectivas sobre a memória coletiva e seus desdobramentos no meio social.

O primeiro, Le Goff, reatualizando as perspectivas de Changeux (1972) e Pierre Janet, avança no conceito de memória para além de seu caráter mnemônico, de atividade meramente cerebral, e lhe amplia como atividade social, de reordenação de vestígios. Para Le Goff (1996, p. 424-425) não se pode pensar a memória sem que entrem em cena

concepções mais complexas da atividade mnemônica do cérebro e do sistema nervoso: 'o processo da memória no homem faz intervir não só a ordenação de vestígios, mas também a releitura desses vestígios. (CHANGEUX, 1972, p. 356.) (...) Assim, Pierre Janet 'considera que o ato mnemônico fundamental é o 'comportamento narrativo.'

Este autor põe em cena a força do chamado comportamento narrativo, as constantes releituras de mundo, as interações, atribuindo à memória um caráter de reconstrução regenerativa da vida social. Na cantoria de repente esta compreensão é fundamental.

A estratégia de (re)contar histórias, fatos e causos pitorescos - além da declamação de versos de repentistas, em atividade ou mortos - constitui-se como uma espécie de antologia do oral que povoa o imaginário que circunda a arte do repente. Compreendo como uma necessidade de manter viva e/ou oxigenar uma experiência muito mais coletiva do que individual. Para melhor aprofundar essa ideia recorro à compreensão de Walter Benjamin de memória enquanto experiência. Este pensa a memória enquanto experiência narrativa, esta portanto relacionada à própria vida e que se desdobra em duas dimensões: experiência plena (*Erfahrung*) e vivência (*Erlebnis*); além da percepção (*Aisthêsis*). O ritmo de vida pré-industrial, marcado pelo modo de produção artesanal e coletivo impunha formas de produção marcadas pela experiência coletiva, na qual os mecanismos de partilha coletiva estendiam-se, segundo Benjamin ao mundo narrado. A ênfase na arte de narrar põe na tradição oral, fruto desta experiência coletiva, a sua força maior: é o que chama de experiência plena.

A partir da mudança de paradigma de ritmo de vida, marcado pelos processos de industrialização e do trabalho em série – típicos do capitalismo industrial – substitui-se a experiência artesanal e coletiva pela individual. Benjamin propõe a segunda dimensão experiencial, a vivência, – que irá, segundo o autor, modificar profundamente as relações humanas, com repercussões marcantes na arte de narrar. No fragmento a seguir, extraído do texto *O narrador: considerações sobre Nikolai Leskov* – escrito em 1936 – Benjamin (1987, p. 197-198) alerta acerca desse declínio da experiência, bem como da crise da tradição oral, desta feita com ênfase na vivência, isto é, no processo de desaparecimento do narrador, bem como da arte de narrar. Vejamos:

São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. É cada vez mais frequente que, quando o desejo de ouvir uma história é manifestado, o embaraço se generalize. É como se estivéssemos sendo privados de uma faculdade que nos parecia totalmente segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências.

Para Benjamin, com o fim da tradição oral, esvai-se o ofício de aconselhar, partilhar experiências, dividir sentimentos e, sobretudo, contar. A industrialização inauguraria uma nova fase nas relações estéticas que marcaram a produção artística: a experiência compartilhada – marcada pela expressão do mundo narrado, que marca a tradição, dá lugar à experiência individual, singular, com ênfase na solidão, na individualidade; em lugar da narrativa desponta o romance; em lugar do relato, transparece a informação.

O reconhecimento, por parte do autor, da força da informação em detrimento da capacidade de narrar, é constatado no mesmo texto, abaixo mencionado:

A cada manhã recebemos notícias de todo mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão para tal é que todos os fatos já nos chegam impregnados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece é favorável à narrativa, e quase tudo beneficia a informação.

Metade da arte narrativa está em, ao comunicar uma história, evitar explicações. [...] O extraordinário, o miraculoso é narrado com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que falta à informação (Op. cit. p. 203)

Abre-se uma nova experiência em termos de memória: a inserção do homem coletivo - produzindo memórias individuais partilhadas intimamente com o outro, através das memórias coletivas, mantendo assim a tradição oral e escrita - dá lugar à dinâmica informacional das memórias voláteis, a serviço unicamente da informação, apontada por Le Goff (2003, p. 452; 469) com a expressão “exteriorização progressiva da memória individual”.

A crítica de Benjamin à vivência, enquanto nova forma de experiência, se dá pelo fato de que esta se distancia da tradição, já que ocorre apenas no presente em ebulição, enquanto atualidade, dando as costas ao passado; informação nova, efêmera, espetacular, longe da experiência plena. Segundo Benjamin (1987, p. 204)

a informação só é válida enquanto atualidade. Só vive nesse momento, entregando-se-lhe completamente, e é nesse preciso momento que tem de ser esclarecida. A narrativa é muito diferente; não se gasta. Conserva toda a sua força e pode ainda ser explorada muito tempo depois.

Portanto, a mudança de uma visão de mundo experiencialmente coletiva para instantânea e individualista acaba, com efeito, afetando os processos de experiência e percepção de mundo. Com efeito, o pensar de Benjamin acerca da memória está indissociavelmente ligado às narrativas de vida, marcadas pelas experiências e percepções.

Neste sentido, ao tratar da experiência típica de uma memória coletiva, Bosi (1994, p. 27) assim se refere:

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, ‘desloca’ estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência.

A experiência narrativa, no presente, tão defendida por Benjamin, como redentora da força de uma memória viva, no dizer de Bosi, destrona as percepções mais imediatas.

Em tempos de novas tecnologias, explosão das mídias sociais, espetacularização do imagético, compreendo relevante a discussão acerca do comportamento das culturas de tradição oral, com ênfase na cantoria de viola, neste tsunami informacional o qual vivenciamos.

Corroboro com Ries (1988), ao parafrasear Benjamin, afirmando que a experiência é memória, enquanto capacidade de recordar e de evocar, que constitui um enriquecimento de saberes; é ainda, presença ativa do passado em nós, como dinamismo e princípio de ação. A elaboração e a transmissão da experiência, então, remetem inevitavelmente ao trabalho da memória (Ries, 1988³²).

Neste sentido, quando o assunto é memória, parece que a experiência narrativa à qual Benjamin se refere é a mesma que 'comportamento narrativo' de Pierre Janet (ap. Le Goff, 1987, p. 425). Vejamos:

Assim, Pierre Janet 'considera que o ato mnemônico fundamental é o 'comportamento narrativo' que se caracteriza antes de mais nada pela sua função social, pois que é comunicação a outrem de uma informação, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo.

Se a tradição oral, da qual a arte do repente se retroalimenta, ocorre no comunitário, compreendo então que esta memória também é coletiva, e exerce uma 'função social' importante. Vive, se realimenta, se ressignifica e mantém seus produtos no meio popular, através de diferentes formas: ora pelo oral, ocorrida quer seja pela transmissão 'boca a boca' de repentistas, folheteiros e apologistas, quer pela memória deste oral registrada em diferentes suportes de mídias audiovisuais comandadas pela internet

³² (Cf. RIES, J. La esperienza religiosa. In: MONTI, C., org. *Il libro del Meeting* 88: cercatori di infinito, costruttori di storia. Roma, Meeting Per L'Amicizia Fra I Popoli, 1988. p. 156-9.

(Facebook, Instagram, Youtube, blogs etc); ora pela transcrição deste mesmo oral para a escrita por meio de folhetos de cordel, livros físicos e e-books. Há uma valiosa memória destes registros (orais e escritos) arquivados nas 'nuvens' destes diferentes suportes, circulando virtualmente à disposição de todos que têm acesso às redes sociais.

Para dar conta da função social desta memória, recorri às noções de memória coletiva de Halbwachs, incorporadas, no Brasil, por Ecléa Bosi.³³ O primeiro, avança nas perspectivas de memória enquanto fato social³⁴ do filósofo francês Durkheim.

Para Halbwachs as imagens do passado não estão na memória do indivíduo, e sim, na sociedade. Para consolidar o seu conceito de memória coletiva este autor parte de duas ideias fundamentais: memória enquanto reconhecimento e reconstrução. Reconhecer seria trazer o passado ao presente, isto é, trazer à tona o já visto; reconstruir corresponderia à ação exercida pelo grupo, no presente, a partir do que chamo de transformar as lembranças do passado em um contexto espaço-temporal presencial: memória em fluxo contínuo, mantida e transformada por força da tradição, esta que, segundo o autor, é responsável por encadear os fatos na memória coletiva. Para ele, quando esta não mais dá conta de rememorar os fatos, entra em ação a história com suas marcações temporais. Para Halbwachs (1990, p. 45)

³³ Destaco desta autora as obras *O Tempo Vivo da Memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003; e *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

³⁴ Durkheim (Apud ACHILLES, Daniele; GONDAR, Jô, 2016) abordou a questão do fato social para entender a relação entre indivíduo e sociedade, buscando assim inaugurar uma nova sociologia. (...) Assim, os fatos sociais se exercem sobre os indivíduos, levando-os a se conformarem às regras dispostas pela sociedade. Os conflitos do indivíduo passariam para o grupo, ou para a sociedade, que de algum modo os representam. O ponto de vista durkheimiano sugere uma cristalização e objetividade das apropriações sociais e, conseqüentemente, a memória é concebida por ele com essas características. (ACHILLES, Daniele; GONDAR, Jô. *A Memória sob a Perspectiva da Experiência*. Revista *Morpheus: estudos interdisciplinares em memória social*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 16, ago./dez. 2016. p. 177).

os quadros coletivos da memória não se resumem a datas, nomes e fórmulas, eles representam correntes de pensamento e de experiência onde reencontramos nosso passado porque este foi atravessado por isso tudo.

De maneira sintética compreendo que o conceito de memória coletiva está relacionado ao trabalho contínuo que um dado grupo social exerce de reconhecer e reconstruir o passado, estabelecendo uma espécie de continuidade, sem ruptura, entre passado e presente. Para tal, compartilha imagens e lembranças deste passado e, por meio da tradição³⁵, passa-as adiante.

Bosi (2003, p. 20), ao tratar da força desta memória, ratifica que esta “parte do presente, de um presente ávido pelo passado, cuja percepção é a apropriação veemente do que nós sabemos que não nos pertence mais”. Aqui, entendo, tal qual Bosi (Op. cit. p. 32-33), como memória enraizada no passado,

passado aberto, inconcluso, capaz de promessas, (...) não como um tempo ultrapassado, mas como um universo contraditório do qual se pode arrancar o sim e o não, a tese e a antítese, o que teve seguimento triunfal e o que foi truncado.

Ainda, segundo Bosi (op. cit., p. 28) é este enraizamento do presente no passado a única condição agregadora da memória.

Assim como Halbwachs, Bosi, ao tratar da memória, a separa radicalmente do discurso de ruptura historicista, com suas datações, terminações e explicações positivadas, e parte para análise das tensões e contradições deste passado, inacabado e complexo, para o qual muitas vezes a única explicação se detém na confrontação de dados e informações colhidos no ouvir dizer, nos vestígios de lembranças esparsas e longínquas.

³⁵ “Do Latim *traditio*, um derivado de *tradere*, “entregar, passar adiante”. E este verbo se formava por *trans-*, “além, adiante”, mais *dare*, “dar, entregar”. Ela atende ao significado de “passar algo a alguém”, como costumes, cerimônias, hábitos, características de um grupo.” (Disponível em: > <https://origemda palavra.com.br/palavras/tradicao/><. Data da consulta: 21/04/2020)

Esta perspectiva de memória enquanto experiência vai ao encontro do pensar de Benjamin, desta feita a partir de uma experiência coletiva: o grupo busca ‘escavar o passado soterrado’ tentando extrair dele, por meio das lembranças - para Halbwachs compreendidas como imagens que subsidiam na tarefa de pôr a memória em ação – elementos que contribuam para manter viva a tradição. Ainda sobre lembrança, Halbwachs (1990, p. 71) assim se manifesta:

É em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada.

Ainda para Bosi (1994, p. 55) a síntese enunciativa da compreensão de memória enquanto ‘transformação’ revolucionária do passado, construída a partir de representações de lembranças diversas. Vejamos:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor.

Portanto, se não há lembrança, não há memória coletiva. Entretanto, o ato de lembrar sempre ocorre no presente, a partir do ponto de vista do presente. As informações, fatos, relatos e notícias colhidos do passado são como que transformados pelo olhar de quem está no presente. A tradição consiste justamente no processo contínuo e ininterrupto de recuperação, ou de tradução, das imagens do passado.

Por outro lado, pensar em memória coletiva exige necessariamente refletir sobre os meios coletivos, nas interações, no outro. Para Halbwachs (1990, p. 51)

a sucessão de lembranças, mesmo daquelas que são mais pessoais, explica-se sempre pelas mudanças que se produzem em nossas relações com os diversos meios coletivos, isto é, em definitivo, pelas transformações desses meios, cada um tomado à parte, e em seu conjunto.

Neste sentido, o conjunto dos grupos sociais – no caso da cantoria de repente- inseridos nos diferentes suportes de mídia da atualidade, quando (re)produzem versos, máximas, causos e historietas de antigos e atuais repentistas e demais poetas – são os responsáveis pela manutenção – por meio da tradição – dessa memória coletiva, na verdade composta pelo conjunto das memórias individuais.

Na citação de Halbwachs (1990, p. 84), que a seguir transcrevo, esclareço importante distinção entre memória individual e coletiva, necessária para fundamentar a atividade da cantoria de repente em um contexto espaço-temporal e histórico específico. São impressões e memórias individuais que juntas alimentam a memória coletiva. Para Halbwachs (Op. cit., p. 50)

cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios.

Por outro lado, o natural esgotamento da memória de uma sociedade – quer seja pela morte de seus membros individuais, quer pelo natural esquecimento e/ou substituição de conjunturas as mais diversas possíveis, provocadas pela dinâmica social e histórica por que passam os grupos sociais – sempre ocorre das bordas para o centro, “com as novas imagens recobrando as antigas”. (HALBWACHS, 1990, p. 74). Entretanto, ao olhar cauteloso e benjaminiano para a tradição, verificaremos que por

trás das novas imagens estão lá cacos e resíduos de "antigas camadas que afloram em mais de um lugar. (Op. cit. p. 68).

Ainda, de acordo com Halbwachs (Op. cit, p. 84) a memória de uma sociedade

não cessa de se transformar, e o grupo, ele próprio, muda sem cessar. É, aliás, difícil dizer em que momento uma lembrança coletiva desapareceu, e se decididamente deixou a consciência do grupo, precisamente porque, basta que se conserve numa parte limitada do corpo social para que possamos encontrá-la sempre.

Neste ponto, deduzo que, mais que na história decorada e/ou apreendida, é na história vivida, sentida e transformada pelos grupos sociais que reside nossa memória. (HALBWACHS, Op. cit., p. 60).

Para as perspectivas de tradição, importante é a contribuição de Ricoeur (1997, p. 379) para quem a tradição tem a ver com “as coisas já ditas enquanto nos são transmitidas ao longo das cadeias de interpretação e de reinterpretação”. São as narrativas do cotidiano que dão legitimidade à tradição. Para este pensador

a distância temporal que nos separa do passado não é um intervalo morto, mas sim uma transmissão geradora de sentido. Antes de ser um depósito inerte a tradição é uma operação que só se compreende dialeticamente no intercâmbio entre o passado interpretado e o presente interpretante. (Op. cit. Idem).

A dialética entre o passado histórico e o presente que o interpreta é essência basilar da tradição e suas diferentes particularidades. Ricoeur defende que na essência da discussão acerca da tradição há também uma voz do passado, às vezes, ideologicamente silenciada, mas que legitima uma verdade, a da tradição, voz que se “enuncia como auto apresentação das coisas-mesmas”. Neste sentido, em termos mais estritos a tradição é “instância de legitimidade, designa a pretensão (presunção) à verdade (o ter como verdadeiro) oferecida à argumentação no espaço público da discussão”. (Op. cit. p. 382).

Com base nos estudos de Reinhart Roseleck, responsável por estabelecer as duas categorias meta-históricas de Espaço de Experiência³⁷ e Horizonte de Expectativa³⁸, doravante, respectivamente, E.E e H.E., Ricoeur categoriza o que chama de ser-afetado pelo passado, uma das categorias do fazer história. Segundo este teórico na tradição reside sempre uma grande tensão, que ele chama de perspectivas cruzadas, marcada por um cruzamento de tendências, lutas, conflitos, forças e perspectivas entre o passado e o presente e uma grande responsabilidade em se ‘fazer um futuro’ melhor, mais justo e menos utópico. Haveria uma história por fazer, necessariamente, mais racional, ética, que age. Portanto, é na força do agir que a história precisa ser feita. A tradição, neste contexto de uma história por fazer, é importante porque não vê o passado como pronto e acabado, mas aberto ao que o autor denomina de abertura possibilidades esquecidas. Senão vejamos:

par em par com a visão de um H.E., a ideia de reinterpretação do passado abre flancos na ideia arcaica de finitude deste mesmo passado: “abertura de possibilidades esquecidas, potencialidades abortadas, tentativas reprimidas (nesse aspecto uma das funções da história é reconduzir a esses momentos do passado em que o futuro ainda não estava decidido, em que o próprio passado era um espaço de experiência aberto para um H.E.); (RICOEUR, 1997, p. 381).

A possibilidade de revisitar o passado e buscar suas potencialidades, que por razões muitas, foram caladas e/ou abortadas oxigena a ideia de tradição como algo revolucionário, e põe ênfase na urgente necessidade estabelecer uma constante

³⁷ Segundo Ricoeur (1997, p. 361) “evoca a possibilidades de percursos segundo múltiplos itinerários e sobretudo de agrupamento e de estratificação numa estrutura folheada que faz o passado assim acumulado escapar à mera cronologia”.

³⁸ “Inclui esperança e temor, o desejo e o querer, a preocupação, o cálculo racional, a curiosidade, todas as manifestações privadas ou comuns que visem ao futuro; como a experiência, a expectativa relativa ao futuro está inscrita no presente; é o futuro-tornado-presente voltado para o ainda-não”. (RICOEUR, 1997, p. 361).

dialética entre as questões presenciais e urgentes que nos norteiam, dentre as quais destaco as perspectivas vislumbradas para o futuro da cantoria de repente.

O ato de trazer à memória versos de repentistas (mortos e vivos) durante os eventos de cantoria constituiu-se como eficaz estratégia metodológica, uma espécie de antologia do oral, bastante apreciada por repentistas e apologista.

Como parte de uma espécie de ritual, o apresentador tomou como regra obedecer à seguinte sequência ritualística na qual, inevitavelmente, faz parte a declamação de versos e causos envolvendo repentistas, vivos e mortos.

1º) Abertura do evento, quer seja festival ou cantoria na modalidade pé-de-parede, com versos de improvisos do próprio apresentador, quase sempre na modalidade sextilhas;

2º) Cumprimentos iniciais ao público presente;

3º) Orientações gerais acerca da dinâmica do evento. Se na modalidade pé-de-parede: importância e tipos de coleta das contribuições financeiras, formas de proposta de motes e assuntos e suas respectivas pagas, tempo de duração, dentre outras informações iniciais, quase sempre dirigidas aos novos frequentadores; se na modalidade festival: explicações gerais sobre a estrutura do evento, tais como: quantidade e natureza dos critérios de julgamento, bem como informações sobre a comissão julgadora, premiação, explicações sobre sequência dos gêneros a serem apresentados, tempo de duração de cada um deles, dentre outras informações relevantes;

4º) Agradecimentos iniciais aos patrocinadores e apologistas em geral. Neste momento, além dos antigos apologistas frequentadores, a maioria dos presentes têm seus nomes mencionados. Este ritual, para além de 'massagear os egos' dos mencionados publicamente parece consolidar a condição social e de natureza eminentemente popular inerente à cantoria de viola;

5º) Leitura de versos dos repentistas da noite (ou outros, vivos ou mortos). Independentemente da natureza do evento, o promovedor vai lendo, durante o seu decorrer, como que

‘costurando’, no intervalo entre as apresentações, versos de repentistas e causos envolvendo apologistas e repentistas, em uma espécie de “antologia oral do repente”, expressão de Ayala (1988, p. 21). De acordo com a letra inicial solicitada pela plateia, o promovedor lança mão de versos de seu *A.B.C.* – extensa lista, em ordem alfabética, de verbete de versos de repentistas que este apresentador decora, já gravada em mídia de CD³⁹ e vendida durante as apresentações. Tais leituras são intercaladas por causos, cenas e/ou episódios pitorescos envolvendo repentistas. Bastante apreciada pelo público presente, esta espécie de abecedário tem se revelado como um eficaz registro de memórias que parece realimentar, no universo da cantoria de viola, o desejo de manter viva a arte do repente, através da memória não só dos grandes desta arte, mas também de repentistas de pouca fama;

6º) Sorteio dos envelopes⁴¹ que contêm os assuntos e motes a serem desenvolvidos por cada dupla, quando se tratar de festival; ou baiões iniciais de apresentação dos repentistas, normalmente com assuntos de livre escolha das duplas, quando o evento é na modalidade pé-de-parede;

7º) Durante a apresentação destes baiões, normalmente variando entre 10 e 15 minutos, o apresentador percorre as mesas consolidando os cumprimentos iniciais, coletando os primeiros motes, assuntos e/ou propostas de modalidades a serem improvisadas pelos repentistas com as respectivas pagas;

8º) A partir deste momento a dinâmica de funcionamento dos eventos na modalidade pé-de-parede, praticamente obedece à mesma metodologia: enquanto os repentistas respondem aos pedidos da plateia, o apresentador prossegue, de mesa em mesa, com a coleta de assuntos, temas e modalidades a serem

³⁹ Nome da mídia de CD: Iponax Vila Nova. Poeta declamador. Produção: Iponax Vila Nova; Co-produção: Cíntia Camila; Gravado em Gravasom Studio, Campina Grande (PB), 2005.

⁴¹ Cada envelope contém quatro propostas de gêneros de cantoria, sendo três que serão submetidas a julgamento: um assunto para sextilhas, um mote em sete e um mote em dez, além de uma modalidade final, que não se submete a julgamento.

desenvolvidos, com suas respectivas pagas, além de fazer o social: cumprimentos, interações e consolidação de laços sobretudo com os frequentadores novos; durante os intervalos das performances – quer se trate de festival ou de pé-de-parede – o apresentador interage com a plateia: agradece aos presentes, mais uma vez nominando os que eventualmente esquecera de fazê-lo em momentos anteriores, agradece aos patrocinadores bem como aos apologistas mais fiéis e generosos na paga, declama versos de profissionais (vivos ou mortos) quase sempre obedecendo ao seu abecedário e por pedidos da plateia e reforça a forma de pagamento, quase sempre de maneira jocosa e menos constrangedora possível.

Detalho a seguir dois momentos em que houve registros deste abecedário, com ênfase na força das memórias que movimentam a cantoria na contemporaneidade.

O primeiro deles, refere-se à III edição do projeto de cantoria intitulado Cantoria na Fazenda, na modalidade pé-de-parede, com a dupla Erasmo Ferreira e Zé Viola, realizada, no dia 15/09/2018, na Fazenda Deserto, de propriedade do apologista Washington Farias, localizada no município de Campina Grande (PB). O segundo refere-se à comemoração dos 20 anos de carreira do repentista Raulino Silva, evento realizado no dia 18/07/2019, no restaurante Bessa Grill, em João Pessoa (PB), momento em que – sob a apresentação de Iponax Vila Nova – o homenageado duplou com os repentistas Edmilson Ferreira, Acrízio de França, Sebastião Dias e Biu Dionísio.

2.1 Cantoria na Fazenda: dos causos com Santino Luiz, Pinto do Monteiro ao abecedário

A dinâmica do abecedário, proposta pelo apresentador, normalmente é precedida, no ato da cantoria, pelos cumprimentos iniciais, comentários gerais sobre o evento, bem como as respectivas orientações acerca da sua condução.

Neste pé-de-parede contemplaram-se no abecedário as letras A, B, C, E e F com leitura de versos, na sequência, dos respectivos repentistas: Arlindo Costa, Biu Gomes, Cicinho Gomes, Edelzel Pereira e Felipe Pereira.

A seguir detalho os momentos iniciais em que o apresentador cumprimenta os presentes e em seguida inicia seu abecedário:

Elza acompanha Zé Viola por todo canto. Prof. Reneudo, Gilmar Costa, Wilton Lopes, Fidelis, lá de Coxixola, Prof. Marcelão, Prof. Tavares, Fernanda Figueiredo, Fernanda Monte, Sandra Rosa, Fátima, muito bem acompanhada, por Rosa e Ascendino Araújo⁴² (Gargalhadas)... Alisson Gouveia (Irmão do saudoso deputado campinense Rômulo Gouveia recentemente falecido). Germano, Zélio Freitas, (que agora pede um desafio), Wânia Mangueira, Edilma, Wilson, Raquel, João Barros, Feliciano, Washington (dono da fazenda), Alba (esposa de Washington), Neto e Júnior (Filhos de Washington), muito obrigado, mais uma vez. Vamos dizer versos enquanto os poetas maquinam alguma coisa. Na letra 'A', do poeta Arlindo Costa:

*Minha mãe foi um tesouro
Maior que eu tive na vida
Ela só me dava um tapa
Se estivesse aborrecida
Mesmo assim, depois voltava
Me beijando arrependida.*

Na letra 'B' do saudoso poeta Biu Gomes:

*Sabiá do meu Sertão
Quando canta me comove
Passa três meses cantando*

⁴² Ascendino Correia de Araújo, repentista nascido na cidade Patos (PB), em 06/10/1944 e falecido em Campina Grande, em 02/01/2020. Freqüentador assíduo do *Clube do Repente* há anos. Pela sua espontaneidade, simplicidade e amizade com todos do universo da cantoria tornou-se ícone da arte do repente nesta cidade e região por onde cantou, tendo duplado com muitos cantadores. Tinha o hábito de, durante as cantorias tanto no *Clube do Repente* como em outros locais, interferir, aplaudir efusivamente e/ou tecer comentários, em alguns momentos, pitorescos e folclorizante que beiravam humor e gozação dos presentes. Revelou-se como um apaixonado pela arte do repente.

*E sem cantar passa nove
Porque tem obrigação
De só cantar quando chove*

E prá quem toma uma, boa parte toma aqui, lembrar, na letra 'C', de Cicinho Gomes:

*Antes de beber cachaça
Até chuva ofendia
Aí comecei a beber
Foi tão grande a serventia
Que até a dor da saudade
Não dói mais como doía.*

Além de declamar versos de poetas e repentistas – trazendo à tona a força da memória, como elemento importante na manutenção da tradição – o promovente também costura nos eventos de cantoria causos e historietas envolvendo personagens do mundo cantoria. Bastante prestigiadas, tais cenas também catalisam a força da memória como elemento de ressignificação da cantoria de viola. Abaixo transcrevo um dos muitos causos deste promovente, relatados por ele nesta tarde:

Eu morava lá na Casa do Repentista, onde hoje é o *Rede Compras*. Toda semana tinha cantoria, mas o repentista não vinha por contrato... então, a gente trazia grandes nomes. Santino Luiz era o responsável pela casa. Santino, Dona Francisca, a esposa dele, e Socorro, a irmã dele. Elas atendiam, cozinhavam e Santino servia nas mesas. E aí, Tavares, ao lado de Arnaldo Cipriano, diziam: 'Rapaz, lá embaixo Santino tá criando bem umas 200 galinhas'. Isso no centro de Campina Grande, viu? E uns 30 bodes. Aí, deram o mote: 'Hoje, à noite, tem grande cantoria/ no chiqueiro de bode Santino'. Menino, Santino tinha uma mausa⁴³ e saiu gritando: "O cidadão que deu o mote...!!!" Aí disseram: "Foi Arnaldo, foi Amazan, foi Iponax". Resumindo: o mote foi feito numa linha minha e outra linha do professor Tavares.

Em seguida, o apresentador dá continuidade aos versos de repentistas.

⁴³ "Mauser", arma bastante antiga pertencente a colecionadores.

“Na letra ‘E’: Edelzel Pereira”.
Fui nascido num velho pede serra
Me criei contemplando a mata virgem
Deus não quer que eu negue a minha origem
Escondendo o valor da minha terra
Nunca fui testemunha de uma guerra
Nunca vi um sequestro de avião
Ao invés do disparo do canhão
Só ouvi o trovão estremecer
Eu não tenho vergonha de dizer
Como foi minha infância no Sertão

E na letra ‘F’, um verso, produzido em julho de 2018, no Festival de Barra de Santana (PB), por Felipe Pereira, jovem repentista de Natal (RN), cantando com João Lídio, a partir do seguinte assunto: *Meu coração está pedindo.*

Meu coração tá pedindo
Um aconchego e um ninho
Uma doação de amor
Uma esmola de carinho
Por não tá mais aguentando
Passar a vida sozinho.

Já o repentista Zé Viola, na cena seguinte, demonstrando uma capacidade ímpar de imitação, e provocando grande descontração no público, trazendo à memória causos do mundo da cantoria, relata um episódio envolvendo o repentista Pinto do Monteiro, famoso pela sua capacidade de improvisação. Vejamos:

O velho Pinto de Monteiro, todos vocês sabem que foi um repentista extraordinário. Não tocava nem um pouco. Era de jeito nenhum mesmo. A voz feia, porém o verso extraordinário. Isso valeu prá ele, valeu pra o povo da cantoria e a sua fama extraordinária está aí pra nunca se acabar, enquanto o mundo existir.

Aí, certa vez, Pinto, em Monteiro (PB), cantando numa missão de Frei Damião. Um repentista chamou ele e ele num estava gostando nada daquilo. O repentista cantando com ele e ele: ‘Num sei o que eu vim fazer aqui’ (Nesse momento, o repentista Zé Viola imita, em performance, exatamente

o tom de voz, ‘apertado, fanho e singular’, bem conhecido de Pinto (gargalhadas e aplausos). Aí o repentista terminou um baião dizendo: ‘Vim cantar com Pinto velho e visitar Frei Damião’. Pinto velho disse:
(Continua a imitação no mesmo tom de voz de Pinto)

*Visite Frei Damião
Que não lhe dá prejuízo
Peça prá benzer seu bolso
Prá você não andar liso
Rezar na sua cabeça
Prá você criar juízo*

Tinha uma dupla de repentistas chamada Serra Osso e Serra Pau. Eles fizeram uma cantoria no sítio Vicência ... foram depois em uma cantoria de Pinto Velho e tinham umas pessoas do sítio Vicência. Serra Osso foi lá no ouvido de Pinto Velho e disse: ‘agradeça ao povo do Sítio Vicência, onde eu fiz uma cantoria com Serra Pau’. Ele disse: ‘pois não!!!’.

*Serra Osso e Serra Pau
Cantaram lá em Vicência
Naquele povo de lá
Foi a maior penitência
Mas passaram a noite escutando
Dois homens sem consciência*

Naquele tempo em que o valor de uma boa viola valia uns 15 contos, valor de duas vacas de bom porte, Mané Patativa vendeu uns troços que tinha, pegou um pau de arara, foi à rua Aurora, em São Paulo, travessa da Santa Efigênia, que ainda hoje é lá, a fábrica dessas violas – Del Vecchio. Comprou a viola, viola bonita, e o povo só olhava prá viola, bonita danada, diferente, som maravilhoso... foi cantar com Pinto Velho. Pinto Velho com um sabugo de viola, desafinada, voz ruim, não tocava... e o povo: ‘A viola desse homem, vixe Maria, que coisa linda...!!!!’. ‘E a viola desse velho, Ave Maria.’. Pinto foi se inchando com aquilo. Daqui a pouco Mané Patativa:

*Só vim mostrar pra Pinto Velho
O Patativa cantar*

*Resposta de Pinto:
Se já tinha ouvido falar
Nesse tal de Patativa
Viola de 15 contos*

*A roupa um tanto atrativa
A voz, até nem por isso,
Mas o resto é merda viva*

Certa vez Pinto, cantando no terreiro de uma casa de reboco, chegou uma garoa. Ficou todo mundo ali na casinha escondido, perto uns dos outros. Aí tem sempre um cabra gaiato, que gosta de aproveitar esses momentos, começou a soltar uns peidos. Já ía no terceiro e o povo sem aguentar, e pela educação, sem ninguém dizer nada. Pinto velho desabafou por ele e pelos outros. Quando o cabra soltou o quarto, Pinto Velho disse:

*Aqui passou um mal cheiro
Bafeja no meu nariz
Eu só queria acertar
No rabo desse infeliz
Mas quem solta um diabo desse
Morre na vez e num diz.*

Ilustração 07 - Foto do pesquisador com o repentista Sebastião Dias. Pé-de-parede realizado na sede do Clube da Caixa econômica - João Pessoa (PB), 2017.



Fonte: Arquivo pessoal.

2.2 “De Manoel Xudu a Edmilson Ferreira”: A.B.C de memórias que fundem dramas familiares, seca, religião, cultura de massa, conjuntura política e fome

Este foi o único dos eventos de cantoria que registro o qual ocorreu em 2019. A comemoração dos 20 anos de profissão do repentista Raulino Silva aconteceu em julho de 2019, nas dependências do restaurante Bessa Grill, na cidade de João Pessoa (PB). Tratou-se de uma cantoria de homenagem, na modalidade escrita, já que os todos os repentistas convidados - Edmilson Ferreira, Valdir Teles, Acrízio de França, Biu Dionísio e Sebastião Dias – puderam preparar e decorar previamente os baiões de sextilhas que cantariam. Todos duplaram com o homenageado da noite. Cada dupla poderia desenvolver, no máximo, um baião de quatro estrofes para cada um dos repentistas. Os registros que seguem referem-se apenas à transcrição dos momentos em que o apresentador se utilizou do seu abecedário.

Recurso utilizado por muitos profissionais, os baiões escritos têm gerado muitas discussões. Na opinião de muitos deles, os chamados balaios, além de quebrarem a magia do improviso, essência da cantoria, são usados como uma das muitas estratégias desleais das quais muitos repentistas se utilizam para minarem seus oponentes. Para outros, desde que haja conhecimento de ambos, não haveria problema se utilizados nas disputas. Inevitavelmente, são eficazes em eventos de gravação de CDs e DVDs.

É fato que não há improvisação total. Em primeiro lugar compreendo que, na cascata de enunciações que constituem a performance do repentista, há um complexo e vasto jogo de memórias e lembranças as quais a cada momento são postas em ação, durante a performance. Neste sentido, Zumthor (2010, p. 254) admite que jamais a improvisação é total, já que há normas culturais preestabelecidas que influem na performance:

O improvisador possui o talento de mobilizar e de organizar rapidamente materiais brutos, temáticos, estilísticos, musicais, aos quais se juntam as

lembranças de outras performances e, frequentemente, de fragmentos memorizados de escritas.

Por outro lado, o próprio conceito de cantoria de viola, proposto por Ayala (1988, p. 17), o qual aqui referencio como o mais pertinente, já propõe pistas que, de uma forma ou de outra, relativizam a ideia da improvisação total. Para esta autora trata-se de

um dos tipos de poesia improvisada nordestina - o repente ao som da viola – incluindo também as criações poéticas não improvisadas, a ela integradas por iniciativa dos repentistas ou por exigência do público.

Não vejo, portanto, que o recurso do balaio, se utilizado em condições de conhecimento, equilíbrio e lealdade para ambos os repentistas, possa quebrar a beleza do improviso de viola. Neste sentido, recomendo a leitura de Santos (2019) acerca da questão.

O apresentador, além de uma sextilha inicial de sua autoria em homenagem ao repentista Raulino Silva, mencionou os seguintes repentistas: Biu Dionísio, Edmilson Ferreira, João Paraibano, Louro Branco, Manoel Xudu, Nonato Costa, Raulino Silva, Rogério Meneses, Sebastião Dias e Sebastião da Silva.

A temática da fome, tratada por Manoel Xudu, foi lembrada no abecedário:

Letra M (Manoel Xudu):

*Eu sou pai de cinco filhos
Que a natureza me deu
De manhã compro seis pães
Cada um agarra o seu
A mulher come o que sobra
Quem passa fome sou eu.*

Por sua vez, Raulino Silva, cantando com Jonas Bezerra, satiriza a chamada cultura de massa:

Letra R (Raulino Silva)
Mote em Dez: *A cultura de massa faz com que
O produto já nasça descartado.*

*Nessa terra quem faz música profunda
Não atrai muito público ou vende ingresso
Cantoria não faz muito sucesso
Porque bom repentista não mostra a bunda
Quem escuta um Arrocha na segunda
Eu duvido na quarta estar lembrado
Se dos hits só um vai ser tocado
Para que pôr vinte músicas no CD
**A cultura de massa faz com que
O produto já nasça descartado***

Quando provocado acerca da rotina do ser poeta, o repentista Raulino Silva traz à cena elementos da credence, da tradição e dos valores familiares como costura importante no improvisado, aqui rememorado no abecedário:

Mote em Dez: *Sou poeta com alma de andarilho
E coração de cowboy aventureiro.*

*Por saber onde vou não temo a morte
Nem esqueço das coisas do passado
E além do rosário pendurado
Enfeitando o espelho do transporte
Levo um pé de coelho prá dar sorte
Enganchado no elo do chaveiro
Na agenda o traçado do roteiro
E na carteira uma foto de meu filho
**Sou poeta com alma de andarilho
Coração de cowboy aventureiro***

Sobre o perdão materno, Sebastião Dias foi rememorado:

Letra S (Sebastião Dias).

Mote em Dez: ***Toda a mãe tem o dom de perdoar
Quando o filho se mostra arrependido.***

*Se um filho de casa vai embora
E se torna ladrão ou assassino
Depois volta por conta do destino
Vai viver no lugar onde a mãe mora
Se o pai resolver botar prá fora
A mãe sabe que o filho é um bandido
Mesmo assim diz com raiva prá o marido:
“Se expulsar o meu filho eu deixo o lar”
***Toda a mãe tem o dom de perdoar
Quando o filho se mostra arrependido.****

Por sua vez, quando o assunto tem a ver com as questões relacionadas à religião, o repentista Nonato Costa, assim foi referenciado no abecedário:

Letra N (Nonato Costa)

Mote em Dez: ***Quem se julga de Deus a semelhança
Não tem nada com Ele parecido***

*Paiva Neto parece uma lagarta
Come antes da folha ficar pronta
Prá ser feito o depósito numa conta
Telefona prá gente e manda carta
A igreja que quer que a gente parta
Não quer ver seu tesouro repartido
Pode até existir, mas eu duvido
Que exista algum santo de poupança
***Quem se julga de Deus a semelhança
Não tem nada com Ele parecido****

Os versos do repentista João Paraibano, que unem os dramas, dores, rotinas, hábitos e costumes sertanejos, aqui foram recuperados no abecedário:

Letra J (João Paraibano).

Mote em Dez:

***Eu não tenho vergonha de dizer
Como foi minha infância no Sertão***

*Me criei no roçado trabalhando
Que pai pobre não pode educar filho
Botei água de longe, moí milho
Eu, moendo com raiva, e mãe botando
Vesti roupa de saco se rasgando
E catei pulgas no pano do colchão
Li romance na luz do lampião
E roubei santo na seca prá chover
Eu não tenho vergonha de dizer
Como foi minha infância no Sertão*

Ou na sextilha:

*Me criei cavando poço
Jogando pedra em cupim
Vinha da roça prá casa
Com um feixe de capim
E um bando de mutuca
Doidejando atrás de mim*

Ainda, tratando dos assuntos que remetem diretamente à tradição sertaneja, o repentista Edmilson Ferreira, cantando com Antônio Lisboa, em 2005, na cidade de Patos (PB), foi mencionado no abecedário com o seguinte mote:

Letra E (Edmilson Ferreira).

Mote em Sete: ***Esse é o meu jeito de ser***

Eu não pretendo mudar.

*De roupa talvez eu troque
Se for simples como essa
Mas, por favor, não me peça
Que eu troque um baião por um rock
Meu mel de abelha num block
Meu cuscuz num caviar
Meu pote num frigobar
Meu fusca num currier*

*Esse é o meu jeito de ser
Eu não pretendo mudar.*

O repentista Biu Dionísio, cantando com Zé Galdino em Limoeiro do Norte (CE), e homenageando o saudoso João Paraibano, assim glosou:

Letra B (Biu Dionísio)
Mote em Dez: *A viola de luta não esquece
O maior repentista do Sertão.*

*A viola seguiu todos os seus passos
Companheira de mais de trinta anos
Conheceu suas manhas e seus planos
Alegrias, prazeres e fracassos
Se algum dia cair em outros braços
Vai quebrar da primeira ao bordão
Porque as digitais da sua mão
A viola não fala, mas conhece
A viola de luto não esquece
O maior repentista do Sertão.*

As diferentes modalidades de cantoria de viola, com suas respectivas peculiaridades, justificaram as escolhas dos dois eventos acima referidos. Na primeira, um pé-de-parede realizado em circunstâncias específicas de uma fazenda, portanto de zona rural; e a segunda, por se tratar de uma cantoria em homenagem aos 20 anos de profissão do repentista Raulino Silva, realizada na zona urbana, no restaurante Bessa Grill, na capital João Pessoa (PB). Em ambas as situações o exercício de uma memória coletiva, nos moldes de Halbwachs, se sobrepõe aos *locus* de realização dos eventos: indiferentemente aos tempos e aos espaços, a arte do repente vem resistindo e se transformando. Para tal, o exercício contínuo desta memória vai trazendo, no imaginário dos seus envolvidos – repentistas e apologistas – o passado no presente.

Do total de 25 profissionais rememorados nos dois eventos – quer seja através da estratégia do abecedário, quer nos casos relatados - 12 deles (48%) são mortos.

Os dados confirmam a inequívoca presença, na experiência narrativa dos repentistas, de uma memória coletiva, nos moldes halbwachianos, mantenedora necessária da tradição, e que se realimenta dos depoimentos transformados de repentistas e apologistas, através de suas memórias individuais, construídas e ressignificadas pelos vestígios de lembranças, fatos, cenas, episódios e versos de repentistas, grande parte já falecidos, meio que 'imortalizados' pelo imaginário da categoria, ratificando o pensar de Bosi (2003, p. 18), ao reler Halbwachs, afirmando que há

uma memória coletiva produzida no interior de uma classe, mas com poder de difusão, que se alimenta de imagens, sentimentos, ideias e valores que dão identidade àquela classe, imagens inseridas na sociedade, onde estão todas as indicações necessárias para reconstruir tais partes de nosso passado, as quais nos representamos de modo incompleto ou indistinto, ou que, até mesmo, cremos que provêm completamente de nossa memória.

Por outro lado, quando comparamos a quantidade de profissionais mortos tanto entre os rememorados no abecedário, como os mencionados nos causos relatados, um dado chama à atenção: 55% na primeira situação, e 300% na segunda, em relação ao total mencionado. Muitas razões podem justificar tal situação: o processo de urbanização por que vem passando a arte do repente, já mencionado por mim, pode ter provocado um enfraquecimento dos encontros, das experiências coletivas, surgidas na tradição rural dos pés-de-parede, raiz dos causos e das historietas; o processo de profissionalização dos repentistas que acompanhou tal urbanização pode ter atrofiado uma parte importante da memória oral, sustentáculo da tradição que povoa a cantoria de viola: a experiência narrativa de contar e de ouvir histórias de cantoria. É preciso ficar atento para que não percamos, na arte do repente, a intensidade de uma experiência acima de tudo narrativa, nos moldes benjaminiano: a força da tecnologia, com seus suportes e aparatos espetaculares que estão a serviço da cantoria de viola, não devem minar os encontros, as experiências coletivas, tão importantes na (re)constituição desta memória coletiva.

Em ambas as situações registradas é inegável a força de uma memória coletiva de base oral, sobretudo na reconstituição dos causos relatados pelo repentista Zé Viola. Mais uma vez, como tem sido comum nas referências feitas a alguns 'imortais' da cantoria, - dentre os quais o repentista Pinto de Monteiro tem sido unanimidade, - o modelo do mito a ser seguido é trazido ao presente, como vemos no relato do próprio Zé Viola:

O velho Pinto de Monteiro, todos vocês sabem que foi um repentista extraordinário. Não tocava nem um pouco. Era de jeito nenhum mesmo. A voz feia, porém, o verso extraordinário. Isso valeu pra ele, valeu pra o povo da cantoria e a sua fama extraordinária está aí pra nunca se acabar, enquanto o mundo existir.

Em primeiro lugar fica patente a estratégia do repentista em se apropriar, na sua fala, de um discurso circulante no coletivo da cantoria acerca da fama do repentista monteirense, ao mesmo tempo em que tenta, subliminarmente, consolidá-lo, através da expressão "O velho Pinto de Monteiro, todos vocês sabem que foi um repentista extraordinário". A expressão "repentista extraordinário", levando-se em conta os critérios de julgamento - poesia, repente e repentista - já consolidados pelos estudiosos e 'críticos da cantoria' como qualificadores de um profissional considerado completo, é negada pelo próprio Zé Viola através da expressão "voz feia", critério que o desabonaria à condição de "repentista extraordinário", isto é, completo, não correspondendo aos três quesitos elencados. Entretanto na expressão "verso extraordinário" reforça-se a fama do repentista caririzeiro: a de um exímio repentista, segundo os colaboradores os quais consultei, "nota dez neste quesito".

Na citação de Zé Viola "sua fama extraordinária está aí pra nunca se acabar, enquanto o mundo existir" denota, na verdade, a constatação de Benjamin de a memória ser o meio através do qual ocorre o exercício de (re)construir imagens, sempre com o intuito de salvar o passado, através da rememoração.

Entretanto este ato de (re)construir não deve se confundir com o de apenas preservar este passado, folclorizando-o, isto é, mitificando-o ou caricaturando-o. Segundo Benjamin, salvar essa memória exige olhá-la com os olhos do presente. Só o presente tem o poder de salvar as nossas experiências do passado. A forma bem-humorada e jocosa como Zé Viola relata os seus causos – inclusive com imitação da voz inconfundível do repentista paraibano -, ao se referir à sua ‘fama e genialidade’-, pode suscitar, do ponto de percepção de expressão de memória coletiva, três interpretações preliminares: a primeira, apenas de registro e preservação do mito inatingível; a segunda, de modelo de repentista imutável a ser seguido; e a terceira, de mais um gênio do improviso que, como outros que surgiram e devem despontar na arte do repente, deram e darão sua contribuição à continuidade da arte do repente.

Neste sentido, tem sido constatada no cenário atual da cantoria de repente a crescente qualitativa de uma geração de jovens repentistas de grande destaque, que já categorizei de faixas etárias A e B, isto é, entre 18 e 45 anos. Há que se ter cuidado na ideia do que chamo de idolatrarão dos mitos, em detrimento de um processo natural de renovação de valores da cantoria.

Achilles e Gondar (2016, p. 184), ao comentarem esta condição inata do pesquisador frente às imagens com as quais se depara, assim tratam da questão:

Na medida em que desenterramos e livramos cada fragmento do esquecimento, estamos ao mesmo tempo constituindo mosaicos (imagens). Todo esse exercício acontece por via da memória, que é o meio. Como afirma Benjamin “é o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual antigas cidades estão soterradas. Quem pretende se aproximar do passado soterrado deve agir como um homem que escava” (1987, p. 239).

Compreendo que os relatos acima detalhados vão como que ‘costurando’ velhos registros de memórias individuais – muitos já recontados e readaptados por outros colaboradores numa cadeia de memória contínua, híbrida de oralidade e de escrita, - que vão se coletivizando, através das inúmeras vivências, e se

transformando, por meio dos novos contares e cantares: Zé Viola conta o que ouviu e/ou leu acerca de episódios esparsos da vida de Pinto de Monteiro. Segundo seu depoimento, começou a cantar profissionalmente em 1987, em São Paulo, onde teve uma experiência de operário da indústria automobilística. Jamais conviveu profissionalmente nem cantou com Pinto; o promovente Iponax Vila Nova age como um contador que vivenciou os fatos enquanto criança, em meio ao espaço da cantoria. Já para a coleta dos versos de repentistas que este declama, no seu abecedário, durante os muitos eventos que apresenta, pelo que percebi, grande parte são por ele gravados durante as apresentações e memorizados em seguida; os demais, sobretudo os mais antigos ou de repentistas mortos, não tenho como precisar a forma de captação, provavelmente por depoimentos orais ou transcritos em livros diversos e decorados.

Ambos, de uma forma ou de outra, aos moldes de Changeux (1972), reproduzem uma concepção de memória enquanto “ordenação e releitura de vestígios”, modelo proveniente de Benjamin (1987) o qual na obra *Rua de Mão Única* amplia o conceito de memória, associando-a uma experiência ímpar de escavar, desenterrar, isto é, livrar do esquecimento fragmentos e imagens (mosaicos, na expressão do autor). Memória enquanto meio de – por meio das imagens que cada um constrói no presente – trazer o passado à tona, sob novo viés. Desta forma, a sua ênfase está na busca dos fragmentos, rever o que ‘está debaixo do tapete’, analisá-lo, comparar as partes, ver suas camadas. Transcrevo a seguir fragmento de Benjamin (1987, p. 239-240), retirado de *Rua de Mão Única*:

Escavando e Recordando

A língua tem indicado inequivocamente que a memória não é um instrumento para a exploração do passado; é, antes, o meio. É o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas. Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. Pois “fatos” nada são além de camadas

que apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação. Ou seja, as imagens que, desprendidas de todas as conexões mais primitivas, ficam como preciosidades nos sóbrios aposentos de nosso entendimento tardio, igual a tocos na galeria do colecionador. E certamente é útil avançar em escavações segundo planos. Mas é igualmente indispensável a enxadada cautelosa e tateante na terra escura. E se ilude, privando-se do melhor, quem só faz o inventário dos achados e não sabe assinalar no terreno de hoje o lugar no qual é conservado o velho. Assim, verdadeiras lembranças devem proceder informativamente muito menos do que indicar o lugar exato onde o investigador se apoderou delas. A rigor, épica e rapsodicamente, uma verdadeira lembrança deve, portanto, ao mesmo tempo, fornecer uma imagem daquele que se lembra, assim como um relatório arqueológico deve não apenas indicar as camadas das quais se originam seus achados, mas também, antes de tudo, aquelas outras que foram atravessadas anteriormente. (grifos meus).

Portanto, para Benjamin, as imagens (lembranças), preciosas, estão intactas “nos aposentos de nosso entendimento tardio”. Compete ao pesquisador saber escavá-las, decifrá-las, catalogá-las a partir do lugar (e do tempo) em que se apoderou delas. Para tal, faz-se importante a experiência da comunidade, a da memória coletiva: do (re)contar o que ouviu; do (re)produzir o que ‘gravou na memória’; de um (re)dizer transformado do já-dito. É, portanto, este oxigênio que paira neste jogo de recontar que reside a chamada tradição.

A dialética entre o passado histórico e o presente que o interpreta é essência basilar da tradição e suas diferentes particularidades. Ricoeur (1997, p. 382) defende que na essência da discussão acerca da tradição há também uma voz do passado, às vezes, ideologicamente silenciada, mas que legitima uma verdade, a da tradição, voz que se “enuncia como auto apresentação das coisas-mesmas”. Neste sentido, ainda para este autor, em termos mais estritos, a tradição é “instância de legitimidade, designa a pretensão (presunção) à verdade (o ter como verdadeiro) oferecida à argumentação no espaço público da discussão”. (Op. cit., idem).

Compreendo que há nos relatos dos colaboradores uma pretensão de verdade: de um passado transformado pelas

perspectivas dos relatos, sob o olhar de profissionais da cantoria, que sob vieses distintos, legitimam o que contam.

Em se tratando da cantoria de repente, este é um exercício importante já que afasta o pesquisador da tendência folclorista, essencialmente historiográfica tão comum em muitos estudos sobre o tema, uma vez que esta não permite a revisita, com olhos no presente.

É, com efeito, neste presente que tais mosaicos são construídos; a visão é do presente, mas os fragmentos analisados trazem marcas, registros e pistas cujas interpretações devem, necessariamente, remontar ao passado, não, com efeito, o que experienciamos, mas, sobretudo, o que ouvimos falar, já que, na cantoria de viola, grande parte das produções rememoradas nas memórias, como já disse, são de profissionais mortos, cujos registros, esparsos, quase sempre foram ‘transcritos’ do imaginário oral para as diferentes fontes de registro escrito, digitalizados e/ou mantidos atualmente em diferentes suportes virtuais através das redes sociais.

Quando o assunto é memória no improvisado de viola, é fundamental discutir acerca deste ponto essencial: o que esquecemos (por inúmeras razões), o que não foi dito, ou o que foi dito de outra forma no passado, no dizer de Bosi (2003, p. 34), permanece lá “como centelha embaixo das cinzas”.

No capítulo seguinte tratarei das produções dos repentistas imersos em um Brasil bastante polarizado do ponto de vista político-partidário, já que se tratou de ano de 2018, período de efervescência para as eleições gerais. Neste sentido, analisarei seis eventos de cantoria, distribuídos neste ano, nos quais se verificou a inserção de temas políticos nos motes e sextilhas desenvolvidos.

Para tratar das questões sócio-políticas as mais diversas que se refratam nesta poética, apoiei-me em Gramsci, Alfredo Bosi e Antônio Candido.

Ademais, os leitores terão acesso ao detalhamento próprio da dinâmica de funcionamento de um pé-de-parede, basicamente nos seus diferentes estágios que vão desde a preparação, passando pela realização e culminando com as etapas finais.

III

O IMPROVISO DE VIOLA EM UM BRASIL POLÍTICO-PARTIDÁRIO: TEMAS PALPITANTES

3.1 Contexto político

O cenário político-partidário que antecedeu as eleições gerais de 2018 para os cargos majoritários (Presidente da República, Senador e Governador) e proporcionais (Deputados Estaduais e Federais) basicamente se dividiu em dois momentos marcantes: antes e depois da prisão do ex-presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, ocorrida no dia 07/04/2018. A possibilidade de que este pudesse ser candidato à Presidência da República foi alimentada até esta data, momento em que o quadro político se transformaria substancialmente com a sua prisão e a indicação de seu substituto, Fernando Haddad, que concorreria com os demais candidatos Álvaro Dias (Podemos – 19); Cabo Daciolo (Patriota – 51); Ciro Gomes (PDT – 12); José Maria Eymael (DC – 27); Geraldo Alckmin (PSDB – 45); Guilherme Boulos (PSOL – 50); Henrique Meirelles (MDB – 15); e Jair Bolsonaro (PSL -17).

As polêmicas jurídicas que culminaram com a prisão do ex-presidente Lula, quando aliadas às incertezas políticas na definição de seu sucessor à candidatura, abriram brechas e vácuos circunstanciais que polarizaram o crescimento de candidaturas mais aliadas à chamada direita, dentre as quais destacou-se a do então candidato, e hoje Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, identificada como de forte apelo populista, e com pautas propositivas atreladas à temáticas como liberação do porte de armas, combate à corrupção, e ligadas ao que denominou de ‘Nova Política’, estratégias de marketing meticulosamente mediadas pelas força das mídias sociais.

Tais circunstâncias, quando aliadas ao episódio do atentado sofrido pelo então candidato Jair Bolsonaro, na cidade Juiz de Fora

(MG), no início da sua campanha eleitoral – fato que o impediu de participar de todos os debates televisivos bem como de aparições públicas durante toda a campanha, inclusive a do segundo turno – tudo gera um ambiente que fundiria paixão, ‘sensação de martirismo’, e desejo de mudança para o que passou a chamar de ‘Nova Política’, possivelmente um dos grandes responsáveis pela sua vitória no segundo turno das eleições com mais de 63 milhões de votos válidos, derrotando o então candidato Fernando Haddad, do Partido dos Trabalhadores.

Com efeito, o desgaste político crescente do governo Dilma Rousseff (que culminou com o seu polêmico impeachment), as circunstâncias que determinaram a prisão do ex-presidente Lula, a escolha de Fernando Haddad (ex-Ministro da Educação do Governo Lula), para muitos um ilustre desconhecido no Nordeste, maior reduto eleitoral do ex-presidente, em detrimento do Candidato Ciro Gomes, cearense e mais identificado nesta região, todos estes fatores abrem brechas para a consolidação de um processo de polarização política, comandado pelo então candidato Jair Bolsonaro e Fernando Haddad, que reascendem paixões políticas cujas repercussões foram diretamente impactantes nas performances dos repentistas na grande maioria dos eventos investigados.

É neste contexto em que os repentistas desenvolveram seus temas. No quadro abaixo detalho seis destes eventos com as respectivas temáticas.

Quadro 07 - Discriminação dos eventos relacionados às questões político-partidárias tratadas nos recortes investigados

Evento	Dupla	Modalidade/ Assunto/ Mote
03	Raimundo Caetano e Felipe Pereira	Sextilha em Desafio: “Defesa e acusação do Governo do PT (Partido dos Trabalhadores)”.
09	Zé Galdino e Ivanildo Vila Nova	Sextilha: “Cenas que Deus não quer ver”.
	Rogério Meneses e Raimundo Caetano	Mote em Sete: “A viola é o símbolo oficial/ Da bandeira imortal da cantoria”.

10	Rogério Meneses e Severino Feitosa	Sextilha: <i>“Homenagem aos novos repentistas no FENOGGER” (Festival da Nova Geração do Repente) edição 2018.</i>
11	Adailton Moura e Jairo Silva	Sextilha: <i>“O que eu quero para o Brasil”.</i>
12	João Lídio e Felipe Pereira	Sextilha: <i>“O que meu coração pede”</i> Mote em Sete: <i>“Não consigo confiar/ Na justiça brasileira”.</i>
13	Manoel Messias e Zé Albino	Mote em Dez: <i>“Abra os olhos, Brasil, Chegou a hora/ De mudar os destinos da nação”.</i>

Fonte: arquivo pessoal.

De início, conforme já mencionei, em função da forte comoção social provocada pela prisão do ex-presidente Lula, analiso, a partir do quadro acima, um recorte de seis registros de performances dos repentistas nas quais este fato foi mencionado, a seguir discriminados: a) EV03 (Sextilha em Desafio: *“Defesa e acusação do Governo do PT (Partido dos Trabalhadores)”*); b) EV09 (Mote em Sete: *“A viola é o símbolo oficial/ Da bandeira imortal da cantoria”*); c) EV10 (Sextilha: *“Homenagem aos novos repentistas no Fenoger”* (Festival da Nova Geração do Repente) edição 2018); d) EV11 (Sextilha: *“O que eu quero para o Brasil”*); e) EV12 (Mote em Sete: *“Não consigo confiar/ Na justiça brasileira”*); e f) EV13 (Mote em Dez: *“Abra os olhos, Brasil, Chegou a hora/ De mudar os destinos da nação”*).

3.2 Análise dos confrontos investigados

A seguir analiso cada um destes momentos.

a) EV03: Sextilha em Desafio

Assunto: Defesa e acusação do Governo do PT (Partido dos Trabalhadores).

Dupla: Raimundo Caetano e Felipe Pereira

Início esta seção com a transcrição, na íntegra, deste baião.

01

Felipe Pereira:

*Eu vi nos telejornais
A greve dos carreteiros
Contra o aumento do gás
Contra os impostos grosseiros
E a mão dos seus políticos
No bolso dos brasileiros.*

02

Raimundo Caetano:

*A gangue de interesseiros
Deu o pior resultado
Nós estamos vendo o país
Literalmente rachado
A política fracassou
E o caos está instalado.*

03

Felipe Pereira:

*Nessa crise em todo Estado
Eu acho que o Brasil tomba
E nesse acordo de Temer
Acho que o país de arromba
Baixa na refinaria
E sobe o preço na bomba.*

04

Raimundo Caetano:

*Pois foi fruto de uma bomba
Porque tudo estremeça
Até o Judiciário
Está batendo cabeça
É todo mundo rezando
Que um salvador apareça.*

05

Felipe Pereira:

*É bom que ninguém esqueça
Valorizar o suor
Mas sempre vejo Gilmar
Dando sentença de cor*

17

Felipe Pereira:

*Seu ato merece vaia
Que eu não estou preocupado
O PT que é defendido
Botou crise em todo Estado
E ainda apoiou Eunício
A presidir o Senado.*

18

Raimundo Caetano:

*O Brasil tem afundado
E quem está ao seu redor
Petistas foram julgados
Pagaram sangue e suor
Mas não tão mais no governo
E o Brasil ficou pior.*

19

Felipe Pereira:

*Roubaram nosso suor
Desde o tempo de outrora
Os nossos aposentados
Gleise Hoffman ainda explora
É o sujo como mal lavado
É o que eu estou vendo agora.*

20

Raimundo Caetano:

*O Brasil era lá fora
Visto como paraíso
Só você está dizendo
Que o PT deu prejuízo
O eleitor de Jair
Está perdendo o juízo.*

21

Felipe Pereira:

*O PT deu prejuízo
Isso eu já vi no papel
No rolo de tanta crise
Eu não tou nesse plantel*

*Dependendo do Supremo
Vamos de mal a pior.*

06

Raimundo Caetano:
*Tá cada dia pior
Em cada comunidade
Temer que rouba tá solto
Lula tá detrás da grade
Quem tá preso tem mais voto
De quem tá em liberdade.*

07

Felipe Pereira:
*Vejo crises de verdade
Em cargos comissionados
Se escândalo da Câmara
Tem caso de deputado
Praticando nepotismo
E ajudando esses estados.*

08

Raimundo Caetano:
*Os nomes valorizados
Porque subiram um bocado
E até prá Lava-Jato
O caldo bem entornado
E o grupo que investiga
Pode ser investigado.*

09

Felipe Pereira:
*Com o nosso país quebrado
Eu muito mal já respiro
E como sou de centro-esquerda
Olhando a política sugiro
Que o PT sem ter Lula
Ceda o apoio prá Ciro.*

10

Raimundo Caetano:
Uma coisa eu admiro

*Porque quem votou em Dilma
Também votou em Michel.*

22

Raimundo Caetano:
*O PT teve o papel
De trazer cidadania
De fazer esse país
Virar sexta economia
Se acaso o senhor não viu
Deve ser cego de guia.*

23

Felipe Pereira:
*Sem nossa democracia
Você apaga Felipe
Não é no caso do SUS
E dos doentes de gripe
Fale com Jackson Barreto
Governador do Sergipe.*

24

Raimundo Caetano:
*O PT com sua equipe
Botou luz em toda placa
Distribuiu mais as rendas
A dívida externa foi paga
A verdade é uma luz
Que a mentira não apaga.*

25

Felipe Pereira:
*Mas o PT quase estraga
A nossa nação bacana
Que aqui nesse Nordeste
Que só fizeram gincana
O Ceará quase quebra
Com o Camilo Santana.*

26

Raimundo Caetano:
Eu vi que essa semana

*Nesse político que vem
Querem cometer o foro
Mas somente para alguém
Foro prá mim num é vergonha
Se o cabra tiver também.*

11

Felipe Pereira:
*No nosso país vejo bem
A crise por todo Estado
Jacques Vagner, ex-ministro,
Está sendo solicitado
Mas não quer a presidência
Está de olho é no Senado.*

12

Raimundo Caetano:
*PT criminalizado
Enchendo delegacias
Por outro lado tucanos
Têm diversas regalias
Que somente o Gilmar
Soltou vinte em quinze dias.*

13

Felipe Pereira:
*Vejo muitas regalias
E a crise na quantidade
Posso confiar em Lula
Mas não confio em Haddad
Que quando foi prá São Paulo
Quase quebrava a cidade.*

14

Raimundo Caetano:
*Isso aí não é verdade
Deve falar com clareza
Quarenta e cinco milhões
Ascenderam da pobreza
Os que não tinham direito
De ter comida na mesa.*

*No pulo da caipora
Colocar FHC
E aqueles roubos de outrora
Mas como o velho é tucano
Nosso Michel ignora.*

27

Felipe Pereira:
*Mas o PT inda explora
O valor, nosso ideal
Pois então falo de Lula
O seu líder principal
Que ele deu vez a Marum
E a tida gangue do mal.*

28

Raimundo Caetano:
*Lula é especial
E ajuda trabalhador
E falando mal de Lula
Eu só tou vendo o senhor
Quanta falta de visão
Prá ser um bom repentista.*

29

Felipe Pereira:
*Nesse papel sem valor
Acho que você rascunha
O seu líder que tá preso
Que não merece uma alcunha
Pôs na vice-presidência
Da Caixa, Eduardo Cunha.*

30

Raimundo Caetano:
*Todo mundo é testemunha
Do que se deu no PT
Lula agora se está preso
E eu posso dizer por que
Porque tentou ajudar
A pobres como você.*

15

Felipe Pereira:

*Sem se importar com riqueza
E dando valor a Michel
No rombo da Petrobrás
O PT tá no plantel
Se tiver alguma dúvida
Pergunte prá Pimentel.*

16

Raimundo Caetano:

*Você faz outro papel
E não fala na sua laia
Nem Eunício de Oliveira
E nem o Rodrigo Maia
O Brasil não mais aguenta
Um show de maracutaia.*

31

Felipe Pereira:

*Eu, como vi na TV,
Em todo caso estou lembrando
Junto ao PMDB
O PT tá se lembrando
Desde 2002
Que Renan tá no comando.*

32

Raimundo Caetano:

*Eu vejo você queimando
Uma pessoa perfeita
Mas essa sua versão
O mundo todo rejeita
Você aplica uma tese
Que o planeta não aceita.*

Trata-se de um longo baião de 32 sextilhas, extraído da 27ª versão da Cantoria do *Clube do Repente*, na modalidade pé-de-parede, ocorrida no dia 07/06/2018, nas dependências do Restaurante Vila Antiga, na cidade Campina Grande (PB).

De um baião que tratava de assuntos gerais e conjunturais o gênero migrou para uma contenda cujo assunto central passou a se delinear progressivamente para um confronto com posições favoráveis e contrárias à prisão do ex-presidente Lula. Este fato tem gerado repercussão e embate entre os dois repentistas. Segundo depoimento do próprio Felipe Pereira, em cantoria realizada pela mesma dupla na cidade de Sertânia (PE) no final de semana anterior, a mesma disputa se travara entre os oponentes, com Raimundo Caetano defendendo os feitos do governo do PT (e com efeito advogando em defesa da suposta injustiça a que vinha sofrendo o ex-presidente Lula) e Felipe Pereira se alinhando em posição diametralmente oposta, isto é, alimentando a argumentação dos supostos delitos cometidos pelo ex-presidente.

Na estrofe 12, abaixo transcrita, o repentista Raimundo Caetano abre a contenda:

Raimundo Caetano:
PT criminalizado
Enchendo delegacias
Por outro lado tucanos
Têm diversas regalias
Que somente o Gilmar
Soltou vinte em quinze dias.

As referências do repentista Raimundo Caetano acerca dos atos de liberação de uma série de réus da chamada operação Lava-Jato, promovida pelo ministro do Supremo Tribunal Federal, Gilmar Mendes, bem como a suposta impunidade dos políticos do PSDB, arrancou ovacionados aplausos da plateia.

Entretanto, mais aplausos se verificaram quando o repentista Felipe Pereira, na estrofe 29, assim se referiu a seu oponente, aumentando cada vez mais o tom crítico do suposto descalabro do governo do PT:

Felipe Pereira:
Nesse papel sem valor
Acho que você rascunha
O seu líder que está preso
Que não merece uma alcunha
Pôs na vice-presidência
Da Caixa, Eduardo Cunha.

A ligação, feita pelo repentista, entre o PT e o já condenado ex-presidente da Caixa Econômica Federal, Eduardo Cunha – responsável pelo desvio de milhões de reais em escândalos de propinas - adquire tons de grande criatividade na medida em que rebaixa, nos versos, a condição de réu do ex-presidente Lula, impondo-lhe o castigo de, sequer, ter uma alcunha. No mundo do crime, não se ter uma alcunha (apelido depreciativo de todo malfeitor) significa estar abaixo da condição de bandido. A resposta do repentista Raimundo Caetano, na estrofe 30, é fulminante:

Raimundo Caetano:
*Todo mundo é testemunha
Do que se deu no PT
Lula agora se está preso
E eu posso dizer por que
Porque tentou ajudar
A pobres como você*

Aplaudido de pé, o repentista parece demonstrar grande carga de memória e conhecimento do assunto. Atrelado ao discurso dos feitos sociais do governo do PT, a todo momento o repentista provoca seu oponente à reflexão dos feitos do governo. Acusando-o de cego de guia, despreparado e desatualizado, Raimundo Caetano consegue, nos versos, conciliar frieza, equilíbrio e sutileza na exposição do assunto. Senão vejamos na estrofe 22 e 32, respectivamente:

Raimundo Caetano:
*O PT teve o papel
De trazer cidadania
De fazer esse país
Virar sexta economia
Se acaso o senhor não viu
Deve ser cego de guia*

Raimundo Caetano:
*Eu vejo você queimando
Uma pessoa perfeita
Mas essa sua versão
O mundo todo rejeita
Você aplica uma tese
Que o planeta não aceita.*

O limite da defesa do “ídolo” político Lula, feita pelo repentista, está na comparação que este faz do ex-presidente com a ideia de perfeição. Neste momento da peleja, grande parte da plateia, de pé, ouvia e aplaudia, tanto os baiões de defesa quanto os de acusação contra o ex-presidente. A impressão naquele momento era que a plateia, mais que ouvir posições políticas

adversas, parecia julgar a qualidade dos baiões improvisados e despejar nos aplausos ovacionados toda a sua indignação frente à prisão do ex-presidente Lula. A sensação era de um momento onde o público vivia a sua catarse, expressão cunhada por Gramsci, segundo o qual se refere à

(...) passagem do 'objetivo ao subjetivo' e da 'necessidade à liberdade'. A estrutura, de força exterior que esmaga o homem, assimilando-o e o tornando passivo, transforma-se em meio de liberdade, em instrumento para criar uma nova forma ético-política, em origem de novas iniciativas. A fixação do momento 'catártico' torna-se assim, parece-me, o ponto de partida de toda a filosofia da práxis. (GRAMSCI, 1999, p. 314-315).

A prisão do ex-presidente, quando posto, nos improvisos, legitima o repentista a ser o porta-voz da indignação popular e, através do estado catártico, gerado durante a performance, subjetiva-se – pelo menos momentaneamente – como um estado de liberdade que invade a plateia que, de pé, insiste em reprovar com vaias os improvisos do repentista Felipe Pereira, responsável pelas acusações contra o ex-presidente.

Na estrofe 18, por sua vez, o repentista Raimundo Caetano desenvolve habilmente dois jogos discursivos: a tentativa de martirizar os representantes do PT, aliada ao fato de excluí-los de um eventual fiasco do governo. Vejamos:

Raimundo Caetano:
*O Brasil tem afundado
E quem está ao seu redor
Petistas foram julgados
Pagaram sangue e suor
Mas num tão mais no governo
E o Brasil ficou pior*

Por outro lado, o repentista Felipe Pereira, em uma única estrofe menciona o presidente Michel Temer (bastante fragilizado no seu governo por acusações de corrupção e tráfico de influência, e protegido pelo foro privilegiado, que o impede de ser processado e julgado no exercício do cargo), o atual governador de Minas

Gerais (acusado de receber propinas da Lava-Jato e também protegido pelo chamado foro privilegiado, ou prerrogativa de função), bem como os escândalos envolvendo corrupção nas gestões recentes da Petrobrás (a chamada operação Lava-Jato⁴⁴), conforme mostrado na estrofe 15:

Felipe Pereira:
*Sem se importar com riqueza
E dando valor a Michel
No rombo da Petrobrás
O PT tá no plantel
Se tiver alguma dúvida
Pergunte prá Pimentel.*

Com efeito, o papel informador das mídias sociais, quando atrelado ao fato de que muitos dos repentistas apresentam razoável nível de letramento escolar,⁴⁵ são fatores fundamentais, no sistema

⁴⁴ É a maior investigação sobre corrupção conduzida até hoje no Brasil. Ela teve início no Paraná, em 17 de março de 2014, unificando quatro ações que apuravam redes operadas por doleiros que praticavam crimes financeiros com recursos públicos. O nome Lava Jato era uma dessas frentes iniciais e fazia referência a uma rede de postos de combustíveis e lava a jato de veículos, em Brasília, usada para movimentação de dinheiro ilícito de uma das organizações investigadas inicialmente. Desde então, a operação descobriu a existência de um vasto esquema de corrupção na Petrobras, envolvendo políticos de vários partidos e algumas das maiores empresas públicas e privadas do país, principalmente empreiteiras. Os desdobramentos não ficaram restritos à estatal e às construtoras. As delações recentes da JBS e braços da operação espalhados pelo Brasil e exterior são exemplos das novas dimensões que a investigação ainda pode atingir. A duração permanece imprevisível. Dados de ações até agora: 1.434 procedimentos instaurados; 775 buscas e apreensões; 210 conduções coercitivas; 95 prisões preventivas; 104 prisões temporárias; 6 prisões em flagrante; 158 acordos de colaboração premiada; 10 acordos de leniência; 274 pessoas acusadas; 141 condenações; R\$ 38,1 bilhões de reais é o valor total do ressarcimento pedido (incluindo multas); R\$ 3,2 bilhões de reais é o valor em bens de réus já bloqueados. Disponível em: ><http://arte.folha.uol.com.br/poder/operacao-lava-jato/#capitulo1><. Fonte: MPF (atualizado até 29 de maio de 2017).

⁴⁵ Dos cantadores colaboradores Edmilson Ferreira, Sebastiao Dias e Helânio Moreira têm formação superior. O primeiro deles é Mestre em Linguística pelo

de cantoria, na contemporaneidade, para que os profissionais possam, por exemplo, a poucos minutos que antecedem à cantoria, explorar assuntos, nos seus baiões, a partir de fatos ocorridos minutos antes da cantoria. O elenco de sujeitos políticos atuais, bem como de temáticas, que o repentista Felipe Pereira aborda é vasto. Em 10 estrofes distintas, pelo menos 07 personagens do cenário da política atual, envolvidos em escândalos, são citados: Eduardo Cunha⁴⁶ (Estrofe 29), Camilo Santana⁴⁷ (Estrofe 25), Jackson Barreto⁴⁸ (Estrofe 23); Gleisi Hoffmann⁴⁹ (Estrofe 19), Gilmar Mendes⁵⁰ (Ministro do STF), Luís Inácio da Silva⁵¹, Lula (Ex-presidente da República), Ciro Gomes (Estrofe 09), Jacques

Proling/UFPB, com texto defendido, em 2018, com o seguinte título: *Desafio no Repente: A poética da cantoria na contemporaneidade*, sob a orientação da profa. Dra. Beliza Áurea de Arruda Melo (in memoriam); e doutorando em Literatura na UFPE, com enfoque na cantoria de repente; o segundo deles é Licenciado em História pela UVA, com especialização na área da cultura popular; já o último deles, Helânio Moreira, é licenciado em Letras-Língua Portuguesa, desde 2015, pela Universidade Estadual da Paraíba.

⁴⁶ Ex-deputado Federal (RJ); Ex-presidente da Caixa Econômica Federal e preso acusado de corrupção e desvios de verba na chamada Operação Lava-Jato)

⁴⁷ Governador do Ceará na gestão de 2012-2016. Eleito pela coligação encabeçada pelo Partidos Trabalhadores.

⁴⁸ Governador de Sergipe.

⁴⁹ Senadora do estado do Paraná e presidente nacional do Partido dos Trabalhadores. Atualmente, processada pelo Supremo Tribunal Federal, mas goza de prerrogativa de foro, que impede que seja julgada durante o mandato.

⁵⁰ Um dos atuais ministros do Supremo Tribunal Federal. Responsável pela liberação (via liminar) de uma série de políticos envolvidos em diversas operações de corrupção no Brasil.

⁵¹ Atualmente preso, por via de condenação em segunda instância (Tribunal Regional Federal – 4ª Região no Paraná)

Wagner⁵² (Estrofe 11), Marum (Estrofe 27),⁵³ Fernando Pimentel⁵⁴ (Estrofe 15), e Fernando Haddad⁵⁵ (Estrofe 13)⁵⁶.

Por sua vez, embora demonstrando menos poder de atualização que seu oponente – no quesito que se refere às citações de personagens envolvidos neste contexto da política - (na peleja, optou por priorizar as conquistas do governo do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva) o repentista Raimundo Caetano, neste mesmo baião, cita três personagens da política brasileira, também envolvidos em escândalos: Eunício de Oliveira,⁵⁷ Rodrigo Maia (Estrofe 16) e Jair Bolsonaro⁵⁸ (Estrofe 20).

⁵² Ex-governador da Bahia (Gestão 2008-2012) e militante histórico do Partido dos Trabalhadores.

⁵³ Deputado federal (MDB) pelo estado do Mato Grosso do Sul. Atualmente exerce o cargo de Chefe da Casa Civil da Presidência da República. Ficou bastante conhecido em 2015, no cenário da mídia, quando improvisou “dancinhas” após a sua bancada – chamada de tropa de choque do Governo – ter conseguido impedir que a primeira denúncia de crime de responsabilidade contra o atual presidente Michel Temer progredisse na Câmara dos Deputados. (Disponível em: ><https://www.cartacapital.com.br/politica/quem-e-carlos-marun-o-deputado-que-dancou-para-celebrar-salvacao-de-temer><. Data da consulta 18/06/2018).

⁵⁴ Atual governador de Minas Gerais. Acusado pelo Supremo Tribunal Federal de receber 15 milhões de reais da empreiteira Odebrecht, no momento o processo se encontra parado, em função da chamada prerrogativa de foro, que impede que ele seja processado e julgado no decorrer do cargo. (Disponível em: ><https://politica.estadao.com.br/blogs/coluna-do-estadao/governador-de-minas-continua-desaparecido-para-a-justica/><. Data da consulta: 18/06/2018).

⁵⁵ Ex-Prefeito de São Paulo (Gestão 2012-2016), já foi Ministro da Educação no Governo da ex-Presidente Dilma Housseff.

⁵⁶ Deputado Federal (DEM), pelo estado do Rio de Janeiro. Da linhagem do seu pai, ex-deputado e ex-prefeito da cidade do Rio de Janeiro, atualmente exerce a Presidência da Câmara dos Deputados. Embora seja oficialmente aliado da coalisão partidária da qual afaz o Presidente da República, tem dado declarações e tecido críticas ao atual governo.

⁵⁷ Senador (MDB), eleito pelo estado do Ceará. Atualmente exerce a presidência do Senado Federal.

⁵⁸ Deputado federal (PSC), em seu sétimo mandato, pelo Estado do Rio de Janeiro, sendo o deputado mais votado do Estado do Rio de Janeiro nas eleições gerais de 2014, com 464.565 votos. Ex-militar, da reserva, é pai de Carlos Bolsonaro, vereador no município do Rio de Janeiro, Flávio Bolsonaro, deputado estadual

Os resultados apontaram que, à luz dos três critérios investigados nos critérios investigados – quais sejam: capacidade de compor versos de improviso, ou de repente, acúmulo (bagagem) de conhecimentos e poesia -, o único no qual pode melhor quantificar e comparar o desempenho da dupla refere-se ao acúmulo ou bagagem de conhecimentos.

Ilustração 08 – Foto: Festival de repentistas Estado x Estado – Gravatá (PE), 2018. (Da esquerda para a direita): o repentista Raimundo Caetano e o pesquisador.



Fonte: (Arquivo pessoal).

fluminense, e de Eduardo Bolsonaro, deputado federal por São Paulo, todos eleitos pelo PSC, agremiação partidária à qual todos se encontram filiados atualmente. Considerado, na política, por suas posições de extrema direita, foi eleito Presidência da República no segundo turno das eleições de 2018 com 55% dos votos válidos (57.797.847) derrotando o candidato do Partido dos Trabalhadores, Fernando Haddad que obteve 45% dos votos válidos (47.040.906).

Em 13 estrofes distintas o repentista Felipe Pereira mencionou 16 personagens diferentes da política brasileira envolvidos direta ou indiretamente com o assunto proposto, com ampla vantagem sobre seu oponente, Raimundo Caetano, que referenciou o nome de sete políticos distintos em apenas seis estrofes diferentes.

Algumas cenas chamaram atenção neste desafio. A primeira delas refere-se ao fato de que do total de 23 políticos citados pela dupla apenas o ex-presidente Lula é mencionado por ambos em momentos diferentes do desafio, fato que esclarece o cuidado de cada um de evitar a repetição de termos e/ou expressões mencionados pelo oponente, exigência importante na tessitura da estrofe. A segunda tem a ver diretamente com a grande capacidade de atualização da dupla, em especial Felipe Pereira, já que a narrativa política mencionada ocorrera em um *locus* temporal bastante próximo ao momento do desafio. Ademais, sobretudo por se tratar de um pé-de-parede totalmente improvisado, isto é, a dupla não teve acesso prévio ao assunto proposto, o que descarta qualquer “preparação escrita” das sextilhas.

A narrativa vasta de rememoração de personagens da cena política brasileira diretamente envolvidos com escândalos de corrupção – para além da mera abordagem do assunto proposto para defesa – traz à luz o caráter extensivo de alcance da arte do repente que, ao meu ver, transcende a mera panfletagem político-ideológica dos sujeitos envolvidos. Em entrevista concedida no dia 11/02/2017, nas dependências do restaurante Vila Antiga, em Campina Grande (PB), o repentista Zé Viola, ao ser interpelado acerca do que seria um repentista completo, assim respondeu:

É aquele que se transforma em instrumento da arte. Esse é um repentista completo. Que ele tenha a voz boa ou não tenha, que ele cante muito ou que cante razoável, é aquele repentista que se deixa ser instrumento da arte, e a arte usa ele. Porque tem muitos artistas, muitos repentistas que não são instrumento da arte. Eles usam a arte como instrumento. Pois é. Ele pega na viola não é para mostrar a viola, mas para se amostrar. Ele canta repente não é com o cuidado de mostrar que existe de grandeza dentro da cantoria, é para se amostrar, para chegar em determinado lugar com pensamentos

fúteis, que se não fosse com a viola, com o repente ele não chegaria. Quando a arte precisa dele para qualquer coisa não tem, porque ele não é da arte. Ele não é instrumento da arte; ele usa a arte como instrumento.

Julgo relevante melhor esclarecer esta distinção conceitual do repentista: o de ser instrumento da arte a serviço do seu povo e não a usar como vaidade pessoal; utilizar-se da arte não para se “amostrar”, mas para mostrar que a arte pode – sem ser panfletária ideologicamente – estar a serviço do outro. O elenco de personagens da política envolvidos nos mais diferentes escândalos de corrupção que vêm dilapidam nos últimos anos os cofres públicos, mencionados pela dupla Felipe Pereira e Raimundo Caetano, põe em evidência, mais que um sentir, um conhecer, um indignar-se.

Para melhor aclarar a questão recupero Gramsci (1999, p. 221), ao refletir acerca da distinção importante entre o sentir, o compreender e o saber presentes no que chama de “paixões elementares do povo” a partir da visão dos intelectuais. No § 67, Caderno 11, ao tratar da postura dos intelectuais enquanto porta-vozes das paixões deste povo, o autor afirma que o “elemento popular “sente”, mas nem sempre compreende ou sabe; o elemento intelectual “sabe”, mas nem sempre compreende e, menos ainda, ‘sente’”. A plateia da cantoria sente, quase sempre sabe - porque sofre - se inquieta e se indigna com os dramas por que passa. Os repentistas traduzem tais inquietações nos seus versos. Mais uma vez completa-se a tríade indissociável repentista – poesia – público, proposta por Candido. É nesta condição, na qual o repentista está a serviço da arte, que corroboro com o repentista Zé Viola.

b) EV09 (Mote em Dez: “A viola é o símbolo oficial/ Da bandeira imortal da cantoria”)

Como parte do Festival de Repentistas Estado x Estado, realizado em Gravatá (PE), coube à dupla representante da Paraíba,

Rogério Meneses e Raimundo Caetano, o sorteio do Mote em Dez intitulado “*A viola é o símbolo oficial/ Da bandeira imortal da cantoria*”.

Em conversa informal comigo, ocorrida momentos antes da defesa deste mote, o repentista Rogério Meneses demonstrava indignação e revolta contra a prisão do ex-presidente Lula, ocorrida há poucos dias, e prometera que, independente do que fosse proposto, iria tratar do tema da prisão do ex-presidente.

Na última estrofe do baião inicial, proposto para a dupla, resolve tratar da questão. Vejamos:

08

Rogério Meneses:

*Deus não deu a viola prá o caçula
E nem deu prá o irmão que é o mais velho
Mas me deu prá servir de evangelho
E na viola eu não quero que alguém bula
Essa aqui já tocou prá Dilma e Lula
Para os dois já mandei a poesia
E se pudesse amanhã eu levaria
Para tocar no setor prisional
A viola é o símbolo oficial
Da bandeira imortal da cantoria*

Demorados aplausos invadiram o ambiente. Com 72,5 pontos esta dupla sagra-se campeã, com Edmilson Ferreira e Hipólito Moura, representante do Piauí, classificando-se em segundo lugar, com 72 pontos. Embora não tenha apurado formalmente, o que ouvi dos repentistas nos bastidores foi que a estrofe acima garantiria a vitória da dupla.

c) EV10 (Sextilha: “*Homenagem aos novos repentistas*” no FENOGER - Festival da Nova Geração do Repente - edição 2018.)

Ainda do repentista Rogério Meneses, no EV10, agora duplando com Severino Feitosa na abertura do FENOGER – na estrofe final do baião que homenageia os novos profissionais – assim se referiu:

Raimundo Caetano:
Juventude inteiramente
Desejo todo o tesouro
E se um virar juiz
Não seja igualmente a Moro
Que à direita dá beijinho
E à esquerda tira o couro.

Neste improviso, no uso do jogo de expressões entre “esquerda”, “direita”, “beijinhos” e “tira o couro”, o repentista põe a sentença do juiz Sérgio Moro sob explícita suspeita e parcialidade.

Acerca dos níveis de envolvimento dos repentistas com as questões mais emergentes que os cercam recupero duas advertências importantes: de Candido, em *Literatura e Sociedade*, e Bosi, em *Cultura Brasileira: temas e situações*. O primeiro, ao tratar de um olhar moderno para o dialogismo que se presentifica na relação entre artista e público, assim se refere:

Para o sociólogo moderno, ambas as tendências (a influência do social na obra e vice-versa) tiveram a virtude de mostrar que a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. Isto decorre da própria natureza da obra e independe do grau de consciência que possam ter a respeito os artistas e os receptores de arte” (CANDIDO, 2006, p. 29).

O caráter social que permeia, nesta situação, a arte do repente não deve se impor como panfletagem político-ideológica, já que muitos são os graus estéticos de sublimação que nela se apresentam. O improviso passa a ser arma estética de transformação social, com efeitos imediatos, via performance, nos sujeitos envolvidos. Como vimos, para além de posições políticas envolvidas na questão, a valoração de atitudes como: memória (através do reconhecimento dos feitos políticos do ex-presidente pelo Nordeste), desejo de mudança por meio da democracia, engajamento político e respeito ao contraditório, constituem um

elenco de valores que se fundem nos improvisos e que de uma forma ou de outra tornam a poesia viva, combativa e ferramenta para mudança de vida, embora não necessariamente esta possa ser a sua função estética.

Já para Bosi (1992, p. 13), o fato de ser, pertencer e estar enraizado historicamente no mundo que se refrata na sua arte torna o artista um trabalhador de bens simbólicos que não só vive mergulhado em suas memórias, tecendo o seu passado e roendo as suas raízes, mas, e sobretudo, que também pode cruzar com o pensamento histórico e o juízo crítico, independentemente do grau de instrução de artista e público.

d) EV11 (Sextilhas: *“O que eu quero para o Brasil”*) e EV12 (Mote em Sete: *“Não consigo confiar/ Na justiça brasileira”*).

Nesta mesma perspectiva nota-se nos baiões aqui transcritos, a força do juízo crítico dos repentistas ao denunciarem, nos seus improvisos, aspectos políticos atuais de grande repercussão.

No EV11, por exemplo, a jovem dupla Adailton Silva e Jairo Silva, representante do estado do Piauí, a partir do assunto *“O que eu quero para o Brasil”*, nas estrofes 03 e 08, abaixo transcritas, intercalam, de um lado, improvisos em defesa da pronta liberdade do ex-presidente Lula, preso na sede da Polícia Federal em Curitiba (PR), com ataques frontais ao juiz Sérgio Moro, então membro da 4ª Vara da Justiça Federal do estado do Paraná, e responsável pela sua prisão. De outro, empreende ataques ao então candidato à Presidência da República, Jair Bolsonaro. Vejamos:

03

Jairo Silva:

*Quero um país mais decente
Que não haja desaforo
Mais valor prá cantoria
Mais respeito no namoro
O Moro que prendeu Lula
Solte Lula e prenda Moro.*

11

Jairo Silva:

*Com gente com mais prudência
Mais amor e mais lazer
Que Bolsonaro não diga
Que capim eu vou comer
Porque o jumento é ele
Está precisando aprender.*

Os versos “*Que Bolsonaro não diga/ Que capim eu vou comer*”⁵⁹ (Estrofe 11) referem-se a declarações do então candidato Jair Bolsonaro, em alusão indireta aos eleitores do ex-presidente Lula cuja base eleitoral está essencialmente no Nordeste brasileiro.

Por sua vez, no EV12, a jovem dupla João Lídio e Felipe Pereira, em um conjunto de glosa de oito estrofes, expressaram descontentamento, inquietação e profundo estado de revolta diante da afirmação deles de que há muita parcialidade do Judiciário e uma impunidade galopante, questões responsáveis por grandes e históricas injustiças, que prendem alguns: “*A mulher guerreira*” (Estrofe 07), referência a ex-presidente Dilma Rousseff; “*o companheiro*”, alusão ao ex-presidente Lula, deixando impunes outros: “*a quadrilha tucaneira*” (Estrofe 08), em alusão aos políticos ligados ao PSDB. Mais uma vez, a polarização ideológica entre a chamada esquerda e a direita é posta em evidencia pelos repentistas, conforme vemos a seguir:

04

Felipe Pereira:

A justiça é diferente

Com político ela se enrasca

Com o PT ela é carrasca

Com Aécio é conivente

Prenderam o ex-presidente

Que honrou a vida inteira

Nesta terra brasileira

Só viveu de trabalhar

Não consigo confiar

Na justiça brasileira.

A parcialidade da justiça, na visão do repentista, tem seu forte na denúncia ostensiva do repentista João Lídio. O impeachment da “*mulher guerreira*”, assumindo no seu lugar “*o cão*” (referência jocosa ao então Presidente da República, Michel Temer), quando associada aos muitos parlamentares (tanto no Senado quanto na

⁵⁹ (Disponível em: >https://www.youtube.com/watch?v=os8P0_fIZgY<. Data da consulta: 08/01/2019).

Câmara Federal) denunciados⁶⁰, porém em franca atividade nas casas legislativas, constituem situações que, na visão do repentista, o impedem de confiar na justiça brasileira. A estrofe abaixo ilustra tal situação:

07

João Lídio:

*Tem bandido no Senado
Que prá prisão nunca vai
Na Câmara o poder não cai
Lá o roubo é que é dobrado
Tem juiz que é comprado
E vendido a semana inteira
Tiraram a mulher guerreira
E botaram o cão no lugar
Não consigo confiar
Na justiça brasileira.*

A efervescência política, envolvendo escândalos, crises institucionais, denúncias e demais questões ligadas diretamente ao então quadro político põe a mídia – com ênfase nas redes sociais – como grande protagonista no processo de veiculação de informações, algumas oficiais, outras oficiosas que se iniciam com a investigação no escândalo intitulado Mensalão⁶¹, passando pelo

⁶⁰ Por força do Art. 53, parágrafo 2º da nossa Constituição Federal, após a diplomação pelo Tribunal Superior Eleitoral, nenhum parlamentar poderá ser preso, salvo em flagrante delito de crime inafiançável, e neste caso, desde que autorizada pela Casa Legislativa, por maioria absoluta de seus membros. É o início do que a lei chama de imunidade parlamentar formal. Se o parlamentar praticar crime após a diplomação, a Emenda Constitucional 35/2001 prevê que o Supremo Tribunal Federal (STF) receba a denúncia e encaminhe imediatamente à Casa Legislativa, podendo esta sustar ou não a denúncia, também por maioria absoluta de seus membros.

⁶¹ Nome dado ao escândalo de corrupção política mediante compra de votos de parlamentares no Congresso Nacional do Brasil, que ocorreu entre 2005 e 2006. O caso teve como protagonistas alguns integrantes do governo do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, membros do Partido dos Trabalhadores (PT), Popular Socialista (PPS), Trabalhista Brasileiro (PTB), República (PR), Socialista Brasileiro (PSB), Republicano Progressista (PRP), e Progressista (PP).[1][2] Sendo

impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, e culminando com a denominada Operação Lava-Jato que repercutiu no Brasil, nos últimos dois anos.

Nesta compreensão, muitas são as repercussões no imaginário popular, através de desabafos, revoltas, inquietações, (des)esperança e decepções, que de uma forma ou de outra interferem nas expressões artísticas as mais diversas, dentre as quais a arte do repente.

Nas estrofes 03 e 04, abaixo transcritas, os versos explicitam a polarização político-partidária, construída nos últimos dois anos entre o PT (Partido dos Trabalhadores) e os demais partidos que compõem a base de sustentação da oposição, comandada pelo PSDB (Partido da social Democracia do Brasil). A prisão do ex-presidente Lula apenas intensifica tal estado político associado a um misto de revolta e indignação frente ao estado de impunidade e parcialidade da justiça brasileira, conforme percebemos nos versos, através da constatação de que os políticos Aécio Neves e Renam Calheiros ainda permanecem soltos e apenas o ex-presidente Lula preso. Vejamos:

03

João Lídio:

*Renan Calheiros juntou
Seus mandados de prisão
Mas ninguém botou a mão
Nem sequer interrogou
Eu sei que ninguém provou,
Mas fizeram a ratoeira
De pôr Lula, de forma traiçoeira,
Na grade prá ninguém soltar
Não consigo confiar
Na justiça brasileira.*

O quadro de indignação dos repentistas se exacerba na medida em que eles põem em xeque a credibilidade da própria justiça

objeto da ação penal de número 470, movida pelo Ministério Público no Supremo Tribunal Federal (STF).

brasileira. Nas estrofes 02 e 08 radicalizam a indignação, a partir da crítica ao ministro Gilmar Mendes, um dos membros do Supremo Tribunal Federal, a partir da crença na parcialidade desta Corte, na medida em que a acusam de ingerência política e ligação direta com o PSDB, situação que poderia beneficiar políticos ligados a esta legenda. Vejamos:

02
Felipe Pereira:
A justiça é o extremo
Da falha está a esmo
Ou é falha dela mesmo
Ou isso é ordem do demo
Gilmar Mendes no Supremo
O que fala é só besteira
Manchou a nossa bandeira
E tá difícil limpar
Não consigo confiar
Na justiça brasileira.

08
Felipe Pereira:
Prá Moro, juiz ralé
Eu boto a barba de molho
Prá Geddel fechou o olho,
Mas prá Lula esvai do pé
E falam que ele é
Da quadrilha tucaneira
E até sua companheira
Bajula parlamentar
Não consigo confiar
Na justiça brasileira.

Os versos “*Prá Geddel fechou o olho*”, (Estrofe 08) acima, fazem referência direta ao político e ex-deputado baiano Geddel Ferreira Lima. Atualmente preso, foi Presidente da Caixa Econômica Federal no governo da Presidenta Dilma Rousseff. Flagrado, em Salvador, em escândalo e desvio de 63 milhões de reais.

Nesta mesma estrofe, o verso “*E até sua companheira*” refere-se à esposa do Juiz Sergio Moro, Rosângela Moro. Segundo o jornalista Luiz Nassif, teria trabalhado no escritório do advogado Carlos Zucotto Júnior, membro de uma famosa banca de advocacia envolvida em crime de lavagem de dinheiro pela Operação Lava-Jato⁶².

Ainda, no EV12, a dupla Acrízio de França e Miro Pereira, ao discorrer, em sextilhas, acerca do assunto “*O que me causa medo*”,

⁶² (Disponível em: ><https://www.redebrasilatual.com.br/politica/2017/09/nassif-mulher-de-moro-recebeu-pagamentos-de-investigado-na-lava-jato><. Data da consulta: 10/02/2019).

denuncia o recrudescimento da miséria nas favelas brasileiras, drama, segundo eles, combatido no governo do ex-presidente Lula, informação veiculada na estrofe 07.

Ademais, na estrofe 08, mais uma vez, ao questionar a legitimidade da prisão do ex-presidente, bem como o afastamento da ex-presidente Dilma Rousseff, a dupla põe em xeque a credibilidade da política brasileira. Vejamos:

07

Acrízio de França:
*No barraco da favela
Onde a miséria fabula
Uma desgraça tão grande
Que a polícia não calcula
Só prá destruir histórias
Bem construídas por Lula.*

08

Miro Pereira:
*Prá que a prisão de Lula
Só prá causar zum zum zum
Fazer um golpe com Dilma
Sem haver roubo nenhum
Para a gente é muito ruim
Mas prá política é comum.*

e) EV13 (Mote em Dez: “*Abra os olhos, Brasil, Chegou a hora/ De mudar os destinos da nação*”).

Início esta seção com a transcrição, na íntegra, do desenvolvimento do Mote em dez proposto para esta dupla

Gênero: Mote em Dez⁶³.

Tema: ***Abra os olhos, Brasil, chegou a hora
De mudar os destinos da nação.***

01

Manoel Messias:
*A despesa do preito não calcula
Que é enorme esse nosso prejuízo
É preciso que a gente use o juízo
E nunca mais dê um voto para o
Lula
Lá em casa a mulher é quem me
adula,
Mas não deixo votar nesse ladrão*

05

Manoel Messias:
*É preciso votar, passar no teste
Prá dizer ao povo que aprovo
Lá em cima botar é gente novo
Que trabalhe prá o povo e que
preste
Prá trazer mais riqueza prá o
Nordeste*

⁶³ Gravação em mídia eletrônica. Tempo: 06 min 03

Nesse dia se ela usar a mão
Minha faca sua munheca tora
**Abra os olhos, Brasil, chegou a
hora**
De mudar os destinos da nação

02

José Albino:
Ô Brasil, eu pretendo lhe afirmar
Cada vez que eu vejo lhe
afundando
Tem ladrão e ladrão sob o comando
E o intuito é prá coisa piorar
É melhor escolher em quem votar
É preciso tomar a decisão
Que quem vota em cretino e em
ladrão
Ao invés de melhora tem piora
**Abra os olhos, Brasil, chegou a
hora**
De mudar os destinos da nação

03

03
Manoel Messias:
O meu voto hoje à noite aqui é
claro
Que a arma que uso eu pego e atiro
E eu penso que o voto irá em Ciro
Que por ele eu pego e não me
infaro
O meu voto vai ser de Bolsonaro
Que eu gostei do seu jeito cidadão
Essa dupla formada com nuance
E o Brasil não começa a dijetora
**Abra os olhos, Brasil, chegou a
hora**
De mudar os destinos da nação

04

José Albino:

Prá olhar com bons olhos prá o
Sertão
Porque esse só traz decepção
Cada dia que passa só piora
**Abra os olhos, Brasil, chegou a
hora**
De mudar os destinos da nação.

06

José Albino:
Esse prazo de um lado se venceu
E está na hora de um novo destino
Prá falar esses termos hoje eu
combino
Defendendo o Brasil que é um chão
meu
Ciro Gomes não tem um voto meu
Bolsonaro prá mim é um ladrão
Vou rasgar esse título na questão
Que é prá ver se o Brasil ganha
melhora
**Abra os olhos, Brasil, chegou a
hora**
De mudar os destinos da nação.

07

Manoel Messias:
De mudança o Brasil hoje precisa
E eu lhes peço a vocês em um bom
tom
Estão dizendo que o Lula foi tão
bom
Só se foi para os braços de Marisa
Está preso prá mim merece pisa
Tá trancado de vez numa prisão
E prá ele não vou usar a minha
mão
Cometer o mesmo erro de outrora
**Abra os olhos, Brasil, chegou a
hora**
De mudar os destinos da nação.

*O Brasil que é grande e
independência
Prá vocês eu pretendo aqui falar
Eu já sei também em quem votar
É em Lula de grande experiência
Prá poder acabar com a violência
E prendendo o sujeito que é ladrão
Já que Lula persiste na prisão
Vou tirar essa grade e pôr prá fora
**Abra os olhos, Brasil, chegou a
hora**
De mudar os destinos da nação.*

08
José Albino:
*O cenário só tem corja safada
E o Brasil para mim tá se
afundando
E expôs Michel que existe no
comando
Já tá bom de acabar a cachorrada
Essa marca de mal que é registrada
Alguém deve tomar essa tensão
Lula solto ou trancado na prisão
O meu voto prá ele colabora
**Abra os olhos, Brasil, chegou a
hora**
De mudar os destinos da nação.*

Dentre todos os registros selecionados e relacionados à temática política, julgo este como o de maior impacto e repercussão na plateia, já que as circunstâncias geográficas e políticas que envolveram o evento favoreceram à efervescência, a partir da evolução dos improvisos, dos ânimos do público presente no evento. Duas razões podem ter justificado tal repercussão na plateia. Em primeiro lugar o fato de Buenos Aires (PE), local de realização do evento, estar relativamente próxima à terra do ex-presidente Lula, a cidade de Garanhuns (PB). Em segundo lugar, a posição político-partidária assumida, nos improvisos, pelo repentista Manoel Messias.

Aproximava-se o fim da cantoria quando o apresentador sorteou o último Mote em Dez da noite para a dupla, intitulado “*Abra os olhos, Brasil, chegou a hora/ De mudar os destinos da nação*”.

Mais uma vez, as influências do período pré-eleitoral para as eleições de 2018, quando diretamente ligadas à prisão do ex-presidente Lula, diretamente interferiram na proposição e defesa do mote, com a criação explícita, entre os dois repentistas, de polarizante defesa de tese. De um lado, o repentista Manoel Messias, acusando o ex-presidente de corrupto e de ter realizado um governo ineficaz; e de outro, Zé Albino – se não defendendo o

ex-presidente Lula, mas pondo-se, claramente do lado do povo ao perceber a repercussão negativa que o discurso de seu parceiro provocara em uma plateia em êxtase e em estado crescente de revolta contra os versos de Manoel Messias. O que percebi pessoalmente – já que lá estava - na evolução temática deste baião, é a profunda interação da plateia, monitorando, dialogando e/ou interferindo nos rumos que os improvisos deveriam tomar.

A estratégia argumentativa do repentista Zé Albino para conduzir o seu ponto de vista, nas glosas defendidas, une astúcia e sensibilidade. Ao perceber o profundo mal-estar que as estrofes 01 e 03, de Manoel Messias, provocou na plateia, pelas declarações contundentes contrárias ao ex-presidente Lula, geradoras de insultos e vaias do público, José Albino – que na estrofe 02 parece ainda não ter definida a sua posição ideológica, limitando-se apenas, nesta estrofe, a defender a importância do voto – a partir da estrofe 04, possivelmente ‘pressionado’ pelos ecos da plenária, polariza a peleja, identifica-se com o pensar da plateia e arranca aplausos efusivos.

Na estrofe 06, abaixo transcrita, Zé Albino, convicto da sua posição assumida na peleja, passa a criticar os candidatos até então defendidos pelo seu oponente na estrofe 03. Senão vejamos:

06

José Albino:

*Esse prazo de um lado se venceu
E está na hora de um novo destino
Prá falar esse termos hoje eu combino
Defendendo o Brasil que é um chão meu
Ciro Gomes não tem um voto meu
Bolsonaro prá mim é um ladrão
Vou rasgar esse título na questão
Que é prá ver se o Brasil ganha melhora
Abra os olhos, Brasil, chegou a hora
De mudar os destinos da nação.*

Por outro lado, o comportamento do repentista Manoel Messias, ao referenciar a violência e seus efeitos, bem como os

instrumentos correlatos para consecução de tais atos, como: “faca” e “munheca tora”, (Estrofe 01), “arma”, “atiro” (estrofe 03) e “pisa” (Estrofe 07), associa-se às posições político-ideológicas do então candidato Jair Bolsonaro, de alinhamento político da chamada direita, em cujas principais propostas está a liberação do porte de arma para o cidadão comum.

Nos versos da estrofe 03 “O meu voto hoje à noite aqui é claro/ Que a arma que uso eu pego e atiro” a força da ambiguidade entre “voto”, “arma”, “pego” e “atiro” impõe-se como poderosa força semântica que funde o desejo do voto como arma de luta e transformação. Vejamos a estrofe:

03

Manoel Messias:

*O meu voto hoje à noite aqui é claro
Que a arma que uso eu pego e atiro
E eu penso que o voto irá em Ciro
Que por ele eu pego e não me infaro
O meu voto vai ser de Bolsonaro
Que eu gostei do seu jeito cidadão
Essa dupla formada com nuance
E o Brasil não começa a dijotora
**Abra os olhos, Brasil, chegou a hora
De mudar os destinos da nação.***

(Gritos e muitas vaias, acusando todos de ladrões e desordeiros, com defesa explícita da inocência de Lula)

Com efeito, nos versos desta estrofe “E eu penso que o voto irá em Ciro/ Que por ele eu pego e não me infaro/ O meu voto vai ser de Bolsonaro/ Que eu gostei do seu jeito cidadão,” (Grifos nossos), embora aparente certa indefinição na escolha de seu candidato, fica explícita, no contexto dos versos, a posição assumida pelo repentista: eleitor de Bolsonaro, permanecendo o candidato Ciro Gomes – aquele não é “infarento”, é agradável, interessante – em segundo plano. Do ponto de vista sintático-semântico, as expressões assinaladas assumam com rigor o mesmo sentido: “Voto vai ser” e “voto irá(ser)”, tempo verbal futuro do presente do indicativo, ação concreta a se realizar. O voto do repentista “Vai

ser”, no sentido de “será”, com convicção, de Bolsonaro. Em “O voto irá (ser) em Ciro”, expressão “Irá” (ser) assume carga semântica de “poderá ser”, possibilidade, por exemplo, de quem sabe, este candidato pudesse ir ao segundo turno, em disputa com qualquer outro que não fosse Bolsonaro.

Após o repentista Manoel Messias improvisar o verso “O meu voto vai ser de Bolsonaro” (Estrofe 03) estabelece-se um ambiente de tensão explícita e hostilidade da plateia contra o repentista, ressoada com gritos e muitas vaias. Da posição onde eu me encontrava, na primeira fileira de cadeiras, a poucos metros do palco, impublicáveis eram os insultos que consegui ouvir.

Contudo, ainda na estrofe 01, uma cena discursiva chama atenção nos versos “Lá em casa a mulher é quem me adula/ Mas não deixo votar nesse ladrão/ Nesse dia se ela usar a mão/Minha faca sua munheca tora/ Abra os olhos, Brasil, chegou a hora /De mudar os destinos da nação”. O explícito controle e dominação do macho sobre a fêmea, que transcende o monitoramento do discurso político e vai às raias da mutilação física - aquele que, ao tempo em que se deixa ser adulado, ameaça a sua vítima, mulher, fêmea e indefesa, com a maior das mutilações caso lhe desobedeça; cortando-lhe a munheca, tolhe-lhe o direito de publicizar o que pensa livremente. O castigo da desobediência à vontade livre de expressão – típica das ideologias de direita – é proporcional ao dano provocado na concepção de quem julga o ato.

Após a apresentação, visivelmente contrariado, e sob efeitos de vaias, o repentista Manoel Messias se desculpa da plateia. Por fim, ao se despedir da dupla no palco, o apresentador agradece à dupla e defende o direito de livre manifestação do artista.

Encerra-se este momento com indignados comentários do público. De onde estava, na primeira fila de cadeiras, a poucos metros do palco improvisado, o amiúde de conversas, curtas e entrecortadas de pessoas ao meu lado, até onde dava para ouvir, contrastava com os gestos corporais (de maneios de cabeça, sobretudo), misto de reprovação e revolta frente à posição assumida pelo repentista Manoel Messias.

A cena inteira pareceu-me catártica. A plateia, dividida entre aplausos em um flanco irreduzível de defesa do ex-presidente – através dos versos do repentista Zé Albino – e vaias insistentes após cada estrofe do repentista Manoel Messias, fundiu-se à cena enunciativa na sua completude, como se só existisse público e poesia e os repentistas não passassem de meros coadjuvantes e/ou porta-vozes da expressão de um desejo que transcendesse o palco. Recorro, mais uma vez, à Gramsci (1999, p. 314), quando, ao definir a catarse na sua filosofia da práxis, assim se refere:

É a passagem do “objetivo ao subjetivo” e da “necessidade à liberdade”. A estrutura, de força exterior que esmaga o homem, assimilando-o e o tornando passivo, transforma-se em meio de liberdade, em instrumento para criar uma nova forma ético-política, em origem de novas iniciativas.

Este momento, que aqui chamo de catártico, proporcionado pelos improvisos, decorre de paixões político-partidárias, expectativas, esperanças e dúvidas deste povo frente ao futuro político incerto do país, imerso, nos últimos anos, em um emaranhado de discursos e práticas administrativas, digamos, pouco republicanas. Povo, ao que pude perceber nas reações aos versos improvisados, legitimado pelos dois governos anteriores. A arte, neste contexto, preenche e/ou responde, subjetivamente, a este estado catártico que vai da “necessidade à liberdade” no dizer deste pensador italiano.

No capítulo que segue investigo a produção poética de apologista e repentistas ocorrida no grupo de WhatsApp *Clube do Repente*, composto em sua maioria por apologista. Criado em 2015, pelo promovedor de cantoria de viola, Iponax Vila Nova, o *Clube* tem se revelado como um fórum privilegiado que transcende a mera produção de glosas, e passou a discutir questões específicas do universo da cantoria de viola.

Analiso os diferentes temas glosados a partir de diferentes categorias de análise por mim propostas. Já para a dinâmica de funcionamento das interações ocorridas, lanço mão do Aparelho Formal da Enunciação, de Benveniste, e proponho – através do que

chamo de enunciações em cascata – modelos analíticos que contribuem para melhor compreendermos os processos híbridos de interação presentes nas falas, que envolvem texto, imagem, vídeo e áudio.

IV

CLUBE DO REPENTE, ONDE “A MEMÓRIA REDIZ A TRADIÇÃO/ VAI BUSCAR NO PRÉTERITO SUA ESSÊNCIA”

Tem um ninho clamando mil saudades
Tem dezenas de sonhos desvalidos
Tem três velhos amores corcomidos
Tem sorrisos, defeitos, qualidades
Tem meus dramas, broqueis, fragilidades
Tem a sala, tem sela e guarda-peito
Tem os cacos dum amor todo desfeito
Tem até meus segredos bem plantados
Tem retratos da vida pendurados
Na parede da sala do meu peito
Mote: Adauberto Amorim
Versos: Marcelão

Dar esmola a um homem que é são
Já dizia o Rei Luiz Gonzaga
Este gesto, cruel como uma adaga,
Envergonha e vicia o cidadão
Empobrece e avilta esta nação
Transformando-a em antro de maldades
Revestidos de todas as 'bondades'
Os patifes destilam todo o mal
Ao lutar por justiça social
Se pratica a maior das caridades
Mote: Damião Lima
Versos: Marcelão

Intitulo este capítulo com dois versos, sob a forma de decassílabo, por mim produzidos, em 01/05/2019, no grupo de WhatsApp *Clube do Repente*, a partir do mote “*Para um povo o que vale é a sua história/ Sua gente, a cultura e seu passado*”, de autoria do cordelista e apologista participante do grupo Regiopídio Lacerda. A discussão acerca da importância das mídias sociais enquanto suportes de expressão da arte traz à luz a força da tradição, e com

efeito, seu oxigênio, a memória. O *Clube do Repente*, enquanto um destes suportes de expressão, abre-se aos seus apologistas e poetas participantes como mais um fórum de aprendizado, discussão e publicitação da poesia popular, mais precisamente dos gêneros mais comuns explorados na cantoria. Estas questões serão abordadas neste capítulo.

A interferência dos novos suportes de mídia eletrônica na contemporaneidade, a partir do final dos anos 90 - comandados pela extensão do próprio rádio, em cujas programações passou a transmitir, nos perfis da internet (Facebook, Youtube e WhatsApp), uma grande multiplicidade de eventos de cantoria de repente (programas, pés-de-parede e festivais de repentistas) – promoveu grandes quebras de paradigmas na relação entre apologistas e repentistas, os quais discrimino a seguir: Em primeiro lugar, a substituição do hábito de “*ouvir rádio*”, marcado pela tradição que povoa historicamente esta mídia, pelo de “*assistir rádio*”.

Em seguida, a quase completa substituição do sinal das tradicionais emissoras de rádio da frequência AM (Amplitude Modulada) pelas FM (Frequência Modulada).

Em um terceiro momento, a multiplicidade de plataformas, aplicativos e de suportes eletrônicos que se pode baixar nos celulares cada vez mais modernos - que permitem a gravação e reprodução de eventos de cantoria em tempo real. A interação online entre web-teleespectadores e repentistas, além da edição de som, imagem e vídeo de qualidade digital, permitem afirmar ser a internet, hoje, um banco inesgotável de registros de memórias de cantoria.

Tais facilidades tecnológicas podem contribuir, com efeito, na percepção crítica de um público apologista de cantoria mais crítico, com melhor capacidade de julgamento e seleção daquilo que deseja ouvir, ou assistir.

Por fim, a criação de novos mecanismos de interação que dinamizam as relações, tanto com o público quanto entre os próprios repentistas. Momento privilegiado para que os profissionais da cantoria se utilizem das diferentes plataformas digitais, atualizem suas agendas e publicizem suas apresentações.

Neste capítulo objetivo, inicialmente, catalogar as produções poéticas de apologistas e repentistas ocorridas no grupo de WhatsApp *Clube do Repente* no espaço temporal compreendido entre 22/12/2017 (Data de meu ingresso no grupo) e 23/05/2018. Para tal busco: descrever as regras de funcionamento do *Clube*; categorizar as temáticas desenvolvidas nos gêneros de cantoria produzidos; analisar a importância do *Clube do Repente* enquanto: a) espaço de convergência e centro irradiador da cantoria de repente na cidade de Campina Grande (PB); b) escola de aprendizes de apologistas e poetas populares; c) fórum de discussão acerca de questões próprias da cantoria de viola; d) instância contínua de produção poética. Por fim, a partir de seleção aleatória, analiso a produção poética de apologistas e repentistas entre os dias 19 e 23 de fevereiro de 2018.

4.1 O *Clube do Repente*: composição, finalidades, dinâmica interna de funcionamento e temas prediletos

Fundado em 05/08/2015 por Iponax Vila Nova, e sediado em Campina Grande (PB), o grupo de WhatsApp *Clube do Repente* objetiva: a) divulgar eventos de cantoria; b) produzir poesia, através das muitas modalidades da arte do improvisado, sobretudo as décimas (em sete e em dez sílabas) e as sextilhas, modalidades desenvolvidas tanto sob a forma de proposição de motes e assuntos, como através de desafios; c) discutir temáticas diversas ligadas à cantoria de viola; d) instruir novos apologistas e poetas acerca das regras que regem a produção das diversas modalidades da arte do repente; e e) apoiar, sob as mais diversas formas, inclusive financeiramente, através de campanhas, repentistas e apologistas em geral.

Dentre as muitas normas acordadas tacitamente entre a coordenação e participantes, em uma delas exige-se que: a) Na medida do possível, cada participante contribua ora com produção de motes para serem glosados ora assuntos para sextilhas e/ou diversas modalidades da cantoria de viola; b) A divulgação de quaisquer materiais seja estritamente relacionada ao universo da cantoria; c) O

participante que propuser um mote para ser glosado ou assunto para sextilha não deve desenvolvê-lo; d) Os motes desmetrificados ou com falhas ligadas à dificuldade de rimas, por exemplo, que eventualmente sejam propostos, devem ser corrigidos pelo próprio autor, por sugestão e/ou orientação de qualquer participante do grupo. O mesmo deve ocorrer com sextilhas ou décimas mal elaboradas; e) A desobediência a quaisquer das regras acima estipuladas incide em exclusão, temporária ou permanente do membro do grupo, a critério do coordenador do grupo.

Os dados que quantifiquei, em termos de produção poética dos sócios do *Clube*, revelam que, entre os dias 21/12/2017 (data de meu ingresso no Clube) e 21/05/2018, os seus participantes propuseram um total de 571 motes postados e efetivamente glosados no perfil, com uma produção média de 4,76 motes/dia. Quando contabilizamos que cada um destes motes foi glosado por, pelo menos quatro poetas-apologistas (média calculada), tivemos, no recorte temporal avaliado, uma produção poética de 2.284 (duas mil duzentas e oitenta e quatro estrofes glosadas), quer sejam na modalidade Mote em Sete ou Mote em Dez). O quadro abaixo discrimina as temáticas abordadas a partir das categorias analíticas por mim propostas.

Quadro 08 - Categorias de análise dos temas abordados no *Clube do Repente* no recorte estudado.

Categoria	Quantidade	%
A terra, seca e a superação	46	8,05
As denúncias socioeconômicas, políticas e comportamentais.	32	5,6
A terra, o ser e a divindade	20	3,5
As pelejas e a magia no improviso	120	20,2
A luta e a redenção	59	10,3
A terra, a seca e a morte	52	9,1
O ser amado	100	17,5
A terra, a dor, seca e a saudade	47	8,2
Outras temáticas	95	16,6
Total geral	571	100

Fonte: arquivo pessoal.

A produção poética do *Clube do Repente* apresenta diversificada temática, com ênfase nos seguintes assuntos: O ser amado (17,5%), através da expressão da dor, do abandono, da traição e desilusão amorosa pela perda do amor; as Pelejas e a magia do improviso, (20,2%), com ênfase nas questões relacionadas à capacidade de improviso, a expressão da metapoética, da tessitura e esmero com o tratamento das metáforas e demais recursos de expressividade na produção do improviso; a luta e a redenção (10,3%), com ênfase nas formas de expressão do improviso como mecanismo de transformação pessoal e de superação das dificuldades impostas pelo meio; a Terra, a seca e a superação (8,05%), momento em que o repentista decanta a seca climática e seus dramas correlatos, dentre os quais a fome e o êxodo rural; e por fim, As denúncias socioeconômicas, políticas e comportamentais, com a glosa de motes ligados às questões conjunturais as mais diversas: fome, seca, alienação política, analfabetismo, dentre outras questões correlatas.

Para além de um espaço virtual de produção e/ou divulgação da cantoria de, o *Clube do Repente* tem se revelado como um eficaz suporte de apoio das mais diferentes ordens, sobretudo financeiro, para a realização de grandes eventos em Campina Grande (PB), principalmente festivais, dentre os quais destaque: *Estado x Estado*, evento consolidado e realizado no mês de novembro, já na sua XIII edição; *FENOGGER* (Festival da Nova Geração do Repente), ocorrido em abril de cada ano, e na sua terceira edição, ambos com grande presença de público; Cantoria no Restaurante Urca Grill, parte do projeto do *Clube do Repente* com a presença de bandeja e contribuição financeira dos sócios do *Clube*, projeto mensal de realização de pé-de-parede, nas primeiras quintas-feiras de cada mês, cultivado há 14 anos, e na sua 145ª edição; *De Repente no Espaço*, cantoria realizada nas primeiras quartas-feiras de cada mês, sem a participação da bandeja, no Espaço Cultural da cidade João Pessoa (PB); *FEMI* (Festival de Mulheres do Improviso), evento com a primeira edição realizada em 08/03/2020; e *Cantoria no Museu*, recente iniciativa, de outubro de 2018, de realização mensal

de pé-de-parede nas dependências do Museu de Arte Popular (Museu dos 3 Pandeiros em Campina Grande (PB), sob o apoio cultural da Universidade Estadual da Paraíba e coordenação e apresentação de Iponax Vila Nova.

Excetuando-se os dois últimos eventos, que são patrocinados integralmente pelo poder público – com o primeiro, através de iniciativa da Secretaria de Cultura (através da FUNDAC) do Governo do Estado, e o segundo, pela Procult (Pró-Reitoria de Cultura da Universidade Estadual da Paraíba, cujo reitor, Rangel Júnior, como membro do *Clube do Repente*, tem institucionalizado apoios importantes às iniciativas da cantoria em Campina Grande (PB) - nos demais, importante tem sido a participação dos componentes do *Clube do Repente*, através da contribuição financeira de seus sócios para custear despesas, tais como: cachês de repentistas, de comissão julgadora (quando se tratar de festival), locação de som, iluminação, banner, dentre outras despesas gerais.

Em depoimento, gravado durante uma das edições de Cantoria no Vila Antiga, em junho de 2018, com a apresentação dos repentistas Evaldo Filho (24) e Luciano Leonel (39), o promovedor Iponax Vila Nova, ao resumir o calendário de cantorias nos meses seguintes, externa suas intenções e preocupações com o futuro da cantoria e reconhece a importância da renovação dos quadros do repente, momento em que admite ter lançado o repentista Evaldo Filho. Vejamos:

A gente fez uma transição aí... suave, mas fez. Nós tivemos aqui (cantando no Clube do Repente) Felipe, Helânio, João Lídio... Faltava Evaldo Filho...!!! Falta André. Vem agora Jeferson com Jairo ... Pronto... Então, se habituem a isso. Daqui a dois, três anos do mês de outubro: 'Raimundo Caetano e Jeferson Silva. Cantoria de abril: Evaldo Filho e Rogério Meneses... vai ser assim... Então, tenho uma obrigação e me sinto privilegiado por... Eu sei que ele não vai negar isso nunca... Olha: 'Na minha primeira vez, na apresentação foi Iponax quem me anunciou'. Eu sei que a emoção é dele. Viajamos juntos para João Pessoa e ele disse que tinha vontade demais. Cantou lá... e hoje chegou e canta aqui. Não tem quem segure mais. Do mesmo jeito foi com Felipe, foi com João Lídio, foi com Helânio... Isso é importante pra história da cantoria. Daqui a alguns

anos eu não vou estar aqui. Possa ser que Fernanda (Fernanda Albuquerque, jornalista do Sistema Correio em Campina Grande, PB, poeta e apologista do Clube do Repente), apresente; que Júnior apresente (Júnior Farias, apologista do Clube do Repente); que Rangel apresente (Rangel Júnior, poeta, compositor, atual reitor da Universidade Estadual da Paraíba) e que os repentistas serão os meninos. Da minha parte, eu vou fazer o que posso. Estou trazendo os novos nomes.

Portanto, mais que um suporte de mídia que reúne apologistas e incentivadores da arte do repente, o *Clube do Repente* tem se revelado como um espaço de grande impulso e incentivo para a cantoria, sobretudo com o incentivo do seu coordenador. Grande parte dos eventos que ocorrem hoje, no Brasil (Festivais, pés-de-parede, concursos de poesia e/ou quaisquer congêneres), ora são divulgados, ora articulados neste espaço. Até mesmo porque muitos dos participantes são repentistas e/ou organizadores de eventos de cantoria.

Na seção que segue passo a analisar a produção poética de apologistas e repentistas ocorrida no *Clube do Repente*, entre os dias 19 e 23 de fevereiro de 2018. Para tal objetivo, inicialmente, investigar a natureza desta produção, as temáticas envolvidas bem como o grau de interação entre apologistas e repentistas; analisar os muitos hibridismos que fundem linguagens e sistemas sónicos diversos, típicos do ambiente virtual, que definem as características do aplicativo de WhatsApp intitulado *Clube do Repente*, tendo como base as produções poéticas de apologistas e repentistas neste aplicativo; e categorizar os recursos paralinguísticos (*emoticons*) dos quais os apologistas e repentistas lançam para as suas produções no aplicativo.

4.2 Produção poética de Apologistas e repentistas no grupo de WhatsApp *Clube Do Repente*: bases teóricas, resultados e discussões

Abro esta seção com algumas reflexões iniciais que julgo importantes. De início, a advertência de que, independentemente

do suporte – se físico ou virtual – passo a tratar aqui, fundamentalmente, de interação, de troca de experiências entre sujeitos repentistas e apologistas; de performances poéticas motivadas por visões de mundo distintas, tendo como base elementos da tradição oral, mais especificamente a cantoria de repente e seus diversos hibridismos de gêneros, quando imersos no chamado ambiente virtual. Portanto, não há como superestimar nem tampouco ficar indiferente à importância do suporte eletrônico. É mais um dos muitos de que a cantoria lança mão para se projetar e/ou se ressignificar. Essa arte que sempre soube driblar as adversidades que se lhe impunham para permanecer viva no nosso meio. A ênfase inicial nas produções poéticas do *Clube do Repente* busca compreender o processo criador neste novo ambiente, tudo motivado pela força da linguagem. Para tal, recorro à advertência de Santaella (2003, p. 26), segundo a qual

Ora, mídias são meios, e meios, como o próprio nome diz, são simplesmente meios, isto é, suportes materiais, canais físicos, nos quais as linguagens se corporificam e através dos quais transitam. Por isso mesmo, o veículo, meio ou mídia de comunicação é o componente mais superficial, no sentido de ser aquele que primeiro aparece no processo comunicativo. Não obstante sua relevância para o estudo desse processo, veículos são meros canais, tecnologias que estariam esvaziadas de sentido não fossem as mensagens que nelas se configuram. Consequentemente, processos comunicativos e formas de cultura que nelas se realizam devem pressupor tanto as diferentes linguagens e sistemas sónicos que se configuram dentro dos veículos em consonância com o potencial e limites de cada veículo quanto devem pressupor também as misturas entre linguagens que se realizam nos veículos híbridos de que a televisão e, muito mais, a hipermídia são exemplares. (Grifos meus).

O hibridismo de recursos linguísticos de que dispõe o espaço virtual do WhatsApp faz parte do que Santaella chama de um novo paradigma, isto é, uma nova formação cultural na qual o imagético (recursos supra e paralinguísticos os mais diversos, com destaque para os *emoticons*) funde-se com os recursos de hipermídia (voz, texto e vídeo) e constitui-se como novo suporte de expressão linguística, mais ágil e eficaz a serviço do sistema da cantoria.

Santaella (2011, p. 127), entrevista à revista IHU, ao tratar do caráter híbrido, fragmentário e de interconexão do chamado hipertexto, do qual a mídia do *WhatsApp* faz parte assim se referiu:

O hipertexto, por sua vez, constitui-se de vínculos não lineares entre fragmentos textuais associativos, interligados por conexões conceituais (campos), indicativas (chaves) ou por metáforas visuais (ícones) que remetem, ao clicar de um botão, de um campo de leitura a outro, em qualquer ponto da informação ou para diversas mensagens, em cascatas simultâneas e interconectadas. O que a emergência dessa revolução produziu foi um novo deslocamento do centro das atenções que migrou da imagem em si para as linguagens hipermidiáticas híbridas.

O que a autora chama de ‘linguagens hipermidiáticas híbridas’ constitui-se como o complexo conjunto de recursos de ‘conexões conceituais’ (aqui denomino de fluxo informacional), recursos imagéticos e de voz que se interconectam e naturalmente se deslocam e se justapõem nos diversos suportes de mídia social, formando um complexo híbrido e eficaz de comunicação. O *Clube do Repente* contempla precisamente este conjunto.

A partir do *corpus* delimitado entre os dias 19 e 23 de fevereiro de 2018, categorizei os participantes da seguinte forma: a) repentistas (profissionais da viola em atividade); b) apologistas (poetas, cordelistas e apologistas em geral). A escolha desta data é aleatória. Utilizei-me do recurso do ‘*print*’ integral das conversas, extraídas diretamente do perfil, respeitando o sigilo dos contatos telefônicos.

Os colaboradores-participantes do *Clube do Repente* foram identificados de acordo com as seguintes convenções: a) para os apologistas: *Apn*, *Apn+01*, *Apn+02...*; b) para os repentistas: *Repn*, *Repn+01*, *Repn+02*, e assim sucessivamente.

Considerando-se que a grande maioria das décimas produzidas por apologistas concentrou-se em apenas 05 (cinco) participantes, optei em identificá-los pelos nomes como são chamados no grupo. Já em relação aos repentistas, apenas três participaram e tiveram também suas identidades informadas. Em

função de dificuldades de identificação das identidades dos demais apologistas participantes, que produziram décimas, optei em identificá-los apenas pela convenção *ApOutro*. Tal dificuldade se deveu quase sempre pelo fato de os contatos telefônicos de alguns não constarem na minha agenda telefônica, ou por terem mudado de número, situação que impossibilita a identificação do nome do apologista no aplicativo.

A distribuição da produtividade de glosas de repentistas e apologistas, no recorte estudado, está discriminada no quadro abaixo:

Quadro 09 - Produtividade apologistas e repentistas no *Clube do Repente*.

		Quantidade de décimas produzidas	%
Apologista	<i>Ap01</i>	16	30,8
	<i>Ap02</i>	10	19,2
	<i>Ap03</i>	07	13,5
	<i>Ap04</i>	05	9,6
	<i>Ap05</i>	04	7,7
	<i>ApOutro</i>	13	19,2
Total		55	100,0
Repentista	<i>Rep01</i>	03	50,0
	<i>Rep02</i>	02	33,3
	<i>Rep03</i>	01	16,7
	<i>RepOutro</i>	02	
Total		08	100,0

Fonte: arquivo pessoal

Os dados acima apontaram que 80,8% da produção de glosas concentrou-se em apenas cinco apologistas. Já em relação à produtividade dos repentistas, metade dela é de autoria de um profissional. Notei tendência no aplicativo de maior produção poética de apologistas.

Os dados analisados a seguir quantificam, no recorte avaliado, além da produtividade de apologistas e repentistas, também as modalidades de cantoria mais desenvolvidas participantes do *Clube do Repente*.

Considerarei relevante a amostra levando-se em conta a sua representatividade: 38,2% e 57,7%, respectivamente, de participação de apologistas e repentistas.

A tecnologia da mídia do aplicativo *WhatsApp* só permite que cada participante identifique, em um mesmo grupo, quem visualizou apenas a sua própria postagem. Assim, se tornou impossível tecnicamente verificar se, por exemplo, os demais participantes do *Clube* que não interagiram (61,8% dos apologistas e 42,3% dos repentistas) visualizaram as postagens. Embora eu tenha tido a oportunidade de identificar, como participante do grupo, quem eventualmente possa ter visualizado o que postei, não julguei pertinente, em respeito à isenção ética inerente à pesquisa, considerar tais informações para efeito de análise dos dados.

Algumas deduções preliminares merecem destaque, quando comparados os resultados entre as duas categorias de participantes.

Em primeiro lugar, a vasta produção de 63 glosas (de apologistas e repentistas) – produtividade de 12,6 glosas/dia - aponta para a grande fertilidade poética no aplicativo, com 87,3% desta produção de autoria de apologistas e com apenas 12,7% das glosas produzidas por repentistas. Deduz-se, portanto, que 80,8% da produção de apologistas concentrou-se em cinco apologistas.

Em um segundo momento pude observar que, embora minoria em termos de produção poética, os repentistas se sobressaíram na categoria participantes (produtores de estrofes, somados aos que apenas interagiram): 15 profissionais, 57,7% do total de repentistas do grupo, número que supera a participação total de apologistas (com 38,2%). Entretanto, destaco que, dos 15 profissionais da viola que participaram, apenas três (20,0%) contribuíram com décimas ou sextilhas; dos 34 apologistas participantes, apenas 13 (38,2%) glosaram. Os dados apontam que a maior participação dos repentistas no grupo não se converteu em maior produção poética. Assim, a produção poética de apologistas corresponde ao dobro da dos profissionais da viola.

Os dados acima podem apontar para as seguintes causas. Em primeiro lugar a forte tendência, observada no *Clube do Repente*, de ser este um fórum de produção poética predominantemente de apologistas.

Muitas razões podem justificar a baixa produção poética dos repentistas no *Clube*, dentre as quais destaco: apreensão e/ou medo de exposição pública de sua face, em termos de produção poética escrita do profissional da viola. Afinal, a grande maioria das performances dos repentistas são orais. Em dois momentos distintos da pesquisa recebi inusitadas mensagens, via *WhatsApp*, de repentistas amigos, após descobrirem a minha condição de professor de Língua Portuguesa, solicitando ajuda na escrita de determinadas glosas, mais especificamente questões de ortografia, acentuação e concordâncias. Alegaram que não gostariam de publicar no grupo sem que houvesse ‘uma boa correção’; dificuldade de domínio da escrita na mídia; falta de tempo de muitos para interagirem no grupo ou desinteresse pelos assuntos e/ou motes propostos.

O que se percebe, a partir dos dados analisados, é a confirmação da hipótese de que uma das finalidades do *Clube do Repente* se reveste de seu caráter pedagógico, dirigido, em especial, aos apologistas, fórum de liberdade poética, de ensinamento, de partilha e, sobretudo, de aprendizagem do ofício das principais modalidades que regem o cânone poético da cantoria de repente.

Na seção seguinte passo a analisar a dinâmica de funcionamento do *Clube do Repente*, com ênfase nas normas que regem a proposição de motes e assuntos, algumas regras auxiliares, além dos principais gêneros da cantoria de repente explorados; as temáticas mais recorrentes presentes nos motes e assuntos propostos, bem como os seus enquadramentos nas categorias já citadas anteriormente; além de alguns elementos estéticos, presentes no imaginário dos profissionais da viola, importantes para qualificação da produção poética.

4.3 A terra, o ser, a morte e a vida: temas prediletos abordados no *Clube do Repente*

A identidade entre as modalidades abordadas no *Clube do Repente* com as desenvolvidas no universo da cantoria de repente apenas corrobora a constatação de que o aplicativo está fundamentalmente a serviço da arte do repente. Excetuando-se uma situação em que um repentista desenvolve um soneto, no *Scrap* do dia 21/02, as demais modalidades abordadas, discriminados a seguir, apresentam estreita identidade com as desenvolvidas na cantoria, conforme discriminação a seguir:

a) Décimas: 58 glosas (52 de autoria de apologistas e 06 de repentistas) desenvolvidas a partir da proposição de 17 motes (09 na modalidade em Sete Sílabas e 08 em Decassílabos);

b) Sextilhas. No dia 23/02, sob a forma de desafio, um apologista e um repentista desenvolveram um baião de 07 sextilhas, sob a forma de desafio, aliás, o único desta natureza verificado no recorte;

c) Setissílabo. Modalidade bastante comum no universo da cantoria de viola, foi desenvolvida apenas em uma estrofe por um apologista no dia 22/02, com base em um dos muitos crimes de feminicídio ocorridos naquela semana no Brasil.

A rotina de funcionamento do *Clube do Repente* regeu-se, no período avaliado, por regras e acordos tácitos entre os participantes do grupo que perpassavam respeito, admiração, liberdade criadora e momentos de humor e descontração.

Minha participação no grupo, inicialmente, limitava-se “ver”, “ouvir” e, claro, aprender com as mais experientes duas naturezas de regras: as da boa convivência e as de estruturação dos principais gêneros da cantoria propostos e desenvolvidos pelos participantes do *Clube*.

A princípio a dinâmica de funcionamento é simples. O participante propõe livremente o mote (ou o assunto da sextilha)

que, após ser ‘avaliado’⁶⁴ pelos demais componentes, passa a ser glosado. A temática e natureza do assunto (em se tratando de sextilhas) ou mote proposto (se para décimas em sete ou em dez sílabas poéticas), a quantidade de estrofes glosadas em cada mote proposto, bem como o tempo de duração da defesa do mote, são variáveis e dependem principalmente do interesse despertado pelos participantes no que é proposto. Ayala (1988, p. 21) chama de “críticos populares” os repentistas e apologistas mais experimentados, isto é,

uma parcela da audiência composta por indivíduos que conhecem profundamente os mecanismos da composição poética, o que lhes possibilita fazer o julgamento crítico da produção literária no momento em que são cantados os improvisos.

Normalmente os apologistas mais experientes exercem esta função, orientam os participantes novatos em questões essenciais na tessitura da estrofe, tanto nos aspectos que se referem ao núcleo

⁶⁴ Este julgamento reveste-se de duas naturezas de critérios: a) os formais e de superfície, tais como rima e métrica, no qual o grupo ‘avalia’ a pertinência do mote ao cânone do gênero proposto. Por serem mais passíveis de apreciação, discussão e/ou sugestão de correção por parte do grande grupo, a rima e a métrica são caros às modalidades nas quais são exigidos. As minhas observações apontam que os motes propostos que trazem as chamadas rimas ricas, mais raras – que exigem maior qualificação de vocabulário, dificuldades de encontrar rimas, além outros recursos linguísticos exigidos na tessitura da estrofe – são raramente glosados. As maiores facilidades de improvisar a partir de rimas mais acessíveis (“ão”, “ar”, “er”, “ir”, “ndo”, “ente”, etc) permitem-nos julgar, no cânone oral, que estas é que são chamadas de ricas, diferentemente do cânone escrito que classifica como ricas apenas as mais raras; b) Além destes critérios, há outros mais subjetivos no julgamento do mote no *Clube*, que têm a ver com a escolha do tema, os recursos estilísticos adotados, bem como as sutilezas linguísticas utilizadas na sua tessitura. Os motes que se enquadram satisfatoriamente nestes dois critérios pragmáticos de julgamento são considerados bons pelo grupo, publicamente elogiados e normalmente são glosados; os que não se enquadram neste padrão naturalmente são ‘execrados’ de maneira jocosa e irônica pelo grupo, através da sigla (M.V.M.M.), cujo significado - limitado a poucos do grupo – convém aqui não declinar. Comuns são situações em que, após a postagem do mote, o participante pergunta ao grupo: “Presta?”, “Tem futuro?”, “Vale a pena?”.

rígido da estrofe (rima, métrica e ritmo), quanto nos quesitos que envolvem coerência, criatividade e sutilezas na criação poética, em especial o quesito oração.

Notei grande preocupação, por parte dos participantes do *Clube*, com os aspectos relacionados ao ineditismo dos motes e assuntos propostos. Acompanhei acaloradas discussões e episódios, ocorridos tanto no aplicativo, quanto em ambientes de cantoria, relacionados à disputa por autoria de motes⁶⁵. A proposição de um mote no grupo, portanto, passa por um filtro prévio e informal por parte dos participantes mais experientes. Comuns são as recomendações de ajustes na métrica, na qualidade das rimas e até mesmo na natureza do assunto (ou tema) proposto.

Importante notar que a intermitência dos participantes no grupo cria uma dinâmica de interação cuja rotina de leitura exige alguns cuidados. Em função da grande quantidade de inserções, não são raras as situações em que um participante comenta um fato ou uma glosa mencionada há dias. Caso deseje se inteirar da situação, ao clicar na fala específica, a mídia o redireciona à informação remanescente. Este fato pode, em alguns momentos, gerar certa dificuldade de leitura e acompanhamento das produções por parte dos participantes do grupo. A irrestrita liberdade de produção poética permite, nesta mesma tônica, que glosas de diferentes motes estejam, em um mesmo *Scrap*, intercaladas. Isso ocorre porque, em muitas situações, o participante - ao tomar conhecimento de um mote proposto (glosado ou não) há dias, ou há semanas - resolve glosá-lo naquele momento.

⁶⁵ O mais recente destes episódios ocorreu nos *Scraps* de conversas, entre os dias 19 e 20 de maio de 2019, quando os participantes descobriram que o mote *Todo dia eu me sento meia hora! No batente da casa da saudade*, de autoria do poeta pernambucano José Adalberto, intitulava a coletânea de poemas *Cordel Coletivo – Todo dia eu me sento meia hora! No batente da casa da saudade*, do poeta Neto Ferreira, paraibano da cidade de Livramento, que também reivindicava a autoria do mote. Após reconhecer o seu erro, o poeta Neto Ferreira formalizou seu pedido de desculpa, através das redes sociais.

Como já afirmei antes, embora a regra não tenha sido estritamente obedecida, cada membro deverá interagir, seja através da proposição de motes e/ou assuntos, seja desenvolvendo-os, sempre com a recomendação expressa, rigidamente disciplinada, de que quem propõe as temáticas não as desenvolva⁶⁶.

O *Clube do Repente* representa para mim grande escola de aprendizagem. Aprendi inicialmente as noções rudimentares de rima, métrica e oração, regidas no mundo da cantoria, pela força do ritmo, que dita e oxigena a musicalidade da poética na cantoria de viola. Usei produzir as primeiras glosas, muito mais preocupado com as regras rígidas que regem o cânone da estrutura das décimas e das sextilhas (rima, métrica e oração) do que com a “qualidade poética” que produzia, questão crucial que no mundo da cantoria de repente pode separar grandes poetas e repentistas de meros versejadores ou “repetistas⁶⁷”, expressão esta cunhada por Ferreira (2017).

⁶⁶ A exceção a esta regra aplica-se exclusivamente ao AP01, (Doro), membro do grupo que, em face de sua grande e diversificada produção poética – intitulada por ele de *Ilações* - conquistou, perante os demais participantes, certa legitimidade a qual lhe permite propor motes e desenvolvê-los simultaneamente.

⁶⁷ Sobre esta questão conferir capítulo de SANTOS, Edmilson Ferreira dos. *Desafio no Repente: a poética da cantoria na contemporaneidade*. (Dissertação de Mestrado). PROLING/UFPB. João Pessoa (PB): 2017. (p. 100).

Ilustração 09 – Fôlder de cantoria na modalidade pé-de-parede.
Imaculada (PB). 2018.



Fonte: (Arquivo pessoal).

Ilustração 10 - fôlder de cantoria na modalidade pé-de-parede.
São Caetano (PE). 2018



Fonte: (Arquivo pessoal).

Ilustração 11 - Fôlder de cantoria na modalidade pé-de-parede.
Clube do Repente (PB). 2018.



Fonte: (Arquivo pessoal).

A convivência com os repentistas e apologistas mais experimentados tem me ensinado lições, aqui bem representadas, por exemplo, nas palavras de Bráulio Tavares, citado na tese de doutoramento de Amorim (2012, p. 267): “o verso é só a grade, importando, antes, a qualidade do pensamento poético”. Ayala (1988, p. 94), tratando do processo de profissionalização da cantoria, assim se refere: “não basta rimar para ser repentista; é preciso fazer versos com fundamentos”.

No linguajar dos repentistas a lição é esta: “tem que botar poesia no improviso”. Em entrevista no dia 05/05/2017, na cidade de Campina Grande (PB), o repentista Acrízio de França, ao tratar da distinção pragmática que os repentistas fazem entre poeta, repentista e repentinista, assim se refere:

O poeta é quem bota a poesia; repentista faz verso momentâneo, mas tem a obrigação de usar a métrica, as pessoas gramaticais, colocar a poesia. (...) o repentista é quem canta tudo: rima, métrica, oração, conhecimento, tudinho nos seus cantos.

Aos poucos a convivência no grupo foi me consolidando esta diferença. Para além do seu caráter formular – marcado pelo domínio das técnicas e das regras que regem o seu cânone - na performance da arte do repente, segundo Ayala (1988, 20), também “entram em cena sensibilidade poética, agilidade mental, (...) e conhecimento geral e enciclopédico para sobrepujar o companheiro de dupla”. Observei, nos comentários, críticas, sugestões e performances de repentistas e apologistas, no *Clube*, uma tendência de entender a produção poética que rege a cantoria de repente como algo que transcenda o ‘repetismo’, tão criticado pelo repentista Edmilson Ferreira, e avance para versos com mais substância, sutileza e qualidade.

Detalho no quadro abaixo os motes glosados, seus autores, bem com as respectivas classificações de acordo com as categorias temáticas por mim propostas.

Quadro 09 - Discrimina categoria de temas, motes e respectivos autores no recorte estabelecido, entre os dias 19/02 a 23/02/2018.

Data	Mote	Categoria	Autoria ⁶⁸	Quantidade de glosas por participante	
				Rep.	Ap.
19/02	<i>Fé em Deus, uma mágica solução/ Para vencer os problemas dessa vida</i>	A terra, o ser e a divindade	Ap01(Doro).	03	01
20/02	<i>Quem vive morre de medo/ Do medo que a vida faz.</i>	A terra, a seca e a morte	Ap01(Doro).	-	03
21/02	<i>Depois que a mente se expande/ Não volta ao original.</i>	Outras temáticas	Ap01(Doro) (Adaptado).	-	01
	<i>Tem um brilho diferente/ Quem põe luz na luz do dia a dia.</i>	A terra, seca e a superação	ApOutro.	-	01
	<i>Não sou filtro, não tenho incandescência/ Mas preciso da lâmpada do autor.</i>	A terra, o ser e a divindade	RepOutro	-	02
	<i>Mate a alma da minha solidão/ Que serei felizando novamente.</i>	O ser amado.	RepOutro	01	03
	<i>O resplendor dos meus pés/ Caminha na minha frente</i>	A terra, o ser e a divindade	ApOutro		01
	<i>Não conheço quem aguenta/ Uma mulher ciumenta.</i>	O ser amado	ApOutro	02	

⁶⁸ Atenção às convenções: a) Ap01 a Ap05. Referem-se aos cinco apologistas que mais propuseram motes, responsáveis por 80% de todas as glosas produzidas no recorte; b) ApOutro. Refere-se aos demais apologistas fora deste ranking; c) Rep01 a Rep03. Ranking dos três primeiros repentistas que mais glosaram motes; d) RepOutro. Grupo de repentistas fora deste ranking.

	<i>Quanto tempo perdemos procurando/ Um motivo ideal pra ser feliz.</i>	A terra, seca e a superação	<i>ApOutro</i>	-	12
22/02	<i>Tentei tirá-la da mente/ Mas foi um caso perdido.</i>	O ser amado	<i>ApOutro</i>	01	05
	<i>Nossa vida é um fiapo/ De linha no firmamento.</i>	A terra, a seca e a morte	<i>Ap03 (Rangel Júnior).</i>	-	10
	<i>Viver bem é coisa rara/ Mas viver é uma glória.</i>	A terra, seca e a superação	<i>Ap03 (Rangel Júnior).</i>	-	03
	<i>É assim que a noite perpetua/ O sofrer do insone angustiado.</i>	A terra, a seca e a morte	<i>Ap03 (Rangel Júnior).</i>	-	01
23/02	<i>A moldura da vida é a janela/ Que circunda a visão do infinito.</i>	A terra, a seca e a morte	<i>Ap01(Doro).</i>	01	11
	<i>Nossa vida é uma vela/ soprada pelo infinito.</i>	A terra, a seca e a morte	<i>ApOutro</i>	-	01
Parciais				08	55
Total geral				63	

Fonte: arquivo pessoal.

Destaco, do quadro acima, o *ranking* dos quatro motes mais glosados. Em primeiro lugar “*Quanto tempo perdemos procurando/ Um motivo ideal pra ser feliz*” (dia 21/02/2018) e “*A moldura da vida é a janela/ Que circunda a visão do infinito*”, (dia 23/02/2018) ambos desenvolvidos com 12 glosas cada. Em seguida, “*Nossa vida é um fiapo/ De linha no firmamento*” (dia 23/02/2018) glosado em 10 estrofes, e “*Tentei tirá-la da mente/ Mas foi um caso perdido*” (dia 22/02/2018) com 06 estrofes.

Importante é a produção de apologistas no *Clube*. São estes os responsáveis pela performance de 55 glosas (87,3% do total produzido), produzidas a partir de 15 motes (87% do total proposto), distribuídos, no recorte, de acordo com as seguintes

categorias de temas: a) *A terra, a seca e a morte* (cinco motes – 33% do total); b) *A terra, o ser e a divindade* (três motes – 20%); c) *A terra, a seca e a superação* (três motes – 20%); e d) *O ser amado* (três motes – 20%) – 20% do total); e, por fim, um último mote, que enquadrei na categoria de *Outras temáticas* (7% do total), por não apresentarem identidade com os motes anteriores.

No recorte, os apologistas trataram, nas glosas, da relação vida, morte, superação e confissões amorosas. Na temática que predominou – *A terra, a seca e a morte* – enquadrei os temas que, por meio de metáforas e/ou imagens diretas, se relacionaram à morte, tais como: incertezas, infinito, fragilidades da vida, inevitabilidade do nosso fim, medos, expectativas e apreensões que o nosso futuro nos impõe.

Diferentemente do total das preferências temáticas apresentadas no recorte temático que cartografei nos 150 dias (entre 22/12/2017 e 21/05/2018) - em que 20% das preferências tenderam para a categoria *As pelezas e a magia no improviso* – aqui, dos quatro motes mais glosados, em dois deles a ideia de infinito, incerteza, dúvida e morte se contrapõe à vida e à superação.

Os dados apontam que grande parte das temáticas abordadas pelos apologistas no *Clube do Repente* reforçam a dicotomia vida x morte, marcada pelo jogo de incertezas e dúvidas que se confronta com a ideia de superação do ser.

Há muitas situações em que os apologistas se utilizaram de áudios, nos diálogos, para diferentes finalidades: declamar suas produções ou as de participantes, anunciar ou publicizar gravações de cantorias já ocorridas, discutir questões específicas do grupo, comentar performances de participantes, dentre outras questões atinentes ao *Clube do Repente*. Optei em não os analisar.

Na seção que segue detalho a natureza, classificação e importância dos *emoticons*⁶⁹ na tessitura dos diálogos no *WhatsApp*.

⁶⁹ Oliveira e Paiva (2016), distingue as nomenclaturas *emoticons*, *emojis* e *stickers*. Segundo a pesquisadora os primeiros são “representações tipográficas de expressões faciais, como :) que se transforma automaticamente em 😊 pelo editor

Em seguida destaco do recorte estabelecido alguns ‘*Scrap’s*⁷⁰’ de diálogos nos quais analiso de que forma as inserções vão estabelecendo as conexões coesivas nos respectivos contextos da dinâmica do aplicativo.

4.4 “*Lá no mato o gorjeio do concriz/ é a música da vida lhe chamando*”: a poesia no *Clube do Repente* mediada pelos *emoticons*

Muitos são os *emoticons* disponibilizados pelo aplicativo que mediam a interação entre os seus participantes. Apresentam-se tanto sob a forma de imagens quanto complementando textos verbais. Segundo Ferreira (2014, p. 15)

há um contínuo processo de relação com o que é trazido pelos meios mais próximos e compatíveis, como se sabe: o livro, o cinema, a televisão, a

de texto Microsoft Word; os *emojis* são gravuras produzidas com a tecnologia criada por um grupo sem fins lucrativos denominado Consórcio UNICODE e os *stickers*, figurinhas disponíveis em algumas plataformas como o Facebook, por exemplo” (p. 382)”. Ainda segundo a autora, “a rigor os *emojis* são apenas as figuras geradas pelo Unicode que, segundo o glossário da empresa, é um padrão para representação digital de caracteres usados para a escrita de todas as línguas, mas a palavra tem sido usada também para designar os *stickers*”. (p. 384). “Uma característica dos *emojis* produzidos pela tecnologia Unicode é o fato de só poderem ser utilizados e vistos em tecnologias móveis. Assim, se alguém envia um e-mail com *emojis* de um smartphone como o sistema operacional Android ou iOS, os *emojis* só serão visualizados se forem lidos em outro aparelho com tecnologia semelhante”. (p. 386). (OLIVEIRA e PAIVA, Vera Lúcia Meneses de. *A Linguagem dos Emojis*. In: *Trabalho de Linguística Aplicada*. Campinas (SP): (N. 55.2). mai/ago 2016). (p. 379-399). Considerando-se o fato de estar escrevendo a partir de uma plataforma digital da Microsoft, optei, na pesquisa, para o uso da nomenclatura *emoticon*.

⁷⁰ Expressão inglesa cujo significado aproxima-se a “fragmento”, “pequeno pedaço” ou “bocado”. No Brasil, esse termo foi popularizado através da rede social Orkut, que possui uma seção denominada “*My Scrapbook*” destinada à rede de contatos dos participantes, onde podem incluir mensagens com recados de texto ou mensagens animadas. (Disponível em: > [https://www.significadodos.com.br/Scrap/](https://www.significadados.com.br/Scrap/)<. Data da consulta: 29/05/2019).

internet ou outros meios, pela força de suas materialidades, conquista sucessiva de novas linguagens. (...) o universo em que se firma a literatura oral/impressa é construído numa esfera de aproximação dos sentidos em várias formas de expressar: ver, ouvir, dizer, gesticular, da voz, dos gestos e da figura.

A fusão dos sentidos inclui impressões as mais diversas. Os atos de ouvir, ver, sentir, concordar, discordar, se omitir e silenciar se materializam, nos diálogos, através dos mais diversos *emoticons*, em algumas situações complementados por falas específicas. Textos e imagens se complementam na interação.

No quadro abaixo classifico os *emoticons* mais utilizados no recorte avaliado em seis categorias. A depender do contexto, um mesmo *emoticon* pode imprimir diferentes sentidos. É importante esclarecer que a lista dos utilizados não se esgota aqui. As categorias propostas apenas sugerem um modelo teórico que pode ser atualizado em estudos posteriores.

Quadro 10 – Categorias de *emoticons* propostas para análise.

Categoria	Emoticons predominantes
Aprovação/ elogios.	 ★ 21:50
	Bravo!!!  ★ 06:46
	Um riacho de conhecimento..  ★ 07:01
	 ★ 07:13
	Cabra da peste!!!  ★ 08:29
	 ★ 10:56
	Eita!!! Coisa sem fim. Grandes, mote é glosa!!!  ★ 11:37

	<p> tão tudo mordido do pôico ★ 11:48</p> <p>Que Beleza. Assim caminha o universo poético.   ★ 20:31</p> <p>Eita poesia coisada da gota , arretada   ★ 20:44</p> <p>Na caturité   ★ 04:03</p>
Contestação/ discordância.	<p>  ★ 04:34</p> <p> ★ 11:17</p>
Reflexão/dúvid a.	<p>  ★ 21:02</p>
Satisfação pós- elogio.	<p>   ★ 21:02</p> <p> ★ 21:39</p> <p> ★ 04:34</p> <p> ★ 07:05</p> <p></p>
Dêiticos.	<p>Se não for racionamento de chuva é esbanjamento de sol   ★ 07:03</p> <p>Qdo crescer quero ser igual a rle     ★ 16:31 ✓</p>
Cumprimento.	<p>Bom dia grupo   ★ 05:31</p> <p>Bom dia, e muita luz!       ★ 05:53</p> <p> ★ 07:49</p> <p> ★ 07:50</p> <p> ★ 07:55</p>

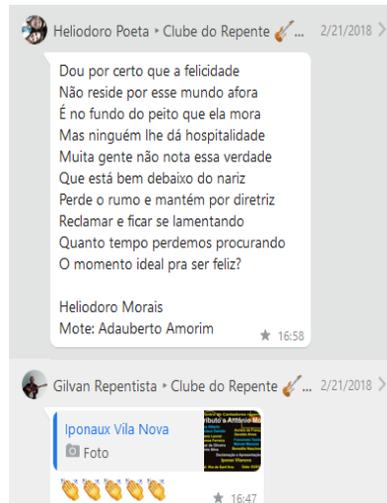
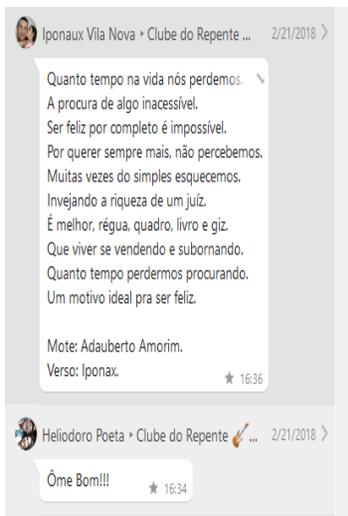
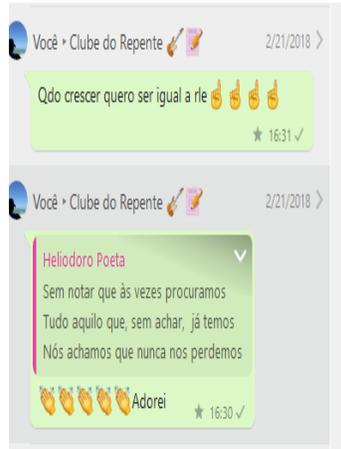
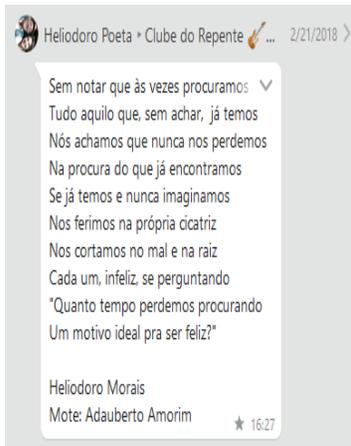
Fonte: arquivo pessoal.

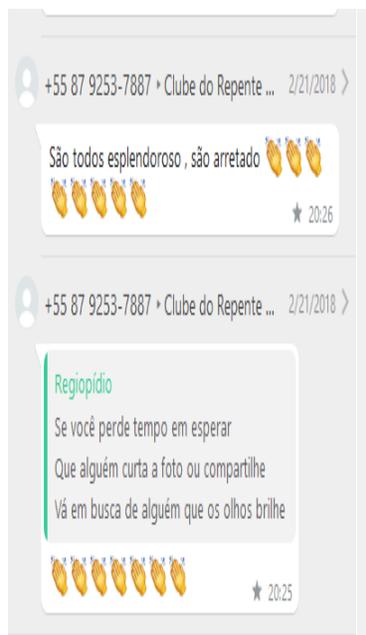
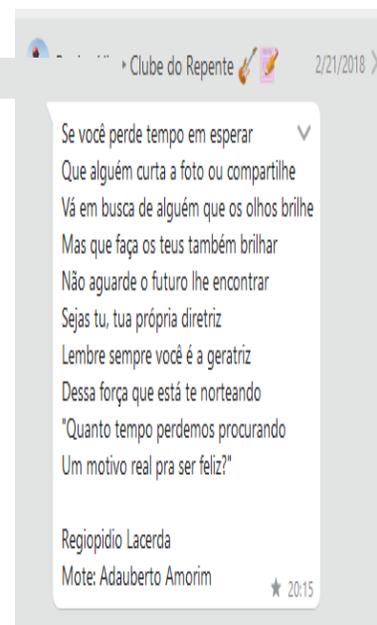
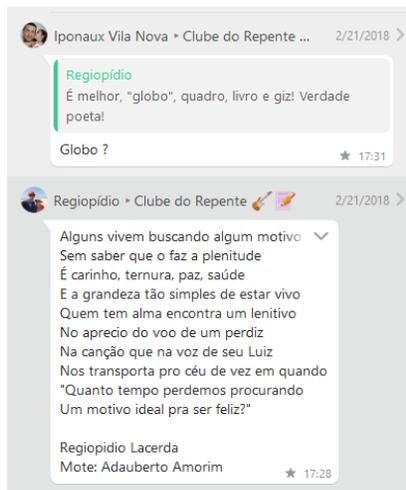
Para a categoria “Aprovação/elogios” a quantidade de aplausos expressa o grau de satisfação dos participantes. Além dos aplausos, os *emoticons* de surpresa, satisfação, amabilidades complementam-se com as falas que apontam para participantes de perfis linguísticos e sociais diversificados, que vão desde “Bravo” (mais formal e do cânone linguístico tradicional), passando por “mordido do poico” e “cabra da peste” (gírias e regionalismos específicos de nossa região) até “Que beleza! Assim caminha o universo poético” (marcada por tratamento linguístico mais metafórico e estilístico).

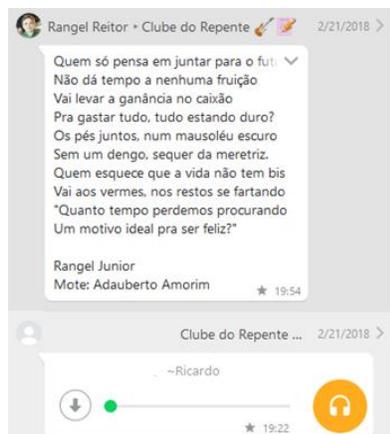
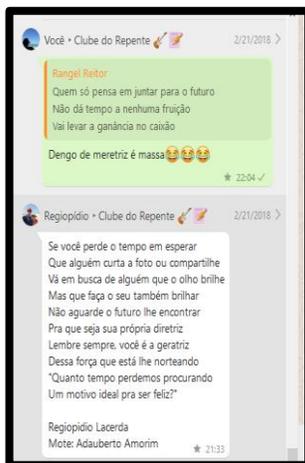
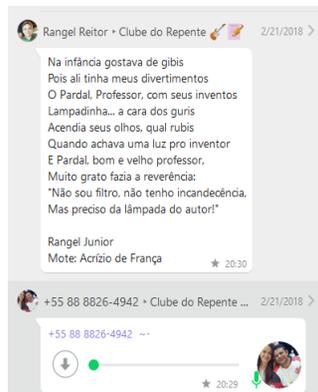
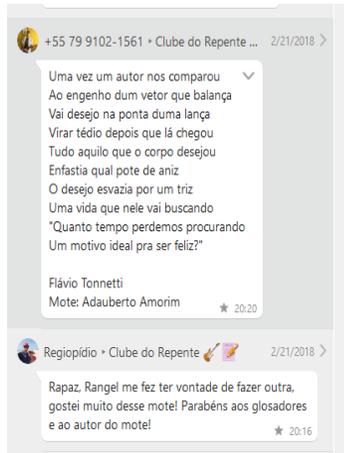
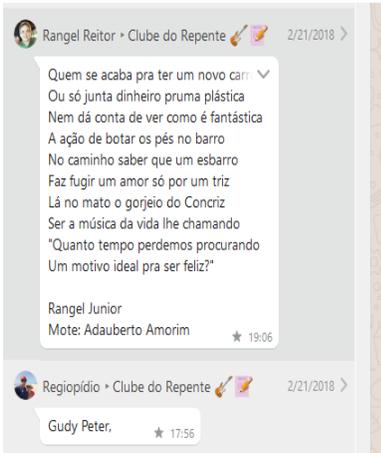
Em relação às demais categorias julguei mais conveniente abordá-las nos contextos de uso específicos. Para tal análise, na seção seguinte, a dinâmica de funcionamento de defesa do mote “*Quanto tempo perdemos procurando/ Um motivo ideal prá ser feliz*”, um dos mais glosados e responsável pela produção de 12 decimas, produção ocorrida entre os dias 19 e 23 de fevereiro de 2018.

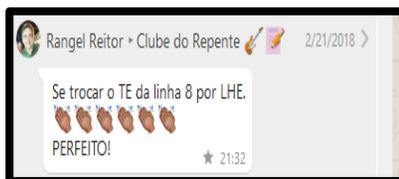
Abro esta seção com a transcrição, na íntegra, do *scrap* de conversas ocorridas entre as 16h27 e 21h33 do dia 21/02/2018, com o desenvolvimento do mote “*Quanto tempo perdemos procurando/ Um motivo ideal prá ser feliz*”.

Das 11 glosas produzidas neste *scrap*, nove foram de autoria de apologistas, de acordo com a seguinte distribuição por participante: Ap01: 02; Ap02: 02; Ap03: 03; Ap05: 03; ApOutro: 01. Vejamos:



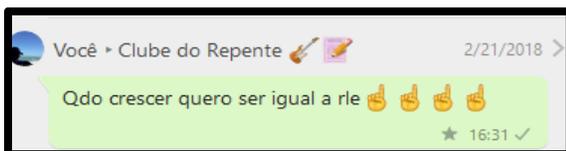




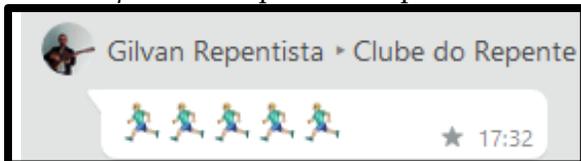


As 11 estrofes em décima, produzidas a partir deste mote, distribuíram-se em seis apologistas, cinco deles responsáveis por quase 90% de toda produção poética investigada no recorte estudado.

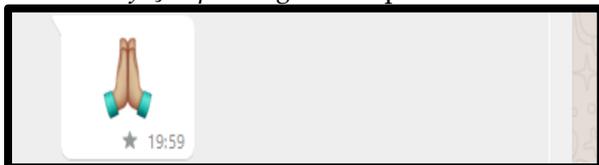
Em relação às categorias de *emoticons*, propostas no quadro 10, utilizadas neste *Scrap*, predominou *Aprovação/Elogios*, através de aplausos e comentários, com 11 registros. Em seguida, registro um Dêitico, de autoria do Ap04:



Um *Cumprimento* rápido do RepOutro:



Uma *Satisfação pós elogio* do Ap03:



Como já mencionei antes, uma das finalidades do *Clube do Repente* reside no seu caráter pedagógico. A grande interação e liberdade de expressão permite trocas, sugestões de mudanças e orientações as mais diversas. Neste jogo interativo, em muitas situações os apologistas mais experientes orientam, corrigem e/ou solicitam esclarecimentos os mais diversos, através das mais diferentes estratégias.

Na verdade, as categorias de *emoticons* propostas decorrem de relações intersubjetivas complexas, inusitadas e nem sempre explícitas ocorridas na interação por mim experienciada e observada no *Clube do Repente*. As correções sugeridas pelos interlocutores em motes e estrofes em geral – quer sejam gramaticais, lexicais, semânticas ou de quaisquer naturezas - com suas subseqüentes concordâncias, ou não; os pedidos de esclarecimentos; as críticas, elogios e/ou sugestões de melhoria acerca de motes e assuntos propostos para serem glosados; os ‘silêncios’, ‘as redes de cumplicidades’, veladas ou não, que circulam entre alguns membros do grupo; os momentos de apreensão vivenciados por quem posta produção poética no *Clube* provocados, por exemplo, pelo ‘silêncio’ do grupo, pelo temor da ‘crítica especializada’; enfim, mais que os ditos, os não-ditos. Santaella (2011, p. 126) associa tais questões ao que denomina de ‘construções intersubjetivas’ típicas dos novos formatos de mídias sociais. Para ela

os processos comunicativos, que rizomaticamente se tecem nas redes sociais digitais, deixam perceber, entre seus aspectos mais relevantes, a intensificação do poder de produção de subjetividade que neles está emergindo devido principalmente aos novos formatos de relações intersubjetivas que as redes propiciam. São construções intersubjetivas que estão prioritariamente baseadas em princípios participativos, de reciprocidade, confiança, compartilhamento, solidariedade. Embora seja verdade que as redes são também lugares de risco, as redes sociais funcionam porque existe um pacto, mesmo que inconsciente, de confiança. Portanto, a grande maioria das relações com o outro nas redes não se pauta por relações de agressividade, mas, ao contrário, existe uma net-ética

implícita que, na maior parte das vezes, funciona. Isto se explica porque as redes se comportam como sistemas adaptativos complexos.

Os princípios participativos, de reciprocidade, confiança, compartilhamento, solidariedade, aos quais se refere a autora, são todos, dentre inúmeros outros, de natureza puramente social e só se realizam na interação entre os diferentes grupos. De acordo com Benveniste (1989, p. 84) “a enunciação não é produto, mas o ato de produzir o enunciado, antes do qual a língua não é senão uma possibilidade”. Por outro lado, não há interação social, no dizer de Bakhtin/Voloshinov (2006, p. 117), sem que haja um complexo de enunciações, estas compreendidas como “realidade fundamental da língua”, isto é, “unidades reais da cadeia verbal”. (Op. cit., p, 89), atos de toda natureza que dão sentido à comunicação verbal. Segundo Bakhtin/Voloshinov (Op. cit, p. 118),

graças a esse vínculo concreto com a situação, a comunicação verbal é sempre acompanhada por atos sociais de caráter não verbal (gestos do trabalho, atos simbólicos de um ritual, cerimônias, etc.), dos quais ela é muitas vezes apenas o complemento, desempenhando um papel meramente auxiliar.

O efeito sucessivo do que chamei de enunciações em cascata, no curso da interação que ocorre no *Clube do Repente*, constitui-se como um contínuo de múltiplos fenômenos, verbais, imagéticos e sonoros que se interpenetram e vão atribuindo sentido ao conjunto de interações, não havendo rupturas que comprometam a comunicação.

Nesta perspectiva, temos na dinâmica de funcionamento do *Clube do Repente*, neste *scrap* selecionado, uma estrutura organizacional, de acordo com os moldes de Bakhtin/Voloshinov (2006, p.119), regida essencialmente pelo conjunto de situações enunciativas que se realizam a cada momento, controladas por um auditório especializado, composto majoritariamente apologistas, e com discussão de temas detalhados.

Embora a escolha de motes e assuntos seja de proposição livre, o monitoramento da produção postada obedece a certo rigor, na

medida em que cada um dos participantes pode, a qualquer momento, assumir-se como crítico do que é publicado, na medida em que contribui com sugestões de melhoras na estrofe, fato que, ao meu ver, tem contribuído para a boa qualidade do que produzido.

Via de regra, a dinâmica das interações no *Clube* rege-se pelas seguintes etapas:

1º) Livre proposição de motes ou assuntos. Normalmente são glosados os acordados pela 'crítica' como os mais interessantes: criativos e originais. Neste sentido já tratei das categorias de motes e assuntos propostos. Quando necessárias, são sugeridas melhoras em aspectos gerais do mote, tais como: métrica, rima e trocas e/ou acréscimos de palavras;

2º) Livre produção de glosas, indiferentemente de tempo nem de participante. Em algumas situações, são glosados motes postados em dias anteriores, concorrendo, no mesmo *scrap*, lado a lado, com glosas de motes postados posteriormente. Esta fusão de diferentes glosas, em um mesmo espaço, com efeitos discursivo-interpretativos os mais diversificados na interação é parte do que chamei acima de cascata de enunciações;

3º) Durante os desafios virtuais, bastante comuns nas interações, quaisquer interferências de terceiros no momento em que as performances ocorrem incide em penalização de exclusão temporária do invasor;

4º) Livre divulgação de avisos, postagens de áudios e/ou folders de quaisquer eventos relacionados a arte do repente.

Portanto, todas as ações ocorridas na interação são atos enunciativos, como já afirmei antes, em cascata, responsáveis pela dinâmica da interação, pelas mudanças de comportamento dos interlocutores e que conduzem o(s) tema(s) em questão, isto é, "os objetos do enunciado, ou o conhecimento e a compreensão comum da situação por parte dos interlocutores" (BRAIT; MELO, 2012, p. 123). Segundo Bakhtin/Voloshinov (2006, p., 119) tais temas se inserem diretamente no contexto não verbalizado da vida corrente,

e neste se amplia pela ação, pelo gesto ou pela resposta verbal dos outros participantes na situação de enunciação.

O quadro seguinte quantifica os resultados levantados, em termos de dinâmica de interação ocorrida neste primeiro *scrap*, de acordo com as categorias de enunciações em cascata propostas.

Quadro 11 – Categorias de enunciações em cascata propostas no *scrap* selecionado

Categoria	Natureza da expressão	Total de registros
Verbal	Poesia	11 décimas
	Prosa	Seis inserções: questionamentos, dúvidas, respostas etc.
Imagética	Recursos não-verbais	seis <i>emoticons</i>
Híbrida	Fusão de prosa com imagens	10 inserções de <i>emoticons</i> com comentários complementares
Sonora	Áudios	três declamações de décimas produzidas no próprio <i>scrap</i>

Fonte: arquivo pessoal

A fusão das 04 categorias de enunciações propostas são responsáveis por manter a interação, totalizando 35 inserções.

Quando adicionamos os resultados de enunciações apresentados nas categorias *Imagética* e *Híbrida*, totalizamos 15 inserções (42,9% do total). Muitas razões podem justificar tal predileção: agilidade, comodidade, eficiência e versatilidade tanto na natureza, quanto na manipulação do recurso; aumento crescente da quantidade e atratividade dos *emoticons* disponibilizado na mídia. Nesta percepção, Santaella (2003, p. 26) ratifica que as diversas mídias na contemporaneidade

são simplesmente meios, isto é, suportes materiais, canais físicos, nos quais as linguagens se corporificam e através dos quais transitam. Por isso mesmo, o veículo, meio ou mídia de comunicação é o componente mais superficial, no sentido de ser aquele que primeiro aparece no processo comunicativo.

No *scrap*, selecionei três cenas justificadoras de como ocorrem tais processos enunciativos em cascata no âmbito da dinâmica de interação ocorrida no *Clube*.

A primeira é protagonizada entre os *Ap02* e *Ap05*. Ao pôr em dúvida o uso da palavra *Globo*, utilizada por *Ap05*, em estrofe anterior a este *Scrap*, *Ap02* assim se manifestou:



Em resposta, *Ap05* assim se manifestou:



Nesta situação, há um híbrido de dois *emoticons*: o *dêitico*, (o dedo indicador em riste) e o de *satisfação* (marcado pela escolha da carinha de satisfação), utilizados pelo *Ap05* no contexto. Além de localizá-lo no contexto espacial, parecem sugerir que *Ap05* sente orgulho e satisfação pela profissão que exerce, a de professor de Geografia.

Na cena, a palavra *Globo* – inicialmente utilizada por *Ap05* como referenciadora do planeta Terra – abre-se, na interação, por provocação de *RepOutro*, a outra possibilidade enunciativa: ao canal de televisão Rede Globo, pista intertextual denunciada através da referência explicitada pela expressão SBT, conforme vemos no *scrap* abaixo:

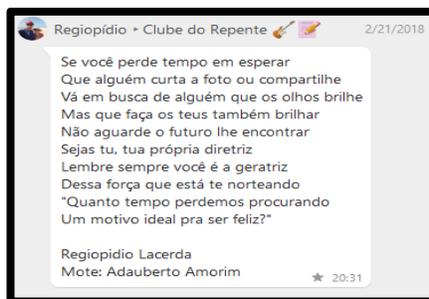


No processo enunciativo, a palavra *Globo*, inicialmente mostrada enquanto representação espacial do planeta Terra, ao se fundir com as referências aos canais de televisão Globo (indiretamente suscitada) e SBT (explicitamente mencionada) constituem, na dinâmica da interação, como já afirmei acima, uma sucessão de efeitos enunciativos em cascata. É nesta compreensão que Benveniste (1989, p. 84) – ao tratar do seu aparelho formal da enunciação – ratifica que nesta

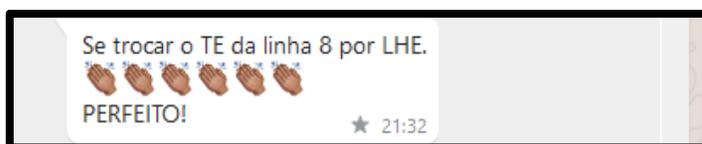
a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo. A condição mesma dessa mobilização e dessa apropriação da língua é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso, e, para o outro, a possibilidade de co-referir identicamente, no consenso pragmático que faz de cada locutor um co-locutor. A referência é parte integrante da enunciação.

Embora em algumas situações tenha percebido certo controle, sobretudo por parte dos repentistas e apologistas mais experientes, sobre as ações dos iniciantes no grupo, o fato é que a liberdade de interação entre os participantes permite interferências das mais diversas naturezas, sob as mais diferentes formas: uma espécie de ‘consenso pragmático’ entre interlocutores que permite referências aparentemente ingênuas, mas carregadas de não-ditos que se vão desvelando no decorrer da cena.

A segunda cena ocorre entre os *Ap03* e *Ap05*. A décima que segue é de autoria de *Ap05*. Vejamos:



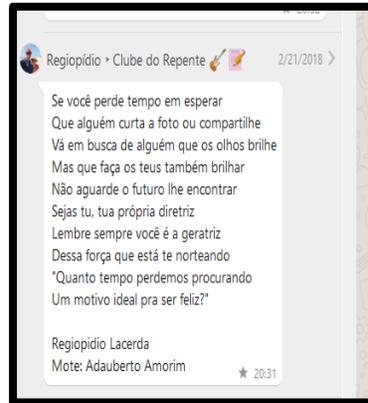
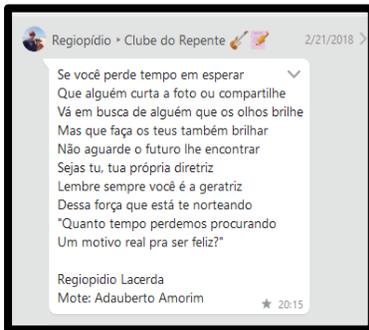
O uso que o *Ap05* fez de verbos e respectivos pronomes equivalentes, tanto em segunda (“*Te*”, “*tu*”, “*tua*”), quanto em terceira pessoa (“*você*”, “*vá*”, “*faça*”, “*aguarde*”), permitiu a *Ap03* sugerir a seguinte correção:



A mudança sugerida por *Ap03* é imediatamente acatada por *Ap05*, que assim respondeu:



Em outras situações, são comuns as autocorreções, caso do *Ap05* que, ao trocar a palavra “*ideal*” por “*real*” no mote final, na estrofe performatizada às 20h15, logo em seguida, às 20h31, percebe o erro e o corrige, conforme se vê abaixo:



Este momento ratifica o caráter pedagógico e de aprendizagem do ofício da montagem das glosas, sobretudo para os iniciantes.

Por fim, a terceira cena a ser analisada refere-se a uma situação recorrente, quase que rotineiramente, na rotina das interações no *Clube*. As inserções de situações enunciativas bastante anteriores às que ocorrem no mesmo *scrap* exigem, em alguns momentos, que os participantes, ao clicarem no comentário e/ou na informação veiculada, tenham que se remeter, por força da mídia, para um tópico discursivo de um evento que ocorrera há horas ou, em algumas situações, há dias, por exemplo.

No *scrap* em análise, às 16h47, *RepOutro* elogia a iniciativa de *Ap02* por este ter postado um *Fôlder* de cantoria em data anterior, conforme vemos abaixo:



Este tipo de recorrência, em alguns momentos, pode atrapalhar a sequência da interação, uma vez que, caso o interlocutor deseje checar a informação precedente, terá que clicar na neste *scrap* das 16h47 e conferir o fato precedente. O problema é que, ao retornar à situação atual, a mídia não o conduzirá até o

ponto imediatamente posterior às 16h47, mas para a última postagem. Nesta situação, do ponto de vista prático, o interlocutor terá que recuperar manualmente as postagens ocorridas entre as 16h47 até a última verificada, situação que pode atrapalhar o acompanhamento da sequência das interações ocorridas. Na situação em análise o intervalo de 45 minutos em que o *RepOutro* silenciou na cena discursiva (entre as 16h47 e 17h32, horário este em que voltou a interagir) não parece ter sido justificada pela justificativa acima mencionada, já que só ocorreram neste intervalo 03 intervenções: *Ap05*, às 17h28; *Ap02*, às 17h31; e *Ap05*, mais uma vez, às 17h32.

De toda forma, entre silêncios, não-ditos e manifestações de interlocutores – quer sejam pela letra, quer por quaisquer formas de escritura – o funcionamento do *Clube* acontece por mediação plena da linguagem. Esta é soberana, comanda as ações, funde passado e presente em um todo que media todas as relações. É a partir destas circunstâncias que Benveniste (Ap. RICOEUR, 1997, p. 395) nos afirma que:

Se por um lado os atos de fala ou de discurso levam a linguagem à dimensão da ação ('Quand dire, ces't faire'⁷¹) (...) por outro é, pois, legítimo levar em consideração as mediações de linguagem que fazem da iniciativa uma ação sensata.

Acontece que no *Clube* a presentificação do passado é pressuposto importante para que a interação flua. Mesmo nas cenas nas quais a força das memórias (registro de apologistas repentistas mais remanescentes ou mortos e/ou fragmentos de suas obras) esteja sendo recuperada, percebo que - para além do respeito e deferência ao rememorado - não há saudosismo, 'lembranças estagnadas no passado', daqueles que passaram, fincaram suas marcas poéticas neste passado e continuam sempre por lá, reverenciados como imortais da cantoria, fontes inesgotáveis de inspiração e modelos de perfeição poética a serem seguidos. Não.

⁷¹ Tradução livre do autor: "Quando disser, faça".

As discussões que tenho presenciado no *Clube*, quando o assunto é memória de repentistas do passado, transitam muito mais pela deferência respeitosa, os registros necessários e justos de personagens marcantes e, acima de tudo, a crítica equilibrada e lúcida acerca da importância que tais personagens exercem para a ressignificação da arte do repente ainda hoje.

O bom equilíbrio nas discussões pode ser justificado pelo fato de boa parte dos participantes do *Clube* (24,3%) serem compostos de uma geração de jovens profissionais, enquadrados nas faixas etárias A, B e C (entre os 17 e 46 anos), relativamente atualizados, em franca evolução na profissão, e bastante competitiva.

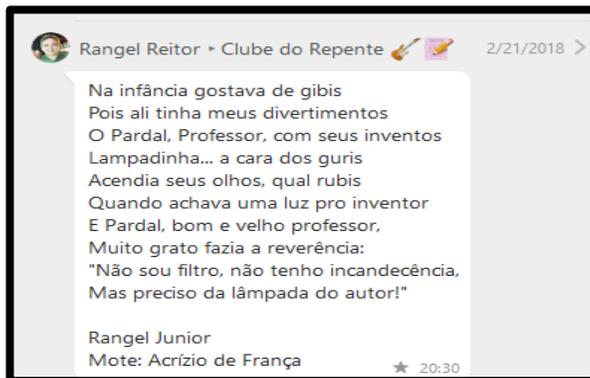
Aqui posso citar exemplos de repentistas sempre lembrados no grupo como exemplos memoráveis, sempre na perspectiva de julgamento de desempenho a partir dos quesitos *repente*, *poesia* e *repentista completo*, consolidados no meio como qualificadores: Manoel Xudu, Pinto do Monteiro, Cego Aderaldo, os irmãos batistas (Otacílio, Dimas e Lourival), Antônio Marinho, Agostinho Nunes da Costa e seus filhos, Domingos da Fonseca, José Alves Sobrinho, Louro Branco, Valdir Teles, dentre muitos outros mortos mencionados, além de alguns ainda em atividade ou aposentados: Ivanildo Vila Nova, Sebastião Dias, Geraldo Amâncio, Sebastião da Silva, Moacir Laurentino, Daudeth Bandeira, Zé Cardoso, dentre outros.

É nesta compreensão que reproduzo Benveniste (Ap. RICOEUR, 1997, p. 395), ao afirmar que presente é o “momento em que o locutor torna seu ato de enunciação contemporâneo dos enunciados que profere”. Aliás, como já vimos, muito mais que a palavra puramente escrita, prevalecem na interação do *Clube* outras formas enunciativas de escritura – essencialmente de caráter não-verbal, comandadas pelos *emoticons* - através das quais as enunciações e, com efeito, a comunicação se materializa. São o que Bakhtin/Voloshinov (2006, p., 118) chama de “atos sociais de caráter não-verbal”.

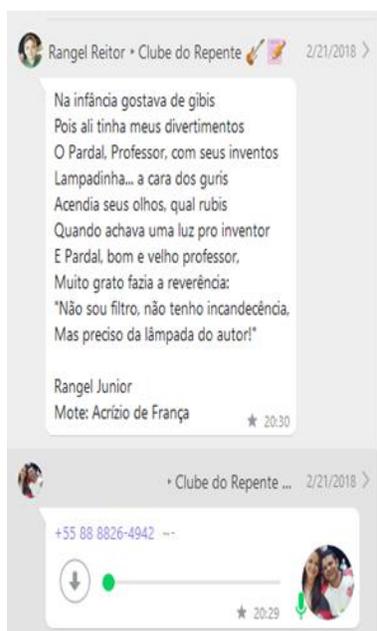
A proibição rigorosa de postagens relacionadas a quaisquer temas que não estejam relacionados (in)diretamente à cantoria de

repente parece ser um dos pontos de controle exercido pelo auditório – aqui, entenda-se a coordenação do grupo - que, rigorosamente, monitora os comportamentos dos participantes durante as interações, com penalizações, além de ‘censuras orais veladas ou explícitas’, também de exclusão automática (temporária ou permanente) para aqueles que postam o indesejado, ou que se utilizam do espaço para outros fins alheios ao universo da arte do repente. Nesta matéria o coordenador se orgulha de, segundo ele, ser o *Clube do Repente*, o “único grupo de *WhatsApp* que trata de cantoria no Brasil que tem lista de espera”. Como não tive como checar tal informação registro aqui o seu depoimento oral.

Em outras situações, a livre proposição e/ou defesa de motes em quaisquer momentos da interação permite intercalar glosas de diferentes motes, fato que, como já afirmei antes, gera certa confusão na dinâmica de participação. Às 20h30, em meio à defesa do mote “*Quanto tempo perdemos procurando/ Um motivo ideal prá ser feliz*”, o *Ap03* - a partir de mote “*Não sou filtro, não tenho incandescência/ Mas preciso da lâmpada do autor*”, proposto no dia anterior pelo repentista Acrízio de França – glosou a seguinte décima:



Para efeito de melhor visualização da dinâmica da produção poética no *Scrap* avaliado, descrevo a sequência ocorrida entre às 19h06 e 20h31, transcrita do scrap já analisado antes. Nela



A liberdade plena de glosar em quaisquer momentos do *Scrap* possibilitou, por exemplo, a *Ap03* iniciar a sequência com duas décimas, às 19h06 e 19h54, sendo intercalado por um áudio de um *ApOutro*, às 19h22, enquadrado na categoria *Satisfação/Elogio*, já que, às 19h59, *Ap03* responde com um *emoticon* de *Satisfação pós-elogio*.

Através da temática *A terra, a seca e a morte*, o apologista critica o acúmulo de bens materiais em vida (a ganância e a ambição) ao mesmo tempo em que – através das imagens da terra, do barro e do gorjeio do concriz – se aproxima da natureza sertaneja como opção de simplicidade e completude de vida. A reiteração dos temas sertanejos persiste enquanto forte característica da cantoria de repente na atualidade.

A sequência de estrofes motivou três interações posteriores: um áudio de um *ApOutro*. As performances deste apologista se marcavam, quase sempre, no grupo por leituras orais das glosas recém-criadas, em função de sua voz privilegiada. Em seguida, tivemos mais dois comentários elogiosos seguidos de uma *Satisfação pós-elogio* final de *Ap03*.

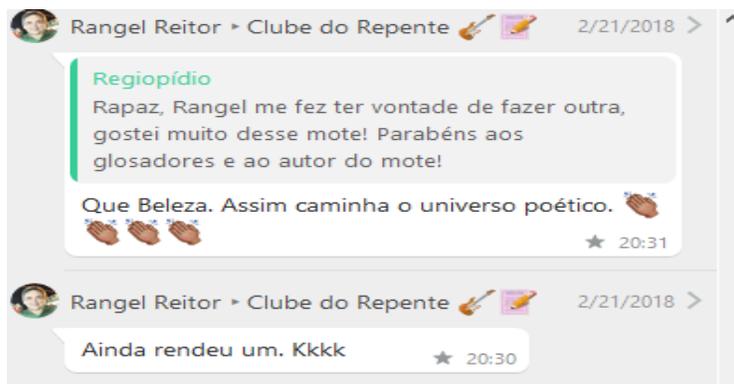
A intervenção seguinte é do apologista *Ap05*. No momento em que critica sutilmente as novas formas de interação via redes sociais (curtir foto ou compartilhá-las), este apologista, através de uma glosa estruturada sob a forma de conselhos, propõe as interações face a face como “geratrizes” para os grandes encontros. O verso “*Não aguarde o futuro lhe encontrar*” sugere ação proativa, inclusive na busca do outro. Entre a sua glosa e a seguinte, *Ap05* faz um comentário elogioso ao mote proposto.

Na glosa subsequente, de autoria de um *ApOutro*, postada às 20h20, a imagem dos desejos transportados através de elementos da físico-química (vetor, seta, lança, anis), que em seguida transformados em tédio, fundem ciência e sentimentos; razão e emoção; certeza e dúvida. Estrofe bastante elogiada, com três registros subsequentes: dois comentários elogiosos (sob a forma de aplauso e comentários) e um áudio de um *ApOutro*, com a declamação desta estrofe.

A quebra da coerência temática, desenvolvida no mote anterior ocorre às 20h30, quando *Ap03* passa a glosar um novo mote “*Não sou filtro, não tenho incandescência! Mas preciso da lâmpada do autor*”, desta feita trazendo à memória elementos da infância: as revistas de gibis (*Professor Pardal e seus inventos, Lampadinha, o brilho*

dos seus olhos). Como já afirmei antes, isso ocorre em função da simultaneidade de propostas de motes.

A sequência que segue, bastante comum na dinâmica de funcionamento do aplicativo, merece destaque especial, e envolve 03 (três) conversas e 02 (dois) participantes. Observemos o *print* abaixo:



Ao fim de sua glosa (às 20h30), *Ap03* comenta: (“*Ainda rendeu um. KKKK*”). Em seguida, às 20h31, após retomar um comentário elogioso de *Ap05* acerca da qualidade da estrofe, encerra o *Scrap* com uma reflexão elogiosa complementada por aplausos.

É pertinente esclarecer, conforme já tratei antes, que não se pode classificar de improviso a produção poética do *Clube do Repente*, mas fundamentalmente de glosas produzidas por apologistas. É consenso entre os repentistas que apenas os versos feitos na hora, mediados pelos baiões de viola, podem ser chamados de improviso.

Inúmeras foram as discussões, tratadas no *Clube do Repente*, acerca de questões pragmáticas próprias da cantoria, dentre as quais destaco as discussões acerca de formulação de rimas. É fato consolidado entre os repentistas as preferências pelas rimas mais acessíveis, marcadas, por exemplo, pelas formas verbais participípio e gerúndio: “*ando*”, “*endo*”, “*indo*”; formas verbais tanto infinitivas: “*ar*”, “*er*” e “*ir*” como desinenciais as mais diversas, tais como:

“ero”, “ava”, “eva”, “is”, “ei”, “ia”, etc; substantivadas em “ão”, “iso”; adjetivadas em: “ente”, “oso”, “iso”, “ero”, “ado”; adverbiais em “ente”; dentre uma infinidade de rimas destas decorrentes. Raramente tenho percebido, em versos produzidos por repentistas, rimas, por exemplo, entre as palavras proparoxítonas e/ou expressões proparoxítonas adjetivadas terminadas em “veis”.

Ademais, vale esclarecer, ainda no universo da arte do improviso, que comuns são o que chamo de consensos de rimas, isto é, uma certa leniência dos ‘críticos da cantoria’ com relação à aceitação de rimas mais sonoras do que propriamente de semelhantes na escrita: “Rapaz” com “atrás”; “feliz” com “quis”; “estar” com “está”; “anais” com “capaz”; “reluz” com “pus”, dentre outras combinações. Questão bastante discutida no *Clube*, para muitos repentistas a cobrança de rigidez extrema na rima – quando associada às exigências de métrica, ritmo e assunto impostos no improviso oral – é danosa e descabida.

Por essa razão, parece que há certo consenso tácito entre as comissões julgadoras de festivais de flexibilizar, nos julgamentos do quesito métrica, a rigidez de algumas rimas. Em conversa⁷² com o jovem repentista Luciano Leonel, no dia 17/06/2020, acerca do assunto, este assim se manifestou:

Desde como comecei como repentista, que os repentistas usam esse tipo de rimas improvisando. A gente sabe que não escrita não são tão exatas assim. Por exemplo, um pecado que a gente não comete cantando é de rimar *mulher* com *café*; *chegou* com *amor*, porque aí já é muito gritante, mas tem um tipo de rima, como a rima *faz* e *mais*... porque se você for rimar só *faz* com *paz* ou *desfaz*, você vai ficar ali, num aperto muito grande porque... Se cair um mote num festival com essas rimas, você vai usar essas três rimas e acabou...mas enfim, vai restringir muito, vai dificultar, então vai haver a repetição numa apresentação de rima, porque... pela falta delas. Então por isso que a gente bota *faz* com *mais*, com *atrás*. Umás coisas que a gente foi evitando ao longo do tempo, por exemplo: tem gente que rima *desespero* com *cheiro*, a gente sabe que não rima, né? É diferente. *Desespero* não o *i* no meio, né? Então, a gente evita, né? Mas tem outras que não dá para se evitar, porque... realmente, é aquela história, fica muito resumido.

⁷² Depoimento gravado por meio de áudio - via *WhatsApp* – no dia 17/06/2020.

Eu entendi o que Iponax quis dizer, quando disse que no grupo tinha essa regra para que fosse feito de outra maneira, da forma mais correta possível, mas não quer dizer que quando a gente vai cantar seja incorreto, porque sempre foi julgado assim. Eu acho que Iponax não deveria exigir essa rigidez toda. Porque tem gente ali no grupo que está aprendendo agora, tem uns que já sabem, tem outros que são mais desenvolvidos, enfim. Eu acho que não deveria aplicar essa regra como obrigação, não!! É assim e assim. Você escolhe do jeito que você faz. O que você achar melhor, desde que não seja errado, desde que não desmetrifique, desde que não faça *café* com *mulher*... mas por essas eu acho que passaria, entendeu? Até, lá, na minha postagem eu disse: “Então fica fácil... é só improvisar que a gente começa a escrever certo também (sorrisos) Até Iponax botou um áudio rebatendo, enfim, mas é isso... eu acho que na cantoria improvisada deve-se aceitar como se tem aceitado até hoje, até porque não é uma rima, assim... desastrosa como muita gente faz... mas num está rimando errado. Na escrita é diferente, pode-se aplicar da forma, vamos dizer assim, mais rígida, mas eu acho que na cantoria é desnecessário, entendeu? Mas como tudo se transforma nesse mundo, quem sabe na cantoria isso tudo venha a vigorar, mas por enquanto não.

O debate no *Clube* surgiu quando na mesma semana um dos apologistas postou uma décima na qual flexibilizou uma das rimas utilizadas. No depoimento acima, ficam claras questões importantes: a primeira apenas ratifica a importância do grupo na formação poética de novos apologistas. Por trás do combate rígido do coordenador, no que é postado no grupo, às rimas mais flexíveis, como as citadas pelo colaborador acima, está a compreensão de que a produção que ali ocorre é escrita e, como tal, deve obedecer à rigidez de rimas desta modalidade, situação distinta do improviso oral, o qual como vimos no depoimento acima, aceita certas rimas, desde que sejam tão ‘gritantes’ como mencionou o colaborador acima.

A discordância de posições pessoais de ambos os colaboradores, (o repentista Luciano Leonel e o coordenador Iponax Vila Nova) acerca da flexibilização de tais rimas no grupo corrobora inquietações distintas: o primeiro, a favor, alega ser a rigidez um empecilho na formação de novos poetas apologistas; o segundo, convicto de que a produção em glosa, ocorrida no *Clube*,

por ser de natureza escrita, a rima deve obedecer às exigências desta modalidade, como já afirmei antes. Para os apologistas iniciantes ter claras tais distinções é fundamental no processo de formação de sua poesia.

Neste sentido, na produção poética ocorrida no *Clube* tem se tornado consenso a proibição expressa deste tipo flexibilização. A justificativa da maioria dos repentistas e apologistas é unânime: verso glosado não é verso improvisado. Logo deve obedecer aos rigores da escrita.

Encerro este capítulo reiterando a importância do *Clube*, a partir dos seguintes pontos os quais considero mais relevantes. Em primeiro lugar enquanto escola de aprendizes de novos apologistas e poetas, através da prática dos principais gêneros da cantoria de viola. Em um segundo momento, enquanto fórum de discussão acerca de temas e questões relacionadas estritamente à arte do repente.

CONCLUSÃO

Para melhor sistematizar as reflexões finais, elenco alguns apontamentos e reflexões categorizados em três naturezas de abordagens, a seguir discriminadas: *A cantoria de repente seus repentistas: temas e perspectivas; os seus repentistas: categorizações, memórias e perspectivas; e O Clube do Repente: mais um suporte para a expressão das culturas de tradição oral.*

Na primeira abordagem, os resultados apontaram que se confirma uma tendência histórica da capacidade que detém arte do repente de poder se adequar e/ou driblar as diferentes matrizes e espaços sócio-históricos e políticos os mais diversos, fato que corrobora a constatação de que esta arte, enquanto expressão mais genuína dos sentimentos do povo, parece estar a serviço das lutas e inquietações deste mesmo povo.

Neste sentido, é fato que a arte do repente tem se revelado, historicamente, como uma arte que vem conseguindo driblar, se beneficiar e/ou conviver com todos os mecanismos de poder organizado, quer seja de natureza privada ou pública. Percebo que a sua capacidade de resistir e, de certa forma, conviver com as diversas formas de controle, lhe dá status de uma arte essencialmente nobre.

Em um lapso temporal de 50 anos, a cidade de Campina Grande (PB) se consolidou como importante centro para a cantoria de viola. A sua importância enquanto polo estratégico geográfico, cultural, político e econômico é determinante para que para aqui convergissem a arte do repente, claro nada seria possível sem a luta abnegada de uma rede de apoio logístico e financeiro de um grupo de poetas repentista e apologistas.

Percebi uma forte tendência dos repentistas a assumirem denúncias e apreensões marcadas pelas dores, indignação, revolta e apreensão popular, mesmo durante os eventos de cantoria nos quais, por meio de suas poéticas, assumiram, nos improvisos,

posições político-partidárias que refletiam polarizações ideológicas de um Brasil dividido.

Os repentistas improvisaram, durante as prévias das eleições de 2018 - que coincidiram com a prisão do ex-presidente Lula - questões políticas e ligadas à corrupção em um país fragmentado ideologicamente; abordaram paixões político-partidárias complexas. Alguns, nos improvisos, assumiram posições mais alinhadas à chamada direita, mas a grande maioria posicionou-se contrária tanto à prisão do ex-presidente Lula, como aos resultados das eleições de 2018, que culminaram com a vitória do atual Presidente Bolsonaro. Nesta situação, compreendo que o improviso tanto pode se configurar como arma de luta, como espécie de jato d'água que limpa os olhos de eventuais cegos.

As coisas e dramas do Sertão nordestino, as relações nem sempre harmônicas entre o homem e seu espaço, as adversidades climáticas e seus efeitos - quase sempre tratados na tríade morte, vida e redenção do ser - bem como a saudade e a melancolia, continuam a exercer profunda atração nas temáticas abordadas na poética da cantoria, não só para repentistas de origem rural, e que conviveram com os motivos sertanejos, mas também para os jovens profissionais, aqui categorizados. Nativos urbanos, embora com raízes familiares fincados no Sertão, esta faixa etária de repentistas, quando exigidos, improvisam com requintes sublimes de sutileza e detalhes os motivos sertanejos.

As iniciativas atuais de luta em defesa da manutenção da cantoria de repente na cidade de Campina Grande (PB) resumem-se a atos isolados, dentre os quais destaco, além dos muitos eventos, já mencionados acima, também o *Clube do Repente*. Todos realizados, ora no Teatro Municipal, ora em restaurantes da cidade.

Para a segunda abordagem, intitulada *Os seus repentistas: categorizações, memórias e perspectivas*, destaco que os dados apontaram para o surgimento e/ou renovação de uma geração atual de repentistas, até os 45 anos - por mim categorizados de jovens repentistas -, bastante promissora. Os recursos tecnológicos de que

dispõem para se atualizarem os qualificam a atingirem níveis elevados de maturidade profissional nas suas performances.

A constatação de que, em termos qualitativos, com base nos critérios avaliados (repente, poesia e bagagem de conhecimentos) os jovens repentistas superaram os profissionais das faixas etárias C e D (acima dos 45 anos) me permite concluir que é possível afirmar que as facilidades de acesso à informação e ao conhecimento, disponíveis a todos os profissionais da viola - comandadas pelas novas mídias sociais – têm sido mais utilizadas pelos jovens repentistas. Fatos, ocorrências, fenômenos, naturais ou não, episódios da história atual do Brasil (política, corrupção, dramas sociais de todas as naturezas) ou do mundo, ocorridos momentos, ou horas antes dos eventos, se transformam em armas eficazes para superarem seus opositores nos improvisos.

Vislumbro boas perspectivas para o futuro da cantoria de repente no Nordeste brasileiro. A nova geração de profissionais, seguindo uma tendência histórica típica da cantoria, vem sabiamente driblando as dificuldades e se utilizando do que melhor pode dispor no seu tempo: o uso eficaz das ferramentas tecnológicas em seu benefício. A seguir pontuo algumas facilidades e/ou desafios do cotidiano de tais profissionais.

A primeira refere-se ao amplo crescimento do mercado da cantoria no Nordeste inteiro e parte substancial do eixo Rio-São Paulo. Penetração tanto nos diversos espaços urbanos diversificados (teatros, universidades, feiras, convenções, escolas, encontros e apresentações em workshops de empresas comerciais diversas) como nos remanescentes redutos rurais, a maioria beneficiados pela massificação das ondas do rádio e, muitos, pela internet.

Em segundo lugar, as facilidades crescentes de acessibilidade às ferramentas tecnológicas de atualização profissional. Um simples *smartphone*, ligado às redes sociais, e com mínimos recursos tecnológicos de áudio e vídeo, pode fazer a diferença para o repentista entre o seu sucesso e seu fracasso na sua rotina profissional.

Em terceiro lugar, a constatação do ranking dos melhores profissionais – criado pelos ‘críticos da cantoria’ e pelos próprios repentistas - ampliou-se substancialmente também para os repentistas das faixas etárias A e B. Hoje, para enquadrar-se no panteão dos grandes da cantoria – com agenda cheia durante o mês inteiro – não basta ser famoso, ou pertencer à categoria dos que denomino de semideuses da arte do improviso. A massificação de arquivos de apresentações de vídeos de eventos de cantoria disponibilizados nas plataformas digitais – *Youtube*, por exemplo – permitiu a criação de um seleto grupo de críticos e apreciadores da arte do repente cada vez mais exigentes, responsáveis por acompanhar, avaliar, criticar e, inclusive, propor motes e assuntos aos seus repentistas favoritos. Presenciei depoimentos de apologistas mais cuidadosos e exigentes, por exemplo, criticando o fato de ter ouvido na plataforma do youtube uma mesma décima, ou um baião de sextilhas, repetidos em mais de um evento no qual certo repentista participou.

Muitos dos apologistas, quando participam dos eventos de cantoria, o fazem motivados, quase sempre, por interesses específicos: conhecer seu ídolo pessoalmente, vangloriá-lo e vangloriar-se dos seus feitos, admitir que tem todos os CD dele, elogiar determinado mote ou assunto que eventualmente o repentista tenha desenvolvido em certo CD ou DVD, enfim, estabelecer uma necessária interação, fundamental para ambos e, com efeito, para o futuro da arte do repente.

Em quarto lugar, convém admitir que, excetuando-se casos raros de profissionais da viola que conseguem manter agenda de eventos completa durante o mês, a grande realidade é que a maioria dos repentistas também se autoempresaria. Em conversas com alguns deles, me afirmavam que nos meses considerados fracos não conseguem realizar mais que três cantorias mensais. Há um exército de repentistas, sobretudo hoje, em períodos de escassez de cantoria, provocada pela pandemia que nos assola, sobrevivendo – quando muito – de escassas ‘lives’ das chamadas cantorias virtuais com ‘bandejas online’.

Após 50 anos de luta, vejo como consolidadas muitas conquistas profissionais dos repentistas: o reconhecimento da profissão, através de Lei Federal⁷³; a consolidação, pelo menos tácita, de valores de cachês, agendas semanais de apresentações para boa parte dos repentistas; aumento da qualificação acadêmica de muitos, com alguns inclusive pós-graduados.

Por fim, no terceiro aspecto por mim proposto, O *Clube do Repente: mais um suporte para a expressão das culturas de tradição oral*, reitero a importância do deste grupo para o desenvolvimento da cantoria de repente no Nordeste brasileiro a partir de duas naturezas de contribuição: a primeira, refere-se ao seu caráter pedagógico e formador de novos apologistas no ofício de construção das principais modalidades desenvolvidas na cantoria de repente. E a segunda, enquanto fórum de discussão acerca de questões relacionadas à profissão e a seus profissionais, tais como: publicização das agendas dos eventos da cantoria; direitos autorais e de divulgação das imagens; espaço permanente de produção poética diversificada de temas e gêneros ligados à arte do repente, de autoria majoritariamente de apologistas, dentre outras questões correlatas à categoria.

O caráter híbrido e interativo da mídia de *WhatsApp* – ao fundir texto, áudio, vídeo, imagem – tem se revelado como de grande eficácia para as interações que se realizam no *Clube do Repente*. Tem se tornado uma regra tácita a de que os participantes do grupo, quando assistem ao vivo os eventos de cantoria, distribuídos em diferentes regiões do Nordeste, façam *links* de postagens, em tempo real, de gravação (em áudio e vídeos) dos diferentes momentos destes eventos, quase sempre seguidos de fotos. Em muitas situações, comuns são discussões acaloradas que ocorrem entre os participantes, após estas postagens, momentos em

⁷³ Lei Federal 12.198/2010, promulgada pelo então Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva. Originou-se de 02 (dois) projetos de lei: 613/2017 (Do Deputado André de Paula – DEM/PE) e 1.112/07 (do então Deputado Federal Wilson Braga – PMDB/PB).

‘os críticos da noite’ passam a julgar o desempenho das performances dos repentistas envolvidos.

Na condição de apologista-participante do *Clube*, julgo momentos como estes de grande importância na medida em que me possibilitaram aprender e/ou melhor me aprofundar com os profissionais da viola acerca das regras que regem o cânone de produção das modalidades da cantoria.; permitiram-me poder interagir e contribuir com a discussão na medida das minhas possibilidades e conhecimentos; fizeram-me compreender, com efeito, que há disputas internas entre repentistas que envolvem territórios, egos, invejas, cachês, ciúmes; que devo respeitá-las, interferir o mínimo possível, já que conquistei muitos amigos dentro da categoria.

A luta empreendida até aqui, por promoventes, repentistas e apologistas abnegados, deve continuar com novo impulso, agora com o apoio irrestrito dos novos suportes de mídia, mais céleres, eficazes e de grande penetração, sobretudo onde a internet puder se adentrar. Maior discussão e publicização dos eventos de cantoria de repente garante para as gerações futuras um protagonismo necessário e urgente às poéticas do oral.

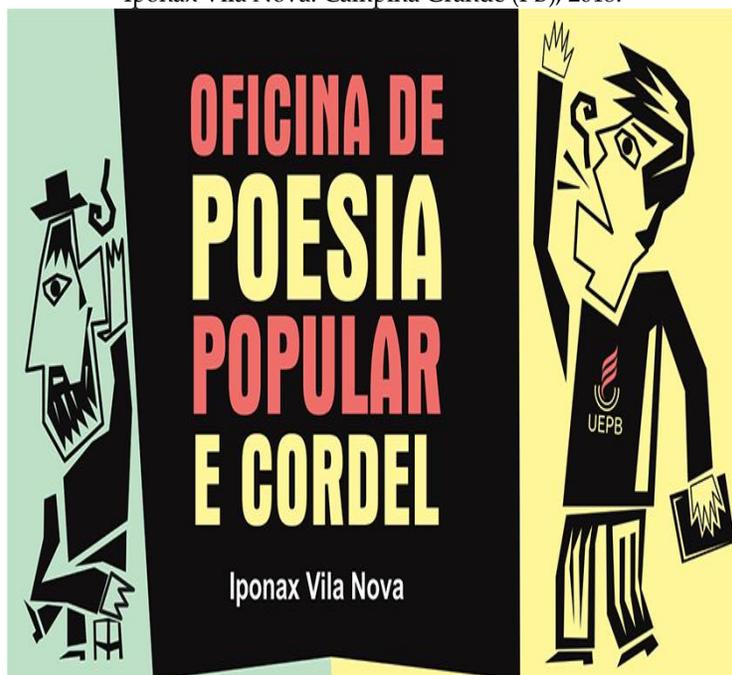
Na condição de apologista-participante e membro deste *Clube* tenho observado a importância estratégica deste grupo enquanto espaço mobilizador de grandes ações de legitimidade e crescimento das culturas de tradição oral, mais especificamente a cantoria de repente, para as gerações futuras. Dentre tais ações destaco: realização em Campina Grande (PB) de quatro grandes eventos, sendo três anuais: FENOGGER (Festival da Nova Geração do Repente) em abril; Estado x Estado, em novembro; e FEMIR (Festival dos Mulheres do Improviso); além de um mensal: cantoria mensal do projeto *Clube do Repente*, realizada nas primeiras quintas-feiras. Ademais, temos realização, em parceria com a Universidade Estadual da Paraíba, de oficinas de cordel. Em outra vertente temos um programa radiofônico diário de cantoria de viola, intitulado Universo dos Versos, das segundas-feiras aos sábados, das 05h às 06h, idealizado e apresentado pelo promovente Iponax Vila Nova

há mais de 15 anos. Iniciativas todas concebidas e coordenadas por este promovente.

O alcance deste projeto se alia lentamente a ações de natureza acadêmica, dentre as destaco a seguir. Atualmente, lidero – com base na proposta veiculada fruto da minha tese de doutoramento, - um grupo de pesquisa intitulado GRUPEO (Grupo de Pesquisa de Estudos da Oralidade), ligado ao Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, cadastrado no CNPQ, e composto por 17 alunos(as) da graduação, pesquisadores(as) das poéticas do oral, com ampla produção científica. Ademais, esta ação deve-se juntar a outras que pretendo articular, desta feita de Extensão, que deverão envolver o *Clube do Repente* e a Universidade Estadual da Paraíba.

Tais ações serão desenvolvidas a partir de duas naturezas de atividades: as primeiras com ampliação das ações de Extensão na instituição acima mencionada com cursos, seminários, palestras e oficinas coordenados e ministrados pelos próprios participantes do *Clube do Repente* e convidados, ação já em desenvolvimento na PROCULT/UEPB em convênio com a coordenação do *Clube do Repente*, desta feita envolvendo o público alvo das escolas da rede básica de ensino, bem como os alunos dos cursos de Letras, ou interessados, com temáticas que versem sobre os seguintes temas: a importância das culturas populares no cenário nordestino; a importância das poéticas do oral no cenário da literatura brasileira; estudo dos principais gêneros explorados em tais culturas (coco, cantoria de viola, folheto de cordel, canção, romance, aboio, rezas, etc); oficinas de produção poética das principais modalidades exploradas na cantoria de viola; discussão acerca das questões práticas que envolvem a profissão de repentista na atualidade, tais como: direitos autorais, organização profissional da categoria, dentre outras questões correlatas.

Ilustração 12 - Fôlder de publicidade de oficina de cordel, promovida pela UEPB/PROCULT, coordenada e apresentada pelo promovedor de cantoria Iponax Vila Nova. Campina Grande (PB), 2018.



Fonte: (Arquivo pessoal).

PALAVRAS FINAIS

Iniciei esse livro falando de uma desvelada paixão que passei a nutrir pelo improviso de viola. Encerro-o tratando de amor maturado. Entre o fogo da primeira e a serenidade do segundo muitos frutos daí advieram. Esta obra, fruto de tese acadêmica, é um deles. Amor e paixão – junto à saudade, esperança, Sertão, dor, tristeza, desilusão e superação – também fazem parte de uma nuvem de temas decantados pelos repentistas e apologistas da viola. Tem sido impagável, para além das bandejas que tenho contribuído nos tradicionais pés-de-parede e ingressos de festivais, ver os repentistas improvisando nos seus versos, esta gama de temas; acompanhar dos bastidores a luta da categoria driblando as inúmeras dificuldades e podendo, vez em quando, contribuir na discussão; tornar-me um apologista participante assíduo de pés-de-parede, podendo inclusive propor assuntos e motes metrificados e com certa substancia; perceber as nuances, os não-ditos, as sátiras, desencantos, denúncias e esperanças refratados nos improvisos criados em meio a um ano de eleições gerais no Brasil, o de 2018; acompanhar o recente, complexo, lento e difícil processo de readequação, em tempos de pandemia, de muitos profissionais da cantoria ao sistema de *lives* de pés-de-parede; aprender as estruturas básicas das principais modalidades desenvolvidas na cantoria, através do *Clube do Repente*; por fim, poder ter construído uma nuvem de amigos, apologistas e repentistas.

É, portanto, com este sentimento de desvelo e revelação de um amor construído pela poética do oral que convido o leitor a ir além da leitura desta obra; a visitar um pé-de-parede, ouvir um baião de sextilhas dos muitos disponibilizados nas redes sociais, enfim, conhecer mais de perto esta bela arte.

REFERÊNCIAS

- ACHILLES, Daniele; GONDAR, Jô. *A Memória sob a Perspectiva da Experiência*. In: Revista Morpheus: estudos interdisciplinares em memória social, Rio de Janeiro, v. 9, n. 16, ago./dez. 2016. p. 177).
- ANDRADE, Mário de. *O Turista Aprendiz*. Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Telê Ancona Lopez, at. ali. Brasília (DF): IPHAN, 2015.
- ARANTES, A. A. *O trabalho e a fala*. São Paulo: Kairós/FUNCAMP, 1982.
- AYALA, Maria Ignez Novais. *No Arranco do Grito: aspectos da cantoria nordestina*. São Paulo (SP): Ática, 1988.
- _____. *Riqueza de Pobre*. In: *Literatura e Sociedade*. Revista de Teoria Literária e Literatura. Comparada. USP. São Paulo, 1997.
- _____. *ABC, Folheto, Romance ou Verso: a literatura impressa que se quer oral*. In: Revista Graphos. João Pessoa. Vol. 12. N. 02, Dez. 2010. (P. 52-73).
- _____. *A Cultura Popular em uma Perspectiva Empenhada de Análise*. In: FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. *Oralidade e literatura: manifestações e abordagens no Brasil*. (Org.) – Londrina (PR): UEL: 2013, p. 104-132.
- AYALA, Maria Ignez Novais; AYALA, Marcos. *Metodologia Para a Pesquisa das Culturas Populares*. (Orgs). Crato (CE): Edson Soares Martins, 2015.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12ª edição. São Paulo (SP): 2006, Hucitec.
- BATISTA, Francisco Chagas. *Repentistaes e Poetas populares*. 2ª ed. (Notas de Sebastião Nunes Batista). João Pessoa (PB): Editora Universitária/ UFPB, 1997.
- BATISTA. Sebastião Nunes. *Poética Popular do Nordeste. Literatura popular em versos*. (02). Rio de (RJ): Fundação Casa de Rui Barbosa, 1982.
- BENVENISTE, É. 1989. *Problemas da Linguística Geral II*. Campinas, Pontes/Editora da Universidade Estadual de Campinas.

- _____. *Últimas aulas no Collège de France* (1968 e 1969). (Edição estabelecida por Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio). Trad. Danil Costa da Silva (et al). São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- BORNHEIM, Gerd. (et. all) (Orgs.). *Cultura Brasileira. Tradição, Contradição*. Rio de Janeiro (RJ): Jorge Zahar Editor/ Funarte.
- BOSI, Alfredo. *Cultura Brasileira: temas e situações*. 2ª ed. São Paulo (SP): Ática, 1992.
- _____. *Literatura e Resistência*. 1ª reimpr. São Paulo (SP): Companhia das Letras, 2002.
- BOSI, Ecléa. *O Tempo Vivo da Memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo (SP): Ateliê Editorial, 2003
- _____. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo (SP): Companhia das Letras, 1994.
- BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. *Enunciado/enunciado concreto/enunciação*. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 61-78.
- CALVET, Louis-Jean. *Estilo Oral*. In: QUEIROZ, Sônia. (Orgs.) *A tradição Oral*. Tradução: (Sônia Queiroz, et. all). 2ª ed. Belo Horizonte (MG): FALE/UFGM, 2016. (p. 41-46)
- CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. 9ª ed. Revista pelo autor. Ouro Sobre Azul. Rio de Janeiro (RJ): 2006.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Vaqueiros e Repentistas*. São Paulo: Global, 2005.
- _____. *Literatura Oral no Brasil*. São Paulo: Ed. Itatiaia/Editora da USP, 1984.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade*. (Tradução: Heloíza Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa). 4ª ed. 4ª reimpr. São Paulo (SP): Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- CASTELLS, Manuel. *A Era da Informação*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. *The Network Society*. Cheltenham: Elgar, 2004.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões. (Campanha de Canudos)*. Texto integral. 6ª reimpressão. São Paulo: Martin Claret, 2013 (p. 20).

FERNANDES, Frederico (Org.). *Oralidade e Literatura: manifestações e abordagens no Brasil*. Londrina: Eduel, 2003.

FERREIRA, Jerusa Pires. *Matrizes Impressas do oral. Conto Russo no Sertão*. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2014.

FINNEGAN, Ruth. *O significado da literatura em culturas orais*. In: QUEIROZ, Sônia. (Orgs.) *A tradição Oral*. Tradução: (Sônia Queiroz, et. all). 2ª ed. Belo Horizonte (MG): FALÉ/UFMG, 2016.

GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do Cárcere. Vol. 01 (Cadernos 01, 06, 07, 08, 10 e 15). Vol. 04 (Cadernos 16 e 26). Vol. 05 (Caderno 25). Vol. 06 (Cadernos 21, 23 e 27)*. (Tradução de Carlos Nelson Coutinho). Rio de Janeiro (RJ): Civilização Brasileira, 1999.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. (Tradução de Laurent León Schaffter). Edições Vértice. São Paulo (SP): Editora da Revista dos Tribunais, 1990.

LASH, Scott. *Critique of information*. Oxford: Polity Press, 2002.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. (Tradução de Bernardo Leitão) (Et. all). Campinas (SP): Editora da Unicamp, 1996.

LEVY, Pierre. *Cibercultura*. (Tradução de Carlos Irineu da Costa). São Paulo (SP): Editora 34, 1996.

MATTOS E SILVA, R. V. *Caminhos da linguística histórica – “ouvir o inaudível”*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

NASCIMENTO, Ana Carolina Carvalho de Almeida. *Das feiras nordestinas às praças da capital”: cordel contemporâneo no Rio de Janeiro*. 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014 em Natal/RN.

NÓBREGA, Marcelo Vieira da; MELLO, Beliza Áurea de Arruda. *O Ser, a Terra e o Céu: um Olhar Bachelardiano para a imaginação poética no improvisado do repente na cantoria de viola*. In: Revista Letras (UFMS). Vol. 27. Número 55. Pág. 87-107. Jul/Dez. 2017.

NUNES, Edson de Oliveira. (org). *A Aventura Sociológica. Objetividade, paixão, improvisado e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978)

OLIVEIRA e PAIVA, Vera Lúcia Meneses de. *A Linguagem dos Emojis*. In: *Trabalho de Linguística Aplicada*. Campinas (SP): (N. 55.2). mai/ago 2016). (p. 379-399).

- RAMALHO, Elba Braga. *Cantoria Nordestina: música e palavra*. Rio de Janeiro (RJ): Terceira Margem, 1990.
- RICOEUR, Paul. *Rumo a Uma Hermenêutica da Consciência Histórica*. In: *Tempo e Narrativa* da obra Tempo e Narrativa – Tomo III. (Trad. Roberto Leal Ferreira). Campinas (SP): Papyrus, 1997.
- RÜDIGER, Francisco. *As Teorias da Cibercultura: perspectivas, questões e autores*. Porto Alegre (RS): Sulina, 2011.
- SANTAELLA, Lúcia. *Culturas e Artes do pós-humano: da cultura das mídias à Cibercultura*. São Paulo (SP): Paulos, 2003.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Introdução a uma Ciência Pós-Moderna*. Porto: Afrontamento, 1989, (6ª edição).
- SCHIPPER, Mineke. *Literatura Oral e Oralidade Escrita*. In: QUEIROZ, Sônia. (Orgs.) *A tradição Oral*. Tradução: (Sônia Queiroz, et. all). 2ª ed. Belo Horizonte (MG): FALE/UFMG, 2016. (p. 41-46) (p. 11-24).
- SOBRINHO, José Alves. *Dicionário Biobibliográfico de Poetas Populares*. 2ª ed. Ampliada e reformulada. Campus II – UFPB – Campina Grande (PB): 1990.
- SUASSUNA, Ariano. *Iniciação à Estética*. 8ª ed. Rio de Janeiro (RJ): José Olympio, 2007.
- TAVARES, Bráulio. *Arte e Ciência da Cantoria de Viola*. (Vol. I. *Cantoria: regras e estilos*). Bagaço. Recife (PE): 2016
- TERRA, Ruth B. L. “*Literatura de folhetos: persistência de uma forma de comunicação popular*”. Texto-base para comunicação apresentada no IX Encontro Brasileiro de Comunicação Social, item IV por uma memória da documentação popular, Painel “Usos e abusos da literatura de cordel”. (Mimeo.).
- XIDIEH, Oswaldo Elias. *Narrativas populares: estórias de Nosso Senhor Jesus Cristo e mais São Pedro andando pelo mundo*. Belo Horizonte (MG)/Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1993. (Reconquista do Brasil, 173).
- ZUMTHOR, Paul. *Introdução à Poesia Oral*. (Tradução de Jerusa Pires Ferreira, et. al). Belo Horizonte (MG): Editora da UFMG, 2010.
- _____. *Performance, Recepção e Leitura*. (Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich). São Paulo (SP): Cosac Naify, 2007.

_____. *A Letra e a Voz: a "literatura medieval"*. (Tradução Amálio Pinheiro e Jerusa Pires

Ferreira). São Paulo (SP): Companhia das Letras, 1993.

_____. *Escritura e Nomadismo: entrevista e ensaios*. (Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Sonia Queiroz). Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2005.

Dissertações de Mestrado e teses de Doutorado

Dissertações de Mestrado

AMORIM, Maria Alice. *No Visgo do Improviso ou A Peleja Virtual entre a Cibercultura e a Tradição: comunicação e mídia digital nas poéticas da oralidade*. Dissertação de Mestrado. PUC/SP: 2007.

_____. *Pelejas em Rede: vamos ver quem pode mais. Comunicação em múltiplos suportes e ambientes no cordel e no repente*. (Tese de Doutorado). PUC/ São Paulo: 2012.

ARAUJO, João Mauro Barreto de. *Voz, Viola e Desafio: experiências de repentistas e amantes da cantoria nordestina*. Dissertação de Mestrado. USP: 2010.

MELO, Rosilene Alves de. *Arcanos do Verso: trajetórias da Tipografia São Francisco em Juazeiro do Norte, 1926-1982*. Dissertação de Mestrado. CH/UFC, (2003).

SANTOS, Edmilson Ferreira dos. *Desafio no Repente: A poética da cantoria na contemporaneidade*. Dissertação de Mestrado. UFPB: 2017.

SOUZA, Laércio Queiroz de. *Mulheres de Repente: vozes femininas no repente nordestino*. Dissertação de Mestrado. UFPE: 2003.

SOUZA, Tiago Barbosa de. *A Performance na Cantoria Nordestina e no Slam*. Dissertação de Mestrado. UFC: 2011.

Teses de Doutorado

AMORIM, Maria Alice. *Pelejas em Rede: vamos ver quem pode mais*. Tese de Doutorado. PUC/SP: 2012.

CASTRO, Simone Oliveira de. *Memórias da Cantoria: palavra, performance e público*. Tese de Doutorado. UFC: 2009.

NÓBREGA, Marcelo Vieira da. *A cantoria de viola na contemporaneidade: seus poetas em performance e memórias; estratégias para formação poética de apologistas e repentistas*. Tese de Doutorado. PROLING/UFPB. João Pessoa (PB): 2020.

SAUTCHUCK, João Miguel Manzollilo. *A Poética do Improviso: prática e habilidade do repente nordestino*. Tese de Doutorado. UNB: 2009.

SILVA, Andréa Betânia da. *Entre Pés-de-Parede e Festivais: Rotas da(s) Poéticas Oraís na Cantoria de Improviso*. Tese de Doutorado. UFBA/ l'Université Paris Ouest Nanterre La Défense: 2014.

SILVA, Simone. *'A gente não esquece porque a gente sabe o que vai dizer'*. *Uma Etnografia da Cantoria de Pé-de-Parede da Zona da Mata de Pernambuco*. Tese de Doutorado. UFRJ: 2010.

SOBRE O AUTOR



Meu caro(a) leitor(a), sou Marcelo Vieira da Nóbrega, filho de Seu Chiquito e Dona Rita. Sexto rebento de uma penca de 10 e nascido no Sítio Canto Fino, distrito de Assú (RN), sertãozão nordestino de meu Deus. Já nasci cultuando as coisas simples lá de nós: o cheiro doce e puro da manhã invernada, barricada, grito da bicharada e o mágico parto das sementes se matando em flores no pós-chuva. Tudo já era poesia e eu não sabia; mas também experienciei a inclemente dor que todas as secas me impactaram: muita falta de água e abundância de fomes e sedes as mais diversas. Dentre muitas, um desejo danado de estudar, sair, matar a fome e a sede. Com luta fizemos. Consegui, viajei, estudei, me formei, mas ainda com uma saudade danada do cheiro doce de meu Sertão. Ouvi os primeiros repentistas em ação através da Rádio Rural de Mossoró (RN) – 990 Kz - ainda no Canto Fino, lá pelos anos 70. Foi amor à primeira vista. Depois em Assú. Depois em Campina Grande (PB), epicentro forte da arte do repente. Fiz graduação em Letras (Inglês/Vernáculo) (UEPB), Letras-Libras (UFPB), Direito (UEPB), e no momento curso licenciatura Filosofia também pela UEPB. Neste ínterim, surge um Mestrado em Ciências da Sociedade (UEPB) e, por fim, um Doutorado em Linguística, pela UFPB, cujo objeto de pesquisa versa justamente na cantoria de repente. Bom, achei na poesia mais simples, nascida na improviso dos repentistas uma das muitas formas de matar a saudade lá do meu Sertão. Passei a estudá-la com mais ênfase. No momento sou docente efetivo do Departamento de Letras e Artes da UEPB em Campina Grande (PB).

O imprevisto sobrevive
Nos meandros da existência
Na vida faz sua essência
Na dor é que ele vive
É na flor que ele convive
Morre e vive na porfia
Transcendendo a pandemia
É da vida enamorado
Povo bom, muito obrigado
Leia o livro todo dia.

**(Marcelo Vieira da Nóbrega
Fevereiro de 2023)**

